




A Duqueza de Bragança



TYPOGRAPHIA E STEREOITYPIA MODERNA
Beco dos Apostolos, 11, 1.º





À Duqueza
de Bragança





JOSÉ CARLOS DE GOUVÊA

A Duqueza de Bragança

POEMA EM OITO CANTOS



LISBOA

TIPOGRAPHIA E STEREOTYPIA MODERNA

Beco dos Apostolos, 11, 1.º

1898





LIBRARY

OCT 0 5 2000

UNIVERSITY OF TORONTO



CANTO PRIMEIRO

O regresso do Duque

I

Da gelida mortalha, que te envolve,
O' genio do passado altivo surge;
Da gloria d'este povo, que foi grande.
Os hymnos um momento audaz desperta.
Dos luzos d'outras eras dai-me o esforço,
Prestai-me no meu canto o fogo, o impeto
Que as quinas portuguezas sobre os mares
Por ignotas paragens dirigia.
Tu idolo prostrado, estro fecundo,
Da campa, que tres seculos calcãram,
Levanta o marcio vulto, o fero porte,
E n'um grito d'angustia aos povos narra
O que foi a nação aventureosa,
Qual o arrojo, o poder dos lusitanos.
Proclama ao som das tubas vencedoras
O terror, o respeito, que no mundo
A's nações mais possantes este povo

Pequeno mas heroe sob'rano exige.
Desperta do teu somno prolongado,
E a espada flammejante sobre as cinzas
D'esses dias de gloria ergue arrogante.

II

Só tu, que dois colossos reuniste
Sobre o throno onde brilha aereo labaro,
Onde a c'roa fulgente de Petrarcha
Os vindouros invita a eterna fama ;
Só tu, que os dois gigantes do talento,
De Lysia padrões d'eterna gloria,
A quem lustros sessenta separaram,
Uniste n'um só elo indissolúvel ;
E de louros cercados lá no Olympo
Os deixaste formando a luz do espirito,
O genio que preside às lettras patrias :
Só tu, que de Camões e de Garrett
O idolo formaste d'este povo,
Que n'elles sempre vivos tem seus fastos,
Repletos de bravura e d'heroismo ;
Só tu meu guia podes ser nas trevas,
Que abundam sobre a misera progenie
De vultos, que serão immerredouros
Da patria, das nações, no livro aberto.
Oh ! presta-me um momento, (ser não julgo
Pretencioso, fero desacato),
A lyra, que pulson sublime vate ;
Dá-me o estro, a candura, o sentimento,

Uma faisca só d'aquelles fachos,
Que o mundo alumiarão com seu brilho,
Que aos povos do porvir ensina o rastro.

III

Das quinas o pendão, terror da Lybia,
Descendo pelas plagas arenosas,
Galgára já por fim além dos tropicos ;
Das tormentas ao cabo era chegado,
E ovante se implantára em novas terras,
Entre gentes, que os filhos d'esta Europa
Jamais tinham sonhado. Inda seguia
Sob um ceu nunca visto, em novos mares,
Do Ganges a buscar as fertes ribas,
Da India opulenta o grande imperio :
E nos mares d'oeste tremulando,
A encontrar lá ia um mundo virgem,
Onde surge qual sonho um novo imperio.
O rei afortunado ao sceptro d'ouro
O oceano acurvara, e com orgulho
No throno foi sentar-se de dois mundos !
De faustosa nobreza rodeado,
Do rispido João largando a senda,
O brilho renovou d'aureos califas,
Os nobres desterrados avocando
A' terra de seus paes. De novo á còrte
O mais nobre fidalgo então volvia,
O duque de Bragança, o tenro joven
D. Jayme, que no exilio inda expiava

Do seu progenitor rebelde intento.
O duque de Bragança, o alto vertice
Da mais alta nobreza lusitana.

IV

Ao despontar da vida, tenro infante,
O destino a tragar o pão do exílio
Para longe da patria o expulsára.
Como a tenue florinha, que da hastea
Partida separou turbido boreas
E ao longe da torrente, que rebrame,
Tombar foi no profundo, immenso vortice,
Assim, fragil vergontea em terra extranha,
Arrastado se viu pela procella,
Que seu pae arrojou sobre o patibulo:
Mas alli, sobre as ondas perfumadas,
Nos echos das victorias e conquistas,
Robusta vegetou, floriu, gigante ;
E agora ao despertar da juventude
A' terra do seu berço regressava,
Quando já prematuros desenganos
Lhe mostráram da vida o negro embuste,
E em tristes, melancolicas, endeixas
Trocaram os encantos, as blandicias
Que os primeiros vagidos lhe embalaram.
No azul transparente das pupillas
A ternura, o pezar, alli reflectem
Suspiros, que seu peito exhala a farto ;
Segredos, que seus labios não transmittem,

O seu perfil austero e magestoso
A regia prosapia denuncia,
E da nobreza a par do fero orgulho,
Tem do poeta o sonho, o vago instincto.

V

Tal o duque D. Jayme, o primogenito,
D'esse altivo Fernando, do que ao sceptro
Regou com sangue seu, triste victoria.
Tal a flôr arrojada ao negro exilio
O joven foragido em terra alheia.
Mas elle, que anhelava à patria incolume
Um dia regressar, pizar seu solo,
Que diria ao passar nossa fronteira:
—Enfim é Portugal. . . o chão que piso
E' a terra da patria, a minha terra:
E' este o sol que vi surgindo ao mundo,
A brisa que aspirei; este o aroma,
O ar da minha infancia, do meu berço;
São os campos da patria, a relva, as flôres,
Tudo aqui portuguez é n'este solo;—
Entrava taciturno e merencorio
Na côrte de Manuel, e com saudade
Nas risonhas campinas andaluzas,
Nos luxuosos paços castelhanos,
Sombrio, suspirando, meditava.
Nem ao menos saudava o Tejo aurifero,
Que despota dos mares, leis despoticas
Do mar à vastidão rugindo impunha.

VI

Oh! será um destino avaro e duro
Que nunca possa o homem ser ditoso!
E que sempre a ventura annuviada
Por uma sombra seja?

Algun mysterio

Occulta no seu peito generoso
O nosso joven duque. Quando gallas
O cercam, olvidando um odio extincto,
Que o regresso feliz sauda a còrte;
Quando em jubilo o peito, arfar devia,
Que vê em torno a si a patria, a gloria
Quando um anjo lhe aponta aureo futuro,
Porque triste ficou? Ha um mysterio,
Um segredo, que preza, e o mundo ignora,
Que aos labios não accusa... oh! então basta,
Que no timido arcano amôr se occulta.

VII

Silencio pois: — respeito affectos d'alma,
Que zelosos escondem a ventura,
Que as turbas conhecer jámais deviam;
Que ternos, infelizes, sob o tumulo
Alguma eterna dôr sepultam morbidos;
Que nobres sabem ser e sempre grandes
Quer a sorte propicia, ou dura seja;

Que são do casto amor o fructo angelico.
Que segredo maior no mundo existe?
O segredo politico, o d'estado,
Outro qualquer enfim, que a arte invente;
Dizei-me, ó estadistas fervorosos,
Algum d'esses mysterios, que intrincados
Nas altas regiões haver costuma,
Na esphera da — cartaz — diplomacia,
Valer pôde uma estrophe d'esse cantico
A que os anjos amor chamam no olympo?
O amor, eterno hymno, quem já poude
Na terra definil-o? quem sustenta,
Que sabe o que elle pôde, o que tem sido,
O seu rumo, o seu alvo, a sua origem,
O que vale, o que importa, o que promette?

VIII

Um sigillo amoroso, puro, ingenuo,
Abriga o joven duque: em terra estranha
O coração deixára. A' patria sua
Trazia da saudade o acerbo espinho.
Do feliz vencedor da bella Alhambra
A' còrte já o liga um terno laço;
Lá fôra, que entre os eccos das victorias,
D'aquella còrte austera entre os cilicios,
Ante o perfido horror de Torquemada,
Solemne juramento proferira
D'amor o mais leal, eterno e puro:
Lá em letras de fogo um sim ficara,

Ligações e promessas mil incognitas ;
O mais firme penhor d'um cavalleiro,
D'um prócere a palavra, o juramento.

IX

De luzido cortejo acompanhado
A' còrte portugueza se aproxima
E como sobre o ar vèem juntar-se
As nuvens conglobadas, alterosas,
De rutilante brilho e còr variada,
De pura franja orladas d'ouro fino,
No descahir do sol ao turvo pelago :
Como sobre a montanha de granito,
No dorso de gigante, se approximam
Ante o astro do dia coruscantes
De gelo outras montanhas, que se juntam
Com o immenso fragor de mil bombardas,
Aos alcantis, aos mattos sobrepondo
Uma enorme crusta, que rebrilha,
E que ao longe reflecte e nos deslumbra ;
Assim ao rennir-se o duque e o principe
Da illustre fidalguia rodeados,
Dos guerreiros heroes das luctas d'Africa,
Ao povo deslumbado, á lusa gente,
Um tão grande esplendor e regio brilho
Das mais sublimes pompas ostentaram,
De tão ricos thesouros, como nunca
Eguaes se tinham visto em Lusitania !

X

Mas serena a expansão do immenso jubilo,
As regias saudações, o grão monarcha
Perante a egregia còrte assim dizia :
— Enfim ó nobre duque á excelsa patria
Restituído sois : encontrar vinde
Com o meu o amor da lusa prole,
A benção da nobreza, e d'este povo
A muda sympathia, o doce affecto,
Que a vossa desventura despertára.
Queiraes vós esquecer tanta amargura,
Do exilio o duro pão, acerbas magoas.
Possaes aqui gosar na lusa terra
O magico esplendor do heroismo,
Da gloria, que circumda a monarchia.
Que seja pois o teu regresso ó duque
O elo, que findar venha a discordia,
Que ao rei unindo o povo e os fidalgos,
A concordia transmitta a longos evos ;
Oh ! vinde pois : talvez que o sceptro fulgido
A casa de Bragança um dia empunhe
E á c'róa portugueza novo brilho
Vossos filhos darão. . . —

O rei não pôde

Commovido findar ; com doce extremo
Com jubilo infinito ergueu nos braços
O joven, que a seus pés enternecido
Se curvára vertendo doces lagrimas.

XI

Oh! contempla, servis adutores,
Um monarcha, que rende á natureza
O devido tributo! Favoritos,
Palaciana caterva, eia, conspirem,
Por ver o caso horrendo e sobrehumano!
O *meigo* rosto voltem, d'horror fujam
Por ver um rei, que chora e sacrifica
Nas aras da ternura e sentimento!
Correi, vinde pasmár d'este successo,
Expurgae d'essa nodoa o regio manto!
Pasmae, *nobres* vampiros, conhecendo
Que os monarchas são homens!... Quasi sempre
E' bom seu coração: conselhos perfidos,
O interesse, a vaidade, o fero orgulho,
Destroem muitas vezes taes virtudes
Que sos dariam gloria ás monarchias.
Se afastada a intriga o rei liberto
Por seus proprios impulsos se dirige
Quasi sempre se eleva e n'esse instante
Já renome adquire o seu reinado.
E' a voz da justiça, a mão do Eterno,
Que os guia n'essas horas. Chega a sucia,
Então novas mentiras se succedem,
Malq'renças, despotismo, sangue, luctas.
Os abyssos, que os thronos devoraram,
A maldita voragem d'anarchia,
Foi obra dos validos, d'esses vermes,
Que o sepulchro cavaram dos imperios.

XII

Mas deixemos ai! sim, miserias tantas,
Chimeras, que no seio a dor abrigam :
Deixemos; que no mundo a felicidade
E' um sonho, uma estrella vaporosa,
Que um momento scintilla e foge rapida !
Corramos pois um veu ao raciocinio,
E antes que importunos nos detenham,
Nos reaes aposentos penetremos.

XIII

A sós estão enfim o rei, e o duque :
Caprichoso contraste ! o que na terra
O throno ao longe erguido olhara humilde,
E ante o sceptro tremendo vacillára ;
O que ao ver ante si a vez primeira
O solio, pensou ver o cadafalso,
Do duque seu irmão horrido tumulo :
Alli hoje sentado, ao mundo absorto
O sceptro das conquistas mostra impavido
Cingindo na cabeça a lusa c'roa,
Que a seus olhos primeiro reluzira
Com o fulgor sinistro do cutello !
E o outro, que tivera em regioes paços
Dos validos cercado o aureo berço,
Ao abrigo da purpura e do solio :



Que inda infante se vira sem ter patria,
Humilde hoje acolhendo um nobre indulto,
Que á terra de seus paes o trouxe provido!
Mundo, ó mundo que és tu? a humanidade
O que pode valer na immensa orbita?...
Perante a luz eterna do infinito
Qual fumo as gerações se vão erguendo,
Que o tempo no seu giro arrasta ao tumulo.
A'vante, caminhar... eis surge o abysmo,
Mas, cair é forçoso, novas gentes
Ao fundo nos impellem, nos arrastam.

XIV

Nem um som a mudez d'esse recinto
No silencio da noite perturbára.
Opprimidos estão por doce enleio,
Que o seu olhar inquieto a farto exprime;
Por fim do rei a voz o ecco accorda
Do rei que assim falou: — O regio sangue,
Que vos corre nas veias, não me impunha
Um dever, que jámais tinha esquecido,
Mas que só me dictava a consciencia:
Porque essa me accusava, que innocente
No exilio mendigava um tenro joven
O ar, a luz, o sol, a terra q'rida,
Da patria; da familia o doce affecto,
Porque essa me dizia, que o meu throno
Direitos se arrogára, que eram vossos.
E agora vos direi longe a vaidade



O rapido esplendor, a queda subita
Dos duques de Bragança ; e o regozijo
Que sinto por haver de novo erguido
Invejada harmonia em torno ao solio.

XV

N'este reino existiu um vulto homerico,
Um nome dos mais q'ridos, d'este povo :
Era filho do heroe da velha Ceuta,
O duque de Coimbra. Atroz perfidia
Lançou na sua gloria nodoa escura,
E a vida lhe roubou na lucta infrene.
Na historia do paiz sangrenta pagina
Inscreeu a nobreza em negra lapide.
Do duque de Bragança atroz inveja
A causa foi tão so ; da nobre victima
O sangue maculou altivo escudo :
E para recobrar perdido lustre
Viu então erigir-se o cadafalso ;
Cruenta expiação d'um crime horrendo.

XVI

Execrais do monarcha a ingente gloria ?
Do principe perfeito a eterna fama ?
Tambem eu vim chorar allí no tumulo
Do duque de Vizeu, do irmão q'rido.

Mas, condemnando sempre a forma barbara,
Que era justo o rigor pensado havia,
Imperiosa lei já condemnára
Da nobreza impossiveis privilegios ;
A rectidão levou o rei meu primo
A erguer ante o solio dois sepulchros,
Ante o mundo, a justiça proclamando,
Do paiz a concordia, a paz futura,
Mandavam, que dobrasse o feudalismo
A's idéas, que nascem, fero orgulho
Mas hoje, que triumpha a nova epocha,
Que das luctas passou o rijo estrondo
Dos tempos que lá vão era importuana
A justiça, o rigor inexoravel,
O throno ficaria deshonorado,
Se então não extinguisse das discordias
O vulcão, que rugia pavoroso ;
Mas agora p'ra sempre se aviltava,
Se acaso não ouvisse da innocencia
Gemidos. que nascendo em terra estranha,
Nos eccos reviviam dos meus paços.

XVII

Memorias d'esses dias tão funestos,
P'ra bem longe correi do Tejo aurifero ;
Deixai na lusa historia refulgindo
So feitos immortaes e arrojo intrepido.
Não queiraes offuscar o novo brilho
Do sceptro, que off'reci a gloria, à crença ;

De vos espero, o duque, que ao passado,
A's paginas de luto o véu do olvido,
P'ra sempre heis-de lançar ; de vos o espero :
Não sou aqui monarcha a lei impondo,
Apenas sou da terra, que me é cara,
Como vós um bom filho ; eia, portanto
Em nome da nação, do berço q'rido,
Que os nossos avós, tanto illustraram,
Finalisem intuitos rancorosos,
Reunidos, busquemos novo lustre
A' terra dos heroes, á Lusitania. —

XVIII

— O' excelso monarcha ; o foragido
Não volta a contemplar o ceu da infancia
Para o vir envolver em grossas nuvens :
Ai ! não volta a pisar a lusa terra
Para ver a discordia erguer-se esqualida
Agora, que feliz na patria q'rida,
Onde apenas soltou tenues vagidos
Da vida no primeiro alvôr tão puro,
Os sorrisos recebe da saudade ;
Não vinha o desterrado abrir, qual reprobado,
No materno regaço de vis luctas
Profunda cicatriz, immenso baratro ;
Tambem o esquecimento elle procura,
Não dos tempos, que só recordam lastimas,
Que p'ra sempre fugiram. Da saudade
Os espinhos soffrer sósinho anhela . . . —

XIX

— Da saudade . . . previsto havia um traço,
De mysterios inscripto em vosso rosto,
Que buscaveis no ceu já percebera
Adorada visão, ou sonho q'rido.
Do vosso peito vi que se escapavam
Suspiros, dos que solta amor occulto . . .
— Esconder-vos não posso da minha alma
O arcano estremecido . . .

O amor ai, triste

No peito, que soffria, prematuro
Despontou em botão, floriu, gigante.
Na côrte de Castella perseguido,
Pelos reaes edictos fulminado ;
Da terna mãe nos braços carinhosos
Meu berço vi erguido, á terra alheia
Implorando um albergue, um pobre azylo,
Vegetei e cresci ; os meus tres lustros
Já completos corriam ; so pensava
Na minha amarga sorte ; algumas vezes
A sós com meu irmão pela espessura,
Dos homens esquecidos, divagando,
No idioma paterno, conversávamos :
Da patria já não tinha outra memoria,
Que tudo ao pé de nos nos era estranho,
Que tudo nos lembrava a dôr, o exilio !

XX

Foi então, que a meus olhos deslumbrados
Uma luz inda incerta vi fulgindo . . .
Cresceu depois nas trevas da minha alma,
Estrella, que sorria de luz prodíga,
Ella foi da bonança a mensageira,
O facho do porvir e da ventura.
Ignotos sentimentos despertaram ;
Robusto, indefinido, audaz anelo
Crescer logo senti ; as vãs chiméras
Da infancia desfazer-se vi de chofre :
Aos sonhos tão queridos d'essa idade
Atravez das vigílias succederam
Vaporosas visões, risos angelicos,
Que uma terna imagem pura, languida,
A meus avidos olhos apresenta.
N'este magico enlevo, extasiado,
A miragem do amor desconhecia !
Depois quando a *seus* pés a vez primeira
Proferi um sagrado juramento,
Quando a eburnea mão n'um terno osculo
Aos labios desvairado uni sequioso,
Que em seus olhos d'amor embriagados
A mais languida estrophe li extatico,
Ao amor vi então que me curvára,
Seus tyrannos decretos recebendo !
Os thesouros, que encerra o peito humano,
Pàtentes logo então á *flax* me foram.

Era o primeiro amor d'um peito virgem,
Era o cantico eterno, que a ternura
Vinha em flôres trocar de grato aroma.

XXI

Permitti-me, senhor, que vos descreva
O *seu* rosto divino, meigo, angelico,
Sua esbelta figura donairoza :
Tem da Bética altiva a graça, o fogo
Das filhas do levante, que á Iberia
Trouxeram as paixões, os cegos impetos ;
Tem nos olhos, no peito a chamma ardente
Das lendas seductoras d'essas plagas.
A linda Leonor o bello colio
Ostenta sobre um corpo tão flexivel,
Que ciumes daria á propria Venus !
E' morena : mimosa e fina a cutis
Não mostra glacial aquella alvura
Das bellezas germanas e tenticas.
E' d'aquellas formosas, que o trabalho
De Phidias modelou na Grecia culta :
D'aquellas formosuras, que Mafoma
Das huris ver ao pé não tolerára.
Na sua tez domina permanente
Pallidez que provoca, que desvaira
Nos labios, onde amor em doces risos
As traicoeiras frias nos disfere,
Um perfume se aspira inebriante,
Que faz o ceu gozar, fruir na terra.

São pretos os seus olhos, luz celeste
Ao feliz, que os fitou enviam languidos :
Ao coração o fogo, que dardejam
Communica do amor a eterna pyra.
Os sentidos desvaira ; a razão curva-se,
E os tyrannos algemas suspiradas
Nos lançam implacaveis no triumpho ;
Da mesma côr da noite as tranças d'ebano,
As madeixas caindo sobre os hombros,
Mais subidos encantos nos revelam.
Ella, a filha d'um procere d'Hespanha,
(Pois é de Leonor o pae illustre
De Medina Sidonia o duque excelso)
Um modelo seria á esculptura,
Se transmutar pudesse alguem no marmore
De Deus a concepção mais luminosa.

XXII

Quem tímido o amor sentiu profundo,
Quem no peito abrigou fervente lava
Perdôa a lucta, o sangue, os desvarios,
Do infeliz, que adorou a vil Cleopatra,
Perdôa, ao ver sombria a meia idade,
Ter juncto o trovador á lyra a espada.
Perdôa de Virginia ao bruto amante,
De Lucrecia desculpa a negra affronta.
Deu á Grecia o triumpho o joven Páris,
A ruina causou da patria sua ;
Mas perdão lhe darei ; foi porque amava.

Perdoai vós também, ó rei pod'roso,
Se no regresso á patria o foragido
Não pode inda esquecer a terra estranha ;
Se ás aras, que ao amor no peito erige,
Depôr vem do seu peito ardente culto.

XXIII

Callou-se então o duque : e o grão monarcha,
Que a narração ouvira tão sincera,
Em fundo meditar ficou absorto . . .
O duque de Medina era o mais nobre
Da nobreza da còrte castelhana ;
O duque de Bragança caro symbolo
Do espirito potente e marcio arrojo
Da heroica fidalguia portugueza ;
D'aquelles invenciveis campeadores,
Que dêram lustre e gloria á monarchia.
Os feudos de Bragança e de Medina
Estão pois na vanguarda da nobreza
Dos reinos da historica península :
Ostentam seus brazões com garbo erguidos
Sobre immensos escudos venerandos,
Reliquias d'outras glorias, que passaram,
Das hictas, que venceram corajosos,
Dos Godos os augustos descendentes.
O duque de Bragança louco amava
Do seu competidor a filha excelsa ;
Eterna ella jurára a fê mais pura,
E da saulade o espinho soffre ausente :

Por elle, a quem adora, exhala tristes
Suspiros, que lhe traz a fresca brisa,
Que transmite passando a longes terras.

XXIV

Profundo era o silencio : á narrativa
D'amor fremente, ousada, succedera
Cruel hesitação, terrível duvida.
Mas, passados momentos, a ventura
Os limites transpoz da esp'rança tímida
No duque apaixonado, quando ao peito
Com effusão de amor o rei o cinge :
Homenagem rendendo ao culto fervido
Do seu coração virgem, predizendo
Que tempo bonançoso, aureo futuro,
No horisonte a D. Jayme vê sorrindo :
No horisonte, que, limpo, ao duque mostra
Da gloria a seducção, do amor as paginas.

XXV

Emfim raiava a aurora, mensageira
Que dos ceus um arcanjo conduzia.
Não seria a ventura vã chimera,
Um mytho, uma illusão, um nada, um sonho ;
Da tempestade apoz surge fagueira
A bonança querida : apoz a noite

A doçura, o frescor de manhã limpida.
Do inverno surge apoz, apoz dos gelos
Das flores a estação, a primavera.
Oxalá, que não siga o desengano,
Estio abraçador, tufão ardente,
Que da esp'rança a florinha ioda no calice
Lá vem sem dó murchar : cruel destino,
Não venhas qual simonn erguer no solo
Ás illusões horrivel sepultura :
Não venhas ó gigante erguer a nuvem,
Que deve destruir o bello oasis.
Oxalá que o vulcão d'atroz ciume
Na torrente não venha, calcinante
Do inferno da vingança abrir o vortice !







CANTO SEGUNDO

③ consorcio

I

Ó musa dos meus sonhos, mytho angelico,
Ó nume tutelar, que o estro adora,
Guiai-me ; sè propicia n'este rumo
Em que vogo buscando incerta plaga.
Estrella d'alva n'este ceu da vida,
Dá luz ao pensamento, ao pobre nauta
Conduz ao porto, infunde a meiga esp'rança.
Prestae-lhe a inspiração ; que o peito accorde
Da lyra ao escutar os sons aerios,
As fagueiras canções d'um amor virgem.
Valei-me, anjo do lar, e como estrella,
Que o singelo pastor contempla extatico,
Que o templo ao viajante ao longe ensina,
Conduzi-me nas trevas, em que involto
N'essa escabrosa senda, não podéra
Um passo ávante dar sem ti, ó musa !
Do espirito és phanal, e só tu podes



Guiar-me a porto amigo em que descance.
D'escolhos é cercada a invia vereda,
Atrevida a viagem, mas não deixes
Um instante, ai ! um só de illuminar-me.
D'esse throno de nuvens, que te cerca,
Os meus passos erguei sobre os mil recifes.

II

Deixemos longe agora o manso Tejo,
Por entre erguidos montes serpeando :
Deixemos sob as aguas, inda occultas
As fadas, que se banham seductoras
Juncto á foz do Nabão, do altivo Zezere :
Deixemos, que nas plagas do meio dia
Esmaltadas campinas nos invocam ;
N'estas terras d'aquem, tão despresadas,
Desconhecido aroma encontraremos :
Aqui novos encantos nos invitam
O perfume a gosar da primavera.
O berço da nação tem muitos cantieos,
Tem poeticas lendas, que exaltaram
Seu brilho, seducção, eterna gloria.
Inspiradas canções tem recolhido,
Escutado já tem lyras harmonicas,
Que os echos das montanhas despertaram :
Tem visto vagueando os trovadores,
Que os hymnos seus modulam pelas fragas
Ao rugir da torrente, que perseguem
A musa, que os incita d'entre os pampanos.

O Algarve tambem teve o canto eximio
Do genio mais fecundo do occidente.
Do Horacio portuguez das novas eras.
O limpido Mondego a meiga estrophe,
A sublime epopeia, o canto ingente.
Do Homero Lusitano.

Só tu pobre,
Ó terra transtagana, és desprezada !
Nos teus campos não vibra a harpa eolia :
O canto, o suspirar, não tens ouvido
D'um peito juvenil de creanças prodigo.
Deslembrada ai ! sempre ó patria q'rida !
E' debil minha voz, mas hei-de ao menos
Aqui erguer teu nome, memorar-te.
Em meus ignotos carmes, n'este canto
Que singelo brotou. Brisas da selva
Os echos despertai d'estas collinas,
Que ás doçuras d'Abril sorrindo vejo.
É mesquinho este preito, que nas aras
D'um culto venerando te dedico :
Mas ao menos mostrar talvez que eu possa
Como és risonha e linda entre as mais bellas
Terra próvida, alegre patria minha.

III

Quem deprime os teus campos tão formosos
Labuta em orgulhosa inconsciencia ;
Não aspirou nos prados mil perfumes,
Que ao longe a languidez inebriante,
O amor, a paixão incitam n'alma.

E' só o vão despeito, o vil ciume,
A ingratição mesquinha que contesta
Do teu solo as ridentes louçanias.
Ignoram de teus serros e scalvados
A sob'rana altivez, que affronta as nuvens.
Tens um Ossa tambem, nova Thessalia,
Como esse de canções augusto symbolo.
Das campinas a fada vaporosa,
Empunhando a varinha, nos arroios
Que ostentam sussurrando a pura lympha,
Ou que em floreo matiz occultos gemem,
Onde vem debicar o passarinho,
Revela os teus sorrisos, teus encantos.
No estio o agrimensor cegando as messes
Bem diz o Creator contigo prodigo.
No ontomno, quando ruge a tempestade,
Que a procella bramindo as rochas varre,
Nas serras disparando horrida furia,
Lá ao longe nos plainos que se extendem,
Na tormenta raivosa, a magestade
Ostentas da divina omnipotencia.
Nos rigores do inverno egual assombro
Gigante do exterminio impõe ás turbas
Nas torrentes caudaes, que estoiram rapidas,
Buscando as solidões do mar revolto.

IV

E's bello, meu paiz, mansão d'amores,
Em phantasticas lendas sublimado.
E's immenso thesouro d'eras findas,

De povos, que esforçados viu o mundo,
Que o teu solo pizando ennobreceram.
Aqui do grande imperio a feroz aguia
As garras embotou no plumbeo elmo
Dos robustos heroes da Lusitania.
Aqui do marcio godo ao neto altivo
O rapido agareno offerece a lucta ;
E apoz o batalhar de muitos seculos
A cruz, que triumphara, ao alto erguida,
Novas eras de paz envia aos povos.
Mas n'este fertil solo os monumentos
Da temerosa lucta inda ficaram ;
As cathedraes ao occidente mostram
Os coruchéus, os porticos gigantes ;
Os castellos erguidos nas alturas
Nas paginas de rocha inda apresentam
Estrophes immortaes do heroismo.
O' terra transtagana, és tu a perola,
Que brilha mais na c'roa dos reis lusos.
Se a patria é um poema, és tu um canto,
E a estrophe mais risonha a bella villa
A que chamam Viçosa, pelo enlevo
Das mimosas collinas, ferteis hortos,
E verdejantes valles, que a circumdam.

V

Era aqui o solar da regia stirpe
Dos duques de Bragança, aqui agora,
No sumptuoso paço ha pouco erguido,

Monumento sublime do regresso
Do poderoso duque á terra patria,
Se agita em confusão a hoste innumera
D'antigos servidores e homens d'armas.
Com mil risos mil pragas soam, vibram,
Calar indo uma phrase enternecida,
Que dos labios formosos se escapava
D'alguma dama esbelta, que suspira
Um pagem donairoso contemplando.
Os briosos corceis relincham, pulam,
A's sellas os donzeis garbosos saltam,
A galope se afastam, ou aos porticos
Do alcaçar se approximam refulgentes.
No interior, na praça, o borborinho
E' immenso, infinito e desusado :
Que tudo se prepara para a festa,
Mas que festa será o povo ignora.
A velhinha passando boquiaberta
Em vão o confessor consulta e geme.
A' esquina o ocioso pespegado
Ao roto cotovello em vão pergunta
De tão grande bulicio a causa insolita ;
Na chôcha cachimonia parafusa
D'onde tanta riqueza se ajuntára.
O frade, que seguia ruminando
Seraphicos designios, carraucudo,
Encrespando o sobr'olho, empertigado
Um murro desfechando ao breviario,
Murmurava revendo a fosca tunica :
-- Alli vão consumir sommas enormes
Em vãs ostentações d'altivo fausto !
Mais santo não seria que nos dessem

Para missas rezarmos aquelle ouro ?
Podera o guardião á fula-fula
A todos convocar-nos a capitulo
Para alli reunidos decretarmos
Mais uma tremebunda penitencia !
D'apostolico zelo dominados
A' nossa regra santa mais um dogma
Iriamos junctar . . .

Ao boi diario
Mais um ligado iria ao sacrificio !
Dos cabritos a dôse tão modesta
De dez a vinte ao menos subiria ! —
E' de mais . . . — e, zangado, um novo murro
Ao bento cartapacio atira : ó zanga,
N'uma esquina eis que esfôlla a mão membruda,
Pensando que raivoso o livro esmaga.

VI

Do estranho movimento qual a origem ?
No esplendido solar toda essa pompa
Para o feliz consorcio de Dom Jayme
Se aprestou n'um instante por magia.
As bellezas rivaes da Italia e Grecia,
Que o cinzel esculpiu em duro marmore
Na mão do lusitano e nobre artista,
Aos classicos arrojos do architecto,
Alh junctam as galas, a opulencia,
De côrte oriental. Telas riquissimas,
Que em rutilos festões pendem dos tectos,
Do oriente os fulgores ofuscavam.

Da escadaria em breve o chão coberto
Dos arminhos se viu das terras arcticas !
Os brazões de Bragança e de Medina
Crivados de saphiras se debruçam
Por camafeus sustidos nas cimalthas,
Sobrepostos com garbo á turba esplendida
Dos honrados escudos de mil proceres.
Quem ás salas subisse ver julgára
De Zobeida a mansão maravilhosa,
Pelas fadas do sul roubada ao éste.
Os brocados, o ouro, a pedraria,
As sedas do Thibet, ricos damascões,
Em profusão enorme deslumbravam.
Tapetes de Lahor as lindas plantas
Das naiades, que passam vaporosas
Nos fragrantés jardins, occultam avidos.
Nas salas as abobadas extensas
Sobre o lustre rebrilham de mil perolas !
Que fôra do sultão rico serrallo
Se ousasse alli ao pé erguer seus porticos ?
Seria dos pagãos o capitolio,
Mas o paço famoso era o empyreo.

VII

Que soberba, luzida cavalgada
Em cerradas fileiras sae da villa
Demandando a fronteira a trote largo;
Onde irá essa hoste ? . . .

Acaso a guerra . . .
Sobre o solo da patria desenro'a

O sangrento sudario? A fera tuba
Do invasor audaz a Lysia o repto
Da vingança maldita infrene envia?
Do altivo Portugal os nobres filhos
Os leões de Castella ao antro escuro
Vão co' a furia excitar do tigre indomito?
A turba vai seguindo, ao largo avançam,
Galgando o matto agreste, as ribanceiras,
Os ribeiros transpondo e extensos prados.
E mais e mais se afastam : sobre a serra
Os elmos reluziram qual relampago,
Depois na encosta ao sul, rapido ao longe,
O fulgor das escamas prateadas
D'esse rio agitado ao fundo desce.
Relinchando os corceis o echo accordam,
Sente-se inda o galope além do parque,
Mas já lento se extingue, na campina
Sómente o pegureiro a hoste avista
Pelos serros surgindo, apoz deixando
Uma nuvem de pó, que a esteira indica
Do rapido tropel : mas essa esvae-se,
Na amplidão se confunde e se anniquila.

VIII

E lá na villa o povo, que pasmado,
Em chusma se junctára à porta extrema,
E discreto estivera em quanto ao longe
Se avistára a lustrosa companhia :
O povo, que formava um grupo immenso,
Mas informe, oscillante, indefinivel,

Qual vagalhão feroz, que o boreas tumido
D'encontro aos alcantis atira e rasga ;
Em turmas dividido, curioso,
Perguntava entre si como tão breve
Do duque de Bragança as bellas alas
Por encanto surgiram, porque vôam
Da Betica buscando o solo uberrimo ?
Que n'isto relação c'o a pompa havia,
Que no rico solar se apresta ufana
Para festas reaes, todos concordam.
Mas que festas serão ? . . . eis o busilis,
Que a todos insinua infindos calculos.

IX

Em vão indagam, fremem curiosos ;
Uma grande surpresa se approxima :
Sem poder acertar no que se apresta
A tratos dão a louca phantasia.
Alguns dizem que chega o rei catholico,
O proscripto d'outrora a visitar.
Mas outros de pensar muito mais fundo,
D'astuta, de sagaz diplomacia,
Em segredo falando, com finura,
De modo que os escute o mundo inteiro,
Diziam, que o rei luso chega em breve
A negocios d'estado resolver
Com o rei, que em Granada, á e'ròa esplendida
A perola junctou do falso kóram.
Até mesmo entraria outro monarcha,
O inclito Mogol n'este congresso !

X

E todos approvavam este esforço,
D'espírito famoso audaz invento.
Do incognito tribuno o estro activo,
Lustroso, boquiabertos celebravam.
Mas a gloria na terra passa, o fumo
Das queridas illusões se desvaneece !
Lá vem o mestre Gil, o raspa v'ronicas,
O barbeiro melhor da nobre villa
E versado ledor das velhas chronicas,
Que, vendo o erro enorme em que o povinho
Descuidado se engolfa, salta intrepido
Nas trevas a atijar a luz aos tontos.
Extende a mão com garbo tribunicio,
Com o purpureo lenço a venta aberta,
Estrondo produzindo cavernoso,
Tossindo expelle ao longe immundo escarro ;
E, empunhando feroz nodosa clava,
Encrespando o sobr'olho, assim começa :

XI

— São uns parvos vocês ! melhor seria
Muitas danças dispôr e mais folguedos. —
Muitas danças ? para que ? a um tempo todos
Perguntam atalhando o fio ao mestre.
— Calluda, ou não prosigo e vou-me embora ;
Malditos tagarellas ! — Quietos, mudos,

A custo sopeando a impaciencia,
Escutam com int'resse o altivo oraculo.
— As danças p'ra que são ! ora essa é boa !
Engelhados bestuntos não presentem
A causa das folias, que ter vamos ?
Sabei, o povo estulto, ó gente ignara,
Sabei o que me disse o João Feio
Valido, remendão e confidente,
Do nobre Fernão Velho : o senhor duque
Com sua còrte foi a Olivença
Buscar a linda noiva, a estrella candida,
Que da Hespanha conduz fado propicio ;
Que esposa será sua, e de Bragança
A mui alta senhora e de Barcellos . . . —
Não ponde proseguir ; tregoa forçada
A tosse lhe fez dar a eloquencia.
E enquanto elle comprime o farto bojo,
A turba como um echo, que se esvae,
Espantada repete : a sua noiva ! . . .
— A sua noiva sim. voz de fadete
Replicou, a seu turno o ar ferindo :
E como que levando um choque electrico
Se voltam n'um momento, e respeitosos
— O' senhor João Feio — com pasmo exclamam.
E logo um vasto circulo formaram,
Traçando ambito extenso ao recebindo.

XII

— A sua noiva sim, inda repete
O que o mestre rotundo appellidara

D'estrênuo remendão e alto valido
Do illustre Fernão Velho, que era agora
Vedor do eximio duque de Bragança.
De que especie provinha entre os viventes
O filho de Chrispim, era problema!
Alguem jurava ser dos quadrumanos,
Mas outros divergindo sustentavam,
Que á raça pertencia dos quadrupedos;
A' especie, que o propheta cavalgava,
E que o anjo falar mandou um dia.
E d'esta opinião eram apoio
Os braços infinitos, que parecem
Pisar com rijo casco a terra dura!
O programma do nome se cumpria
Nos queixos, pelo corpo, até nas unhas!
O maldito era feio, o mais que pôde
Ser um bicho feroz em terra maura!
As melenas grisalhas sobre os hombros
Nojentas lhe caiam: os sobr'olhos
Felpudos lhe tapavam meia orbita
D'uns olhinhos pequenos e lymphaticos;
Era d'esses que expulsa um vago instincto;
Era baixo, era sujo, era medonho.

XIII

— A sua noiva sim, pimpolho excelso
De Medina Sidonia . . .

E fôï buscal-a,
Para aqui amanhã regio consorcio
Nos paços celebrar, que alli se ergueram.

Não vêdes esta pompa? oh! isto é nada
Ao pé do que inda aqui mirar veremos!
Festa rija haverá, em bella sucia
Dançaremos aqui sobre alcatifas;
E quem sabe?... talvez o proprio duque
Aqui dance connosco, e a duqueza
O meu par venha a ser! Com graça extrema
Dançarão no terreiro, e para longe
Do sarau fugirão ao brilho, ao lustre.
Mas eston a dizer auctorisado,
Que o povo preparar se deve ufano
Para em lindas choreias, em vistosos
Folguedos, dar ao dia eterna fama.
Espalhar-se ha-de aqui a jorros chelpa,
Que envia o senhor duque... —

XIV

Estupefactos,
Boquiabertos ouviam, e ficaram
Julgando um sonho alegre o doce aviso.
Safou-se o orador, e d'entre a turba
Ninguem den attenção ã falta enorme.
Espantados ficaram, e não viam,
Que d'um lado caminha involta em trevas,
A noite precedida do crepusculo,
Do encanto seductor que segue o dia;
Que o sol era escondido além dos montes,
Do lado em que o paiz finda nos mares.
Boquiabertos ficaram; com ternura

Nos echos inda escutam do oraculo
As extremas palavras sonorasas.
Ainda extasiados são no influxo
D'esse argentino som, que attrahe o espirito;
Com a idea no elemento poderoso,
Que tudo sobre a terra nivelando,
Vae erguer a choupana ao pé do solio.
Que tudo revolvendo e confundindo
Faz callar as paixões, mudar as crenças.

XV

— Attenção — um gritou, que ao *fundo golpe*
Um pouco resistira, e que, exaltado,
Para juncto do paço se movera.
— Attendam — repetiu com a força indomita
D'alentado pulmão robusto e fero,
Então de commoções sedenta a turba,
Do *aurifero* lethargo despertando,
Qual vaga, que accomette em furia a costa,
Qual rude turbilhão, que corre e freme,
A' porta do palacio em chusma avança;
E quando ao liminar parar quizeram,
Prostrados foram esses, que a vanguarda
Com bravura occupavam destemida.
E como na batalha, uma apoz outra,
Vão tombando as fileiras na voragem,
Que o fogo dos canhões ergueu no solo;
Assim desorientada a turba multa
Se empurram, se atropellam, indo aos feixes
No chão cair contusos, desesp'rados!

Mas qual era o motivo da desordem ?
Que espectro monstruoso alli se erguera ?
Uma triste libré, era um lacaio ! . . .

XVI

Mas este, que chegára juncto ao portico
Para alli terminar do senhor Feio
O sublime discurso, cujo exordio
Cobera a mestre Gil, com susto fuge
Ao vêr o despenhar-se da torrente,
Que sente já rugindo a si tão proxima !
Mas pelo remendão de novo erguida
Bravura e bizarria, volta impavido
Sentindo, que a tormenta serenava.
E ao lado o seu mentor vendo impassivel
A' turba, que se erguia, assim arenga :
— O' povo d'este burgo, o regio enlace,
Que amanhã se effectua vos proclamo,
Que a vós ó povo honrado novas eras
Vem abrir de riqueza, de ventura ;
Que um tão fausto successo deveis certo
Correr a festejar: e quem vestir-se
Quizer para o intento á grande porta
Dos jardins prompto ira, vistosas tuncas
A capricho terão, conforme o gosto
Dos que na dança queíram distinguir-se.
Mas inda além do mais, o senhor duque
Premiar generoso quer a todos,
Que venham dar mais lustre á grande festa,
Que nome e ruido irá fazer no mundo . . .

XVII

Um immenso sussurro, que as palavras
Finaes não deixa ouvir, foi transformando-se
Em salva estrepitosa: era a procella,
Que de novo rugia, e que remota
Emfim se conglobava irosa, tumida!
O misero lacaio outra vez foge,
Atraz fechando a porta por cautella.
— Viva o duque, — berravam todos. — viva; —
Que viva o pae do povo e senhor nosso.
Ouro temos e dança! salvé, viva
O consorcio feliz do duque Jayme!
— Viva o duque — gritavam uns ás portas,
— Viva, viva, — berravam pelas ruas
Os que vinham chegando, não sabendo
Em honra de quem era a gritaria.
— Viva o duque — gritava o velho famulo,
Que á janella surgira, e João Feio,
Respondendo a seu turno a creadagem,
A quem seguia, a turba em grande còro.
— Viva, viva, — com voz esgançada,
— O nobre Fernão Velho, o nosso amigo, —
Dizia da tribuna ao povo extatico
O altivo remendão, a quem respondem:
— E o propheta do povo viva, salvé! —
— E viva Fernão Velho e viva o duque —
Com modestia retruca, a vêr se ainda
Uns salvés do cardume allí recolhe.

XVIII

Por largo tempo ainda o fundo estrondo
Nas ruas tão frenetico estrugia,
Que as devotas velhinhas á lareira
N'essa noite famosa não dormiram!
Soára a meia noite; as longas ruas
Percorrendo aos magotes atroavam.
Nos largos as fogueiras, as borrachas,
Reforços continuados recebendo,
D'accordo vão gastando o combustivel!
Maior e mais intenso o alarido
Se tornava; e a noite o negro manto
Enrolara, nas pregas encobriendo
O astro refulgente, a estrella d'alva.
E então Baccho e Morpheu junctos, desciam
Nos preclaros heroes da escura noite
Com força carregando a mão robusta.
Mais branca se divisa uma orla incerta
Nos confins do levante; o alvor primeiro
Pelos plainos do ceu subindo avulta,
Tingindo de rubor o ar e a terra,
Emfim eil-o desponta, erguido ao throno
D'abril o meigo sol, a luz eterna,
O facho que dissolve o escuro abysmo.
O rocío da manhã brilha nas petalas
Da modesta florinha, que se occulta
Na purpura que o prado altiva cobre.
E accordam tiritando os que nas trevas
O ardor tinham sentido do equinoxio!

XIX

E o astro flammejante a c'róa altíssima
Vai buscando atravez de tenues focos,
Que no ar buscam unir-se : nos oiteiros
O povo se agglomera ; ameno o dia
Ostenta inebriante o brilho esplendido
Da formosa rainha, a primavera.

— Lá vem — grita um esculca : todos correm,
No cume das collinas apinhando-se,
A vêr um vulto informe, que descia
Lá dos serros fronteiros, e do parque
Veloz ao muro chega e passa ainda
Em carreira seguida galopando.

— Não vês ? diz uma voz, lá vem o duque : —
Mas outro enthusiasmado grita : — é ella !

A seu lado a duqueza : que formosa,
Que linda ser parece ! — E no emtanto
O lustroso cortejo avança, investe,
Já proximo desfila e segue rapido
Na villa entrando emfim.

Os cavalleiros

Nos possantes corceis d'Andaluzia
Com garbo destemidos cavalgavam :
As bellas amazonas da peninsula
Gentis os palafrens sem medo incitam.
Passou emfim já tudo ; e tantos eram
E tal a pompa extrema, que ostentavam,
Que todos julgam vêr surgir de subito
Na terra lusitana a *Horda d'Ouro*.

Parou o feliz par : o joven duque
Do fogo corcel a esposa q'rida
N'um suppedaneo d'ouro a desmontar-se
Com ternura ajudou, d'affagos ebrio :
Do fogo corcel, que a dama illustre
Desdenhou de montar a mansa besta,
Que a praxe destinou ao fragil sexo.

XX

O clero regular no perystillo,
Ao ceu erguendo os psalmos, os dois conjuges
Precede, alçando à frente do calvario
O divino trophéu, o sacro emblema,
Que symbolo já foi d'ultima infamia.
Nos altos coruchens retumba o bronze,
Nos ares diffundindo o som jucundo,
Que á mystica mansão do goso eterno
Dos homens faz subir o honesto jubilo.
Depois lá vai seguindo a turba egregia
Da mais alta nobreza.

D'entre as alas
Dos guerreiros de Tanger e d'Arzilla
Prosegue commovido o immenso prestito,
Que fecha a multidão ao ceu pedindo
Mil bençãos, e da gloria o sêllo angelico.
Até que lá nos porticos se unira
Sobre o ultimo pagem das fileiras,
Das lanças, a espessura reluzente.
Então da extensa praça um grito unanime
Os echos acordou : era do povo,

O salvé monstruoso mas solenne !
Do povo, que partilha n'esse instante
Dos proceres o dia afortunado.

XXI

Já os côros chegavam ; tudo á festa
Corria pressuroso. Vem com jubilo
A turba, a multidão á cerimonia
Ás nupcias augmentar magico enlevo.
E bello estava o dia ! a natureza
Das pompas mais gentis era adornada ;
E como que partilha n'esta hora
Dos homens a ventura. Inebriante
Corria o mez d'Abril : as tenras aves,
Preludiando amores, escondiam
Nas selvas da ternura a estrophe tacita,
Que jamais distinguir foi dado ao homem.
Á flux do extenso lago o pintasilgo,
Passando como um sonho, vai na murta
Ou na relva exhalar terno suspiro.
Nas margens do arroio a philomela,
Nos pampanos erguida ou no sycomoro,
Modula debruçada e caprichosa
Mil endeixas d'amor, ou da saudade
A canção, que aprendeu no paraizo,
Onde ao som gorgoeou da harpa colia.
Era a quadra, em que a vida ao universo
Parece resurgir sempre viçosa,
Em que o peito encantado, agradecido,
Bem diz o Creador da luz no cahos.

XXII

Na capella do paço aos nobres conjuges
Nos laços do hymeneu doce futuro
Para sempre jungiu o sacerdote.
O duque proferiu o *sim* brilhando-lhe
Na fronte da ventura o sopro angelico :
Porém quando a princeza, a linda fada,
Sorrindo os rubros labios entreabria,
Co'as rosas do pudor nas faces bellas ;
Quando o verbo symbolico ia ao cumulo
Levar do q'rido esposo a immensa dita,
O paço vacillou nos alicerces !
Um medonho estampido encheu os ares,
Nos echos estrugindo das montanhas . . .
A candida bonina empallidece :
E de medo tranzida o esposo abraça,
Suspirando chorosa um *sim* plangente.

XXIII

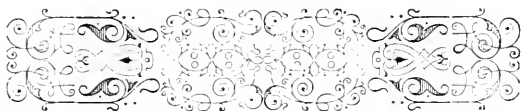
Um presagio funesto o povo julga,
Do ceu funebre aviso a salva electrica.
E muitos com tristeza se ausentaram,
Julgando ter ouvido grito funebre,
Que na voz retumbára do infinito.
Pelo enlace feliz dos dois esposos
Orando ao Ser Altissimo as matronas
Rogavam, que não fosse isto um prenuncio,

Um agouro do fado bruto e fero.
Em todos o prazer se transmudára
Em negro desconsolo. . .

A boda illustre

Talvez inda podia ser com fausto,
Com pompa, festejada, mas o jubilo,
Que espontaneo surgira, esse era morto.
Por certo inda haveria longa festa,
Mas o encanto, o prazer seria agora
Uma triste illusão, uma chimera. . .





CANTO TERCEIRO

Despeito e ciúme

I

Deixar-te vou com magoa, canto alegre ;
Tuas festivas notas são ephemerass,
Dispersas melodias : já fiudaram
Os hymnos da ventura ; a corda magica
Do amor o mais sincero jaz partida
No tumido recontro da procella,
Que surge, do porvir na immensa orbita
A noite condensandø. Emmudeceram
Os canticos risonhos, que na infancia
Os echos despertáram, que a ternura
Às florinhas singelas ensinaram.
Saudaste com ternura auras d'abril,
E do patrio cantor na selva escura
Os hymnos, escutando, suspiraste.
Já do povo e do rei a essencia altiva
Em fagueiras estrophes modulando,
Seguiste jovial e descuidosa

Por entre a espessa turba, entre os arminhos
Da velha oligarchia : os vòos notaste
Do aligero infante, e aguda setta
Descobriste transpondo a lusa raia.
Dos sonhos prazenteiros foste credulo,
E das maguas pungentes q'rido socio.
Eu sinto, que meu peito à dor succumbe
Nas trevas ao deixar-te ; sinto o pranto
Pungir-me da saudade. A hora escuto
Adeus, saudosa lide . . . o canto amaro
Afflicto vou tentar junto aos cyprestes.

II

E' que o tempo feliz passa ligeiro,
E quando o homem julga o mundo um éden,
O fado vibra ingente os duros golpes
No pobre coração ! triste o futuro
Involto se divisa em negro manto,
Que a noite do sepulchro ao largo segue.
Senhor, o que è o mundo ? estes instantes,
As horas da ventura porque fôgem,
Emquanto que do berço à tumba, à campa,
A vida em curto espaço se despenha ?
Oh ! não basta, Senhor, que a raça humana
Se abysme na voragem temerosa,
Nos antros implacaveis, que o destino
Por termo collocou à vida, ao sonho ?
È forçoso inda mais, que ella não tenha
Senão trances cruéis, negras angustias,
Que seja n'essa esphera limitada

O prazer irrisão, pura mentira ?
A vida, o ser, o mundo, é um engano !
A ventura um phantasma, sonho ephemero.

III

Esqueço em vão queixumes, que não posso
A dor ser insensível : e meu peito
Não sabe conhecer dos egoistas
A maldita bonança . . .

Inda ha na terra
Felizes, que no amor tem lume santo,
Que as crenças restaurando fortifica ;
Que amando tem no mundo horto florido,
Em que aspiram do ceu doces perfumes ;
Que as flores recolhendo á juventude,
Só repouso e prazeres teem na vida.
Guiados pelo amor somente buscam
A suprema ventura ; e, deslumbrados
Ante o immenso pharol, avidos sugam
O nectar dos encantos : e que podem
Sublimes desprezar o homem sceptico,
Sentindo immorredoura a luz da esp'rança.
São entes venturosos, mas a ideia
Do que esconde o porvir no véu profundo,
Que os aromas do Olympo dissipados
Serão de vis paixões talvez no embate,
Só basta, p'ra que seja o culto ao idolo
De receios cercado, erguida ao longe
A nuvem, que avançando, a estrella um dia
Involta levará na escura pênula.

IV

Felizes, os que amando a hora extrema
Não desejam jamais, e a vida adoram :
Felizes, a que a morte cerra as palpebras
Do pranto humedecidas da saudade,
Os que ao nada volvendo, á dor succumbem.
Mas tristes ai ! d'aquelles, que ao ceu rogam
Do tumulo o repouso, o esquecimento ;
Que sentindo no peito a mão da morte,
Com sorriso jucundo a alma elevam
A's ethereas mansões, e ao mundo fogem.
Sorriem para o ceu, que ao longe avistam,
Exhalando essa vida, em que só lagrimas
Verteram sobre as aras do infortunio.

V

No alcáçar dos senhores bragantinos
Veloz corria o tempo em mil encantos :
Nos braços enlaçando o terno esposo
A formosa duqueza descuidada
Disfructa as illusões, os devaneios
Das horas de ventura, que do baratro,
Do abysmo das miragens nunca voltam.
Apoz o fausto dia do consorcio,
Correram muitos dias, e isolados

No mundo só viviam para amar-se.
Um mez era passado ; as phantasias,
Angelicas ficções, surgiam prodigas
Do amor, que ambos juravam ser eterno.
E um anno já fugira, o terno fructo,
A primeira vergonhea, á luz viera,
Da ventura penhor, sorrir no thalamo.
Mais que nunca luzia o astro incerto,
Mais ditoso ninguem era no mundo.
E o tempo ia passando, a q'rida prole
Crescendo abençoava o doce vinculo :
Ao fogo da paixão, que outr'ora ardera
No altar do amor primeiro, uniam fulgidos
Os carinhos paternos, o thesouro
Immenso, immaculado, inexcédível,
O pio amor de mãe ; entre os affectos
O mais puro, o mais santo, o mais intrepido.

VI

Sobre a terra a missão dos jovens conjuges
De jubilos um elo interminavel
A todos parecia. Almo perfume
Aos homens denuncia dos archanjos
A siderea mansão do goso infindo.
Nunca a sorte sorrira mais benefica
Aos filhos predilectos da ventura :
Os dias mais risonhos não correram
Ao par, que Deus criou, no paraizo.
Ao menos era assim, que divagando,

Do povo os menestreis alto diziam.
E assim talvez pensavam duvidosos
Dois entes, que nas sombras do crepusculo,
No vão d'uma janella, em voz sumida,
Com mysterio, falaram longas horas.

VII

Em torrentes a chuva despenhava-se
Das altas catadupas sobre a terra,
Que inundada parece um mar vastissimo.
O inverno desdobrara o triste involucro
De gelos recamado nas planuras,
Que longas desde o Tejo ao grande cabo
Avançam, onde impôz a fé catholica
Um nome venerando. Nas campinas
Impera a confusão, reina a miseria.
Era em dezembro; a noite os crepes lugubres
Prematura baixara :

Os dois incognitos

Agitados proseguem discursando.
A procella rugindo abala tumida
Os gigantes da terra, e elles immoveis !
Emfim n'aquelle inferno, entre os bramidos,
Maldita assim findou a negra pratica.

VIII

— Já disse, Fernão Velho ; se a duqueza
Intenta embarçar nossa ternura,

Protesto, que a vingança, que já sinto
No peito despertar, ha-de afanosa
Trazer-lhe amargos dias d'infortunio.
O duque é ciumento: erguida a duvida
Em seu peito abrirá um fundo abysmo. —
De mulher era a voz, que, assim falando,
Fazia impuros gestos de ameaça,
Que melhor simulava atroz megera,
Incitando ao delicto alheia furia,
Do que a imagem dos anjos ante o crime
Impondo da ternura o caro alvedrio.
— Vinguemo-nos, oh ! sim dizia o outro,
Troquemos á duqueza o riso em prantos !
Eu sou o vosso amante, Anna Camella,
Quem julgar offender-vos, sendo impune,
Verá que sei vingar-vos ; venha embora
Das nuvens ou do averno o negro ultraje.
Dizer que não sois nobre, ir insultar-vos,
Porque ás auras da noite vós dizieis,
A's sombras do jardim as phrases tumidas
Da ternura cingida nos meus braços !
Porque ao terno amator gratos momentos
Quizestes conceder na estancia q'rida,
Que da nossa paixão a lè purissima
Bem podera attestar ! . . .

Oh ! sim vinguemo-nos

Sou inda o favorito : quando eu falo
Ninguem ousa pensar em desmentir-me ;
Digo sempre a verdade, sou propheta.
A's trevas dou a luz, á luz a noite.
Do duque sou valido, mando e quero.

IX

Dez vezes celebrára o equinoxio
Seu transito allegorico : na esphera
Dôs seculos fugira mais um lustro,
Depois d'aquelle dia afortunado,
Em que a neta dos duques de Medina
A' casa de Bragança novas eras
Abrira de bonança e de concordia.
Depois d'aquelle instante, em que Dom Jayme
Seus votos mais ardentes vira fulgidos
Cumprir-se n'um momento ante o presbytero,
Que ao ceu benções pedia d'entre as lagrimas
Da fê, da commoção mais pura e santa.
Cinco annos são passados ; melancholica
A carinhosa esposa distinguira
Que d'outr'ora o sorriso ao caro idolo
A duvida nos labios tinha exausto ;
Que os carinhos fagueiros, que a ternura,
Por estoico desdem eram trocados ;
Que o amor era um mytho, que a bonança
Fugira arrebatada. Oh ! dôr acerba,
Quando ella mais que nunca o adorava,
Quando a vida em seus braços lhe sorria,
Que eterno o seu amor julgára, ai ! triste ;
Quando ella nos filhinhos o conforto,
O penhor do futuro, ver sonhava
O sello da ventura ; ai era agora,
Que innocente o amor via do thalamo
Esvair-se, arvoar-se em negra duvida . . .

X

Mesquinha Leonor, na primavera
Da vida tão risonha, já do acaso
A ferrea mão te segue : sonho frivolo,
Ligeira, fugitiva, a vida humana,
E' longa no soffrer, na desventura ;
Chimera no amor, na dita escarneo.
Ai ! o tempo feliz é fumo, é zero,
E' nuvem, que do peito varre o boreas,
O tumido aquilão, que nos abysmos
O reprobado despenha, entre as angustias
Da voragem, que ao mundo affronta o pejo.
Desditosa florinha, á terra estranha
Conduziste o perfume, as lindas petalas ,
Deixaste a patria q'rida, o vergel pudico,
Sorrindo á luz do amor, que te evocava.
Amando e adorada, sobre a terra
Só vias no porvir, juncando o solo,
A senda que trilhavas, as boninas,
As flores que teu piso perfumavam.
Ai ! misera, do sonho tão jucundo
A saudade ficou, resta a memoria.

XI

E' triste o recordar, que venturosos
Libámos do prazer na taça d'ouro.
E' triste, ao pé do lume que se esvae,

Palparamos já na sombra, espectro esqualido,
O gelido abandono; apoz o enlevo
Só ver na solidão o luto d'alma.
E' então que a saudade o negro toxico
Mortifera offerece, e a lembrança
Pungente do passado nos devora.
Atraz fica um jardim; inculca brênha
Sem limites attrahe, erma d' affectos.
A'quem fica a bonança; o rijo embate
Da onda que restruge, que fascina,
E além no eterno abysmo nos arroja.

XII

Soltando amargo pranto, a triste esposa
Soluçando abraçava os tenros filhos,
Fanal que lhe ficou na escura noite.
Eram filhos do amor, que se dissipa,
E do tempo feliz symbolo caro.
Abraça carinhosa do seu Jayme,
Do thalamo as vergonteadas, que floriam.
Outras vezes sorrindo, suspirando,
Traduz a dôr, submissa erguendo os olhos,
E no peito abrigando occulta lagrima,
Exhala n'este cantico fatidico
Gemidos, que despreza o mundo ignaro:

Meus filhos se a innocencia
Podesse eterna em vos ser,
Bemdiria a providencia,
Sem dôr podia morrer.

E' agora a vossa infancia,
E' do ceu esse viver,
Mas do berço alma fragrancia
Nos annos se vae perder.

N'essa idade é que se ignora
O que á luz vimos soffrer:
Mas é ligeira essa aurora,
Que eu vejo em prantos descer.

Meus filhos a vida corre,
Com ella o fado a correr.
O que é bello esvae-se e morre,
E' só firme o padecer.

XIII

Findava suspirando um dia o cantico,
Sobre o peito cingindo a cara prole,
Quando alguém presentiu . . .

Qual rola timida,

Que sente por instincto o laço perfido
Do astuto caçador, e ávida estreita
A geração querida ao seio plumoso,
Assim ao coração, que pulsa afflicto,
A pobre mãe aperta consternada
Os adorados filhos.

Que reccias
O' Leonor gentil? que maus agouros
Prevê teu coração, á dôr rendido?

Propheta d'amargura o peito humano
Nas magoas não se illude: é vate agora
O teu, ó triste esposa, quando tremula
A' dama, que chegava, tu dizias:
— O que vos traz aqui, Anna Camella?
Que vindes vós dizer-me assim prostrada
Infausta mensageira? novas dôres
Me vens annunciar? —

XIV

Muda, impassivel,
Ficara a *nobre* serva: mais hypocrita
Que o seu jámais um gesto houve nas salas,
Onde impera dos aulicos a intriga;
Onde os grandes da terra o ar impuro
Aspiram da lisonja e vil inveja.
Esbelta, a recémvinda era formosa,
Elegante e altiva, mas nos labios
Um sorriso perenne á flux vagueia,
Que falso logo inspira negra duvida.
O nariz aquilino, arrebitado,
Seu genio denotava viperino.
Dos olhos, que fluctuam caprichosos
Nas orbitas profundas, reverbera
Um sinistro fulgor, que gela o animo
A'quelle que nas fronteas lê do intimo
As mais secretas paginas. Formosa
A face da mulher, do averno imagem
Tambem por excepção é raras vezes,
E' das culpas tambem tragico symbolo!

XV

Finalmente baixando a vista impudica,
Com simulado accento assim discorre :
— Altissima duqueza, vossas magoas
São já do regio paço conhecidas,
Notorias oh ! desdita ! são de ha muito.
Por novas d'alegria bem quizera
Vossa dôr mitigar, e um dia ao menos
Prestar-vos de prazer e de ventura.
Mas não senhora minha, o fado avesso
Me traz com duro encargo aqui agora.
Eu sei que vou rasgar profunda f'rida,
Conheço a ingrata via em que me encontro,
O penoso dever, que impõe o acaso
A' vossa mais discreta servidora :
Mas, duqueza, é forçoso o que succede
Sem hesitar dizer-vos : era um crime,
Uma infamia sem nome, era ser cumplice,
Da sorte despiedosa, vir negar-vos
Esta crise fatal, que o paço enlucta . .
O valor invocae do fragil peito,
Que agora ai ! triste irá um fundo golpe
De novo supportar . . . Sabei, senhora,
Que o vosso amado esposo, o senhor duque,
D'este alcaçar fugiu, e que do burgo
Para terras distantes seguiu hontem,
Do santo confessor seguido apenas . . .
Ninguem seguil-o ousou, ninguem conhece

Do seu caminho o termo : em sua camara
Foi visto um pergaminho ; eil-o senho : a.
A vós é dirigido, e bem parece
Escripto ser ha pouco por D. Jayme . . .

XVI

Quem amòr já sentiu queira a tortura
Julgar d'afflicta esposa . . . Debil pomba
Agora vê atroz fatalidade
O instincto confirmar. A meiga rola,
Ferida solta as azas juncto ao ninho,
Gemendo lastimosa : aos filhos vendo,
Ao seu carinho, o esposo, ó dòr, roubado.
Na rede o caçador o arrasta ; ao longe
Distingue sobre o prado os seus lamentos,
O adens, talvez final, que envia á prole,
Ao ninho, á liberdade, ao doce vinculo.
Vagueia longas horas, dando á brisa
Os prantos, que do peito lhe trasbordam,
Do peito aonde enfim vem solitaria
Aos tenros orphãosinhos dar refugio,
E a paz, que ella jámais fruir não pode.

XVII

Assim aquella mãe, que amòr sonhara,
O martyrio só vê, so vê no dedalo

Dos dias que virão, immenso vortice ;
Mesquinha a quem fugiam n'um momento,
Dos annos no verdor, da juventude
As caras illusões, o britho ephemero.
A dama despedindo, ao berço corre,
Abraça da ternura o fructo angelico,
E amargo entre gemidos solta o pranto.
Ai! chora anjo esquecido sobre as aras
Da fulgida innocencia; fragil pomba
Pranteia da saudade á luz, que mostra
Nas sombras do porvir o desengano,
Nas trevas do futuro atroz supplicio.

XVIII

Depois d'essa atonia prolongada,
Da prostração cruel, a ignota epistola
Ao pé viu flammejar: era do tumulo
O lampejo fatal em noite escura. . .
Em a lèr hesitou, mas n'um momento
O sèllo foi quebrado, convulsiva
Desdobra o pergaminho e suspendendo
O folego enervado, leu com impeto.
N'um lance d'olhos tudo a desditosa,
Ai! tudo conheceu. . . Atroz, horrivel,
Do exame foi o fim, um grito d'alma,
Que um mundo resunhia de tormentos,
Soltou, caindo em terra semimorta.
Espectro luctuoso viu, que ao largo
Os antros do sepulchro lhe entreabria
Ao ceu rogava a morte, mas no berço

Ouviu tenue vagido ; anciosa erguendo-se
Os filhinhos, que sós depois ficaram,
Revivendo lembrou. . . Foi n'este ensejo,
Que viu, desfeita em prantos a seu lado,
Da sua doce infancia a companheira,
Consozia predilecta nos folgares :
Só então percebeu, que as suas dôres
Um anjo partilhava, a sua amiga,
A carinhosa, a linda, a gentil Bertha.

XIX

— E's tu, que á minha dôr sempre solicita
Lentivo dar vens ? — e sem accordo
Aos braços a duqueza se arrojava
Da leal confidente.

— Ai triste sorte !

Nos tempos que fugiram fui ditosa,
Nos dias que gosei, commigo o jubilo
No solo em que nascemos partilhaste.
Commigo desde a infancia carinhosa,
Tu vieste sorrindo à terra lusa,
A' terra onde eu julgava que fulgia
Eterna a flicidade. O sonho credulo
Qual fumo se desfez : atroz destino
Espreitava sedento a preza incauta.
Mas tu, ó cara amiga, entre os prazeres
Não foste mais constante, do que agora,
Que a noite do infortunio envolve esta alma.
Só tu, só tu, ó Bertha, n'este exicio
Tiveste, n'esta angustia, santas lagrimas,

Para ás minhas juntar ; tu só pranteias
Da triste Leonor a desventura !
Só tu vens mitigar esta dôr íntima
Commigo do passado os dias bellos
Em prantos recordando, ó terna amiga.
Eu grata te bendigo, a Deus prouvera,
Que os dias que passei inda voltassem.
Mas não . . . lê esta carta, e vê se pode
No peito resurgir a morta esperança. —

XX

Não pode mais dizer ; copioso pranto
No rosto macerado percorria
O conhecido sulco : e novamente
Contra o peito estreitou a cara virgem,
Occultando a cabeça no seu collo,
E tremula lhe deu o pergaminho.
— Bertha, minha amiga, o meu futuro
Verás em luto escripto, atroz sentença
Esse homem que adorei fulmina barbaro.
Esgotarei ai ! sim o negro calix.
Lê . . . lê ó minha irmã, e depois julga-me.

XXI

Attonita a douzella, muda, exanime,
Com profunda emoção leu entre lagrimas :
«Senhora, para sempre d'estes paços
Eu fujo e vou pedir á soledade

Da vossa ingratiidão o esquecimento,
Do amor que alimentava eterno olvido.
Julguei que, unido aquella que adorava,
Feliz ia passar minha existencia.
A flôr da juventude rescendia,
Perfumada sorrindo altiva e bella.
Eu via no futuro a dõce esp'rança
Sorrindo feiticeira, os caros fructos
Da ternura surgindo no regaço.
Ameci-vos muito ; ai ! louco, era uma crença,
Que ao coração mentiu : fugaz relampago
Ingrata Leonor era a ternura,
Que illudido julguei sagrado fogo
Nas aras do hymeneo em pyra eterna
Por um anjo incendiado. . . Hoje (ô vergonha !)
Ainda sinto amor ; sempre hei-de amar-vos. . .
Se um direito divino, a fê jurada
Em vossa alma perjura não poderam
A traição conjurar, não merecia
O amor do triste esposo esse holocausto
Da mulher ao decoro ?

 Não ; trahido,
Fui por vós despenhado n'este abysmo,
De que ha-de involto erguer-se no sudario
Cruciante remorso. . .

XXII

 Era mentira,
Um perfido sarcasmo, o amor vosso !
Ai ! não, nunca jámais, amaste aquelle,

Que o mundo resumia em vossos braços.
Jámais uma mulher estremecida
Se viu com tanto amor ! mas foi-se a nuvem ;
Das rosas que sonhei o ingrato espinho
Agora só me punge, da saudade.
Apoz meiga bonança e dias prosperos
Pela dôr fulminado sinto os elos
Da vossa ingratidão cingir-me, e reprobo
Da infamia sou exposto no patibulo,
Dos precitos na vida ao cepo atado !
Ha pouco ainda o mundo ampla chimera
Com risos mentirosos me illudia ;
A phenix dos meus sonhos sobre o thalamo
Na plumagem sustinha da ventura
O idolo benefico : os seus canticos
Em torno modulava a philomela :
Mas hoje a realidade, espectro lugubre,
Nas larvas me abysmou da tumba gelida :
Dos zelos o abutre a bronzea garra
No peito introduziu com força herculea :
Nas trevas monstruosas em que vivo
Só escuto do mocho o canto funebre,
Soltando sobre a cruz longo gemido :
As forças vacillantes na cratera
Me arrojam do vulcão, que em baixo rage.
Encostado ao bordão do peregrino
Eu vou tentar erguer-me, e ao mundo profugo
Irei longe dos homens, solitario,
Findar na penitencia atroz martyrio.

XXIII

Na serra d'Ossa existe um fundo valle
De cerros verdejantes circumdado :
Nos asperos declives os ribeiros,
Ora estoirando além sobre os penhascos,
Despenhando-se alli em cachoeiras,
Ora occultos gemendo nos macissos
Da verdura silvestre, ora espraiaando-se
Na relva caprichosa e odorifera.
Ao fundo vão nutrir o grande pelago,
Que nas fragas rugindo, foge rapido
Nas gargantas da serra erguendo a espuma.
De verdura perenne o lindo valle
Entre as mattas bravias desenrola
Pomares e jardins encantadores.
Convida a meditar este recinto,
De Adão o paraizo nos recorda :
Destaca o sacro templo na espessura,
Dos monges beguinos o mosteiro,
Da piedade a clausura. Alli, senhora,
Prostrado ante o juiz serei dos mundos :
Alli quando este escripto vossos gosos,
As nefandas blandicias do perjurio
Da perfidia o prazer, por um instante
Irá talvez turbar, do culto á sombra
Foragido estarei á torpe injuria,
A vossa ingratição chorando incognito.

XXIV

Da inquisição a victima no potro,
Cercada d'apparelhos monstruosos,
Dos gelidos phantasmas da tortura,
No pez incandescente á força as mãos
Mettendo, emquanto ao peito descarnado
Lhe applicam vil ferrete, e quando ao longe
Dos que morrem nas chammas sente os gritos
Do supremo estertor, d'infinda angustia
Da fé no impio auto, mais não soffre,
Do que a pobre senhora lendo attonita
O tragico papel. Quando findava
Brilhavam-lhe no rosto duas perolas,
Que, mudas, deslisando, no regaço
Avaras se embebiam. Contemplando-a,
Julgareis ser da Virgem sobre o Golgotha
O celico transumpto : Assim mais bella
A duqueza litou :

— Porque as lagrimas ?

(Lhe diz com voz extincta a esposa misera,
Que innocente se via abandonada.)
Não succumbas á dor, so tu me restas :
Em ti só inda encontro o affecto puro,
Que nos risos da infancia nos juramos.
Ensina-me a coragem, verte querida
Aqui n'este meu peito o esforço intrepido,
Que na patria do Cid herdámos junctas. —
De novo se abraçaram, longo tempo
Nas trevas confundindo acerbo pranto.



CANTO QUARTO

Amor maldito

I

Escuto nas alturas harpa eolia
Aos eusos confiando as melodias,
Que o genio do amôr ao côro aereo
Das fadas dedilhou. Sinto mais pura
Da noite a leve brisa vir n'um osculo
A frente bafejar-me; ignoto aroma
Aspiro inebriante; o dôce influxo
Das ternas commações sinto magnetico.
O' fagueira miragem dos meus sonhos,
Alvorada risonha do estro, esquiva,
Das trevas inda surges! sè bemdita:
No ceu vem refulgir do amôr, que ousado
De novo a luz saudando, adeja incolume.
E o som harmonioso cresce, avulta,
Ao longe diffundindo n'outra esphera
Os echos venturosos. Vem ligeira
Chimera partilhar da phantasia

A egide louçã; e se isto é sonho,
Concede, que se alongne, e que ás vigílias
Succeda festival, augusto, eterno.

II

Nos immensos jardins do erguido alcaçar
Das arvores frondosas o perfume
V'luptuoso se diffunde no ambiente;
Do esplendido matiz as mil vergontas
Rescendem seus aromas indiziveis.
A lua percorrendo a extensa orbita
N'este quadro dardeja estranho brilho,
N'esta linda mansão, que amôr encerra.
Então d'entre a ramagem, d'onde a furto
Indiscreta raiou nocturna lampada,
Nos echos da ternura cicíaram
Estes sons, que expansivo, um peito acolhe.

III

— Escuta virgem bella as castas supplicas:
Soltar do meu amôr oh! deixa o vôo
N'esta estrophe singella, que nossa alma
Fremente vê surgir d'um estro ignoto:
Só n'ella se traduz com terno estímulo
Os carmes, que a paixão, selecto numen,
Accorda em nosso peito, se a neblina,

Se as nuvens do ciúme o ceu não toldam,
O ceu da nossa esp'rança e do futuro.
Sabeis o que é o amôr ô q'rida Bertha?
Electrica faisca, que ateando-se
Em silencio devora o fragil peito;
Chammejante depois, voraz incendio.
Do corpo entrega ao vento a flebil cinza:
Visão, que permanente nos encanta,
Ou que a vida anniquila na tortura;
Estrella, que da terra ao paraizo
A's vezes nos conduz por via esplendida;
Que nos faz esquecer glorias mundanas,
Que incita a cubiçar do mundo os louros,
E que á vida dos anjos nos eleva.
E' crença, que no peito enraizada,
Nos outhorga a ventura ou o martyrio:
Esp'rança na desdita, é providencia,
Que doira sobre a terra o riso, o pranto:
E' flôr da juventude, e já na infancia
E' vaga aspiração, ligeiro sonho.

IV

Não ouviste gemendo a dôce brisa,
Por entre os salgueiraes do rio ameno
No fresco despertar d'um bello dia?
As folhas tambem amam, a bafagem,
E o zephiro beijando o tenro arbusto
No rocio da manhã amôr exbalam.
Não viste como as aves, quando a aurora
Desponta no levante, em côro immenso

Chilreando, se aninham caprichosas
Nas vetustas florestas, pelas vargeas?
E' o amôr o seu guia, elle as impelle
A saudar retouçando o novo dia.
Não viste quando o sol a prumo expelle
Seus raios sobre a lympha, que sussurra,
Como zumbe o insecto, e no regato
Balouçando-se um beijo audaz imprime?
Tambem feliz elle ama, e seus amôres
Festeja alli sorrindo à luz, às pompas,
Que no prado espargiu a primavera.

V

E tudo ama no mundo, a natureza
O amôr impoz aos entes: quer nos astros,
Do mar na vastidão, no antro escuro,
Da esphera no infinito, no horisonte,
Na immensa amplidão, ou sobre a terra,
Nas plantas, nas campinas, ou nos bosques.
Em tudo o homem vê sagrado affecto,
Em tudo encontra amôr! é negro erime
Da sorte à sabia lei fugir incredulo.

VI

E amei-te assim ó Bertha... fui escravo
Da paixão, que me nutre e me devora!

Não podes q'rida amante, ai! não, não podes,
A estrophe lèr aqui do amòr mais puro,
Que a vida me doirou com mil promessas,
Oh! se fôra escondido em veu tenuissimo,
Que a tua mão divina erguer pudesse,
Com receio avistâras o tumulto,
A desordem, que lavra no meu peito.
Verias que a paixão, que me consomme,
E' chamma inextinguivel, que os teus olhos
Para sempre incenderam sem piedade.
Teus olhos, q'rida musa, facho electrico,
Que as algemas fundiu ao pobre escravo.
Teus olhos, que eu contemplo quando a lua
Alta noite campeia lá no empyreo;
Que eu vejo nas vigilhas, nos meus sonhos,
Com lampejos d'amòr a fascinar-me.
Durante o frio outono se vagueio
A's horas em que dorme a turba egoista,
E julgo contemplar no firmamento
Teus olhos de saphira; se das nuvens
Descaem sobre a terra tenues flocos,
Que ás faces me cònduz nocturna aragem;
Aspiro extasiado a lenta bruma,
Pois que julgo sentir tuas madeixas
Vertendo igneo perfume nos meus labios.

VII

— Confio, q'rido Jorge, nos encantos,
Na pureza da fé, que me juraste.

Bem sabes como te ama a pobre Bertha,
Bem sabes quanto amor encerra o peito,
Que só por ti anceia: sabes q'rido
Que desde aquelle instante venturoso,
Em que te vi na corte, e inebriada
Contemplei cavalgando o talhe esbelto
Do formoso donzel, do amor nas aras
O meu culto off'reci constante, eterno.
Quando o solo pizei da Lusitania,
Tu foste o doce amante o cavalleiro,
Que o destino off'receu, qual astro limpido.
Aos meus olhos d'amor, de prazer, avidos.
Então ameí; senti, ai! sim ao ver-te
O coração rendido ao doce nune,
Que é tortura ou esp'rança, inferno ou vida:
Ao nune, que travesso me negára
Na terra em que nasci fogoso anhelito. —

VIII

A's phrases da ternura succedia
O enlevo prolongado, o mudo extasis...
Por entre a sombra espessa, entre a penumbra,
Fitaram-se em delirio: um terno osculo
O suave murmurio miui ao zephiro,
Que a verdura embalava, onde escondidos
Gozavam da ventura o meigo encanto.
Que instantes deleitosos, que momentos,
Dos astros ao lampejo disfructaram!
Sorria o mez de maio, a primavera

Bellezas ostentava altiva e prodiga ;
Aquella noite amena era propicia
Da ternura aos mysterios, que imprudentes
Do paço nos jardins felizes gosam,
Em bancos de verdura reclinados,
Um par, que ao Deus do amor faria inveja :
D. Jorge de Almedina, o requestado
Das bellezas do paço, e a vaporosa,
A nobre favorita, a linda Bertha.
Nem um leve rumor, no occaso a lua
Projectava a descuido entre a folhagem
Cambiante, incerta luz, e inebriantes
Perfumes espalhavam da baunilha
E da murta os festões, que dos sycómoros
Pendentes balouçavam ; as violetas
Por entre a verde alfombra o chão matizam.
Sentia-se alli proximo o murmurio
D'uma fonte escondida entre as olaias.
Tudo alli era bello, tudo limpido
Lhes falava d'amor, de goso anplissimo !

IX

Mas como é falso o mundo ! ao par ditoso
Quem ousára dizer, que entre as blandicias
Espreitando os seguia a vil inveja,
Que o nojento reptil, o escuro aspide
Na relva que pisavam se escondia ?
Das miserias terrenas olvidados,
Tão longe do bulicio, das torpezas,



Envolvidos no enleio do amor reciproco,
Não ouvem dos cobardes o rugido ;
Felizes, não conhecem que nas sombras
Encetára a inveja a negra lida !
Folgae ledos amantes, que os momentos
Da ternura, do amor, ligeiros passam ;
Folgai, que a vil calumnia eu vejo proxima
A satanica teia urdir nas trevas ;
Folgai, ainda é tempo, o sacrificio
Seguir ha-de arrastada a innocencia ;
Nas azas do ciume ergueu-se a pyra :
Folgai, podeis sorrir : entre caricias
Momentos disfructai, que nunca voltam.

X

E a noite ia fugindo : em vago enleio
Involtos se contemplam ! Não toldava
O ceu d'aquelle amor um pensamento,
Uma idéa lasciva !

Nós, da epocha
Disso'utos caudilhos, não ousamos
Dos nobres paladinos d'outras eras
A indole estudar austera e pura.
Não sabemos, ai não, julgar dos homens,
Que nas justas a lança erguiam placidos,
Nas salas o alaude ; que na guerra
A patria engrandecendo, resurgiam
Nas treguas namorados trovadores.
Do esforço duvidamos dos guerreiros,



Que a gloria por amor buscam intrepidós :
Duvidamos, oh ! sim, netos bastardos,
Que o calculo antepomos á poesia,
A' bravura o int'resse, o nada ao genio.

XI

— Adeus meu cavalleiro, a noite segue
Com rapidez seu giro : adeus meu Jorge.
Adeus terno amador : aos ceus apraza
Os dias dilatar-nos da ventura.

— Bertha, q'rida Bertha, porque foges ?
Porque deixar-me assim, porque tão breve
Findar risonhe encanto ? Ai ! eu presinto
No amor, que nos sorri, dias de luto.

— Deixai meu trovador tristes suspeitas,
Deixai pueris temores ; longe o pranto,
Que entre nós o amor a luz bemdita
Ergueu da grata esp'rança : a densa nuvem
Crescer inda não vi no ceu tão calmo.
Adeus meu bem amado, adeus, as lagrimas
A' sorte, que sorri, são fera injuria. —

XII

Erguen-se vaporosa, á face q'rida
Do affectuoso amante uniu os labios.
Mas quando ia fugir, quando intentava

O extasis findar, elle em delirio
Nos braços lhe enlaçon o bello collo,
E ao osculo d'amor um novo beijo
Fremente respondeu nos roseos labios !
As faces o rubor da pudicicia
Tingiu da gentil fada, que, anhelante,
Confusa lhe supplica ; ao pejo, tímido,
Ao dõce encanto, cede, e fascinado
A grata preza solta ! . . .

Esquiva e leve
Das sombras atravez fugiu ; ao longe
Da lua ao meigo alvòr a branca tunica
Junto ao portico alveja, e qual fantasma
Sumiu-se ao descantar da philomela.
Julgava inda cingil-a em dõce amplexo
O amoroso douzel, quando sò tímido
O seu peito arquejava, quando apenas
Da noite a solidão ouve propicia
Suspiros, que seu peito em fogo exhala.

XIII

Quem na vida não teve horas d'encanto,
De paixão, de feitiços, de mysterios,
Que ante o somno dos orbes foi desperto.
Offegante, cingir um corpo amado ;
Quem á pallida luz de mil estrellas
Eivado não sentiu d'um grato aroma
D'uns labios de rubim o sopro angelico ;
Quem por entre a verdura á meiga brisa

Não sorriu, que passava doidejante,
Espargindo no rosto aureas madeixas
D'amante, que a seu peito d'amor prodigo
Comprime n'um momento de ventura ;
E que ao erguer depois os lindos olhos
Ostenta do carmim na tez alvissima
O angelico rubor, e que anhelante
Na bocca seductora a furto um beijo
Permitte descuidosa ; quem não ponde
N'um abraço antever o goso limpido
Que off'rece o paraizo ; quem os cofres
Do amor, do coração, não viu abertos,
A ventura outhorgando á mocidade ;
Nunca, nunca, jamais, pode as angustias,
Julgar do trovador, em quem desperta
Do encanto que fugiu saudosa imagem.

XIV

Ficára semimorto ! Turva e negra
A noite julgou ver : longe a borrasca
Rugindo ouvir julgava : no murmurio
Do frondoso docel, silvo presago
Pensava distinguir ! A luz fugira-lhe
Na fagueira visão, extincta agora.
Ficára triste e só, inconsciente
Da hora e do logar ; da mente esquiva
Fugira a reflexão ; nem um só elo,
Que as revoltas ideas combinasse.
Era só . . . Atravez da espessura

Soltava o rouxinol as melodias
Repletas de ternura e de saudade :
Na immensa amplidão dos ceus a lua
Sorria a consolar do amor os martyres.
Da vida, enamorado, quanto dera
Por ainda um instante, um só momento,
Cingir da terna amante o corpo esbelto ;
Por ainda uma vez a furto um osculo
Delirante depôr na q'rida face,
No rosto, que sorrindo, do futuro
Os suaves deleites p' ediz'a . . .

XV

Porque estremece agora, porque sente
Ao peito refluir fervente lava ?
Porque suspira ancioso ? . . . Na janella,
Que tão bem conhecia, um frouxo lume
Entre as sombras errante as bellas formas
Contemplar, distinguir, lhe permittira
Da bella, que adorava. Qual automato,
Qual estatua, caminha, a fresca relva
Que á hafagem sorria aos pés calcando.
Suspensa a julga olhar no horisonte
Involta n'uma nuvem purpurina :
E ella, debruçada, entre a verdura
Perseruta a sombra q'rida, e enamorada
Um beijo inda lhe envia, ultima phrase
D'aquelle immenso amor, que lhe votára.
Depois desaparecen ; a luz sumiu-se.
E' desfeita a visão, qual meteoro.

XVI

Dilatado suspiro buliçoso
Levou da noite a brisa ; delirante
Sobre um banco de musgo se arrojára,
Gemendo um triste adeus . . .

No horto tranquillo

Agora no silencio só avultam
Dos ramos colossaes sombras errantes.
É tudo plena paz : mas d'improviso
Um vulto se projecta, da espessura
Sem ruido alongando leves passos :
Com precaução caminha ; á luz argentea
Nos labios lhe deslisa atroz sorriso
De barbara sevicia, e que revela
Ignobeis, vis projectos : das pupillas
É sinistro o fulgor !

Que intento encobres,
Phantasma do averno, o que procuras ?

XVII

Era um homem, que involto em ampla capa
Avança com mysterio, ao nobre alcaçar
Seguindo resoluto. Visão, sonho,
Das sombras ao abrigo tambem segue
Na mantilha andaluza rebuçada

Uma joven mulher. Joven dizemos
 Pela esbelta figura. A ponto dado
 Parecem convergir ; n'um sitio escuro
 Encontram-se afinal. Ella primeiro
 Offegante lhe diz :

— Outra aventura

Teremos, Fernão Velho ?

— Muito tarde

Vieste, Anna Camella ; os dois pombinhos
 Arrulhando estiveram . . .

— Onde ? vamos

Ouvir terno colloquio.

— É findo ha muito ;

Ergueu azas a pomba, ao casto, ninho
 Voou cortando o espaço !

— E o pombo, o pato ?

— Attentai ; boquiaberto inda contempla
 O rastro, que deixou Citherea arisca !

XVIII

— Deixal-o : o que ha de novo ? o nosso plano
 Esp'rançoso prospera ? . . .

— Vem ás cegas

Imbelle a pobre victima involver-se
 No laço, que ha-de um dia suffocal-a !

— À vingança propicia a sorte afirma-se,
 E da nossa alliança fructo amargo

Gostar ha-de a duqueza, eu vos juro.

— E elles pobres tolos, namorados

Mal sabem, pobresinhos, que instrumentos
Hão de ser da desforra, porque almeja
A nossa alma offendida, a honra inulta!
— Venha, oh ! sim a vingança, e nosso affecto
Vingados em triumpho gozaremos.

XIX

— Vingados ! . . . sim, por certo, os dois pombinhos
Bem podem da ternura o doce nectar
Com avidéz libar : que um dia proximo
Do zeloso Dom Jayme a furia insana
Talvez doce feitiço em magoa e luto
Lhes venha transformar ! . . . A linda Bertha,
Arvorada em censora, mil conselhos
Não m'off'receu gratuitos ! atrevida
O despejo não teve, a petulancia,
De m'estranhar altiva a incontinencia,
Como ella lhe chamou, do amor jurado
Por nossos corações ! . . . Não quiz propheta
Predizer, que aviltada eu choraria
Sem repouso, sem fé, eterna angustia !

XX

— Pois ella tanto ousou ? . . . Ai ! dó me inspira,
O riso me provoca ! isso é loucura !
Talvez que um dia chore, talvez breve

De tão grande estulticia invoque pavida
 A funebre memoria ! Pasmó ás turbas,
 D'um homem como eu sou, d'um cavalleiro,
 Se impune assim falasse. causaria !
 Dom Jorge, meigo Adonis, larga a cythara,
 Suprema se travou eruenta lucta ;
 D'exemplo servirão. sirvam d'assombro
 Aos que sonhem turbar do nosso affecto
 A lucidez, que inveja causa aos zoilos.
 Dom Jorge, que a frei Pedro ousou sarcastico
 Dizer, que ereis altiva, que á duqueza
 Vosso orgulho e maneiras despraziam ;
 Que ereis desinvolta, e que eu ingrato
 Os dictames seguia d'um ser perfido !
 — É muito atrevimento, é muita audacia !
 — Oh ! deixai-os, senhora, que eu protesto
 Pavorosa vingança ! . . .

Se confiam

Em ter do rei a rogo o duque rispido
 A clausura deixado : se asseveram,
 Que na cõrte faustosa a innocencia
 Da dilecta consorte proclamára,
 Do monarcha rendido aos argumentos ;
 Eu sou inda o valido, eu nas entranhas
 Revolver saberei com fúria a terra,
 Se preciso nos fôr ! Protesto, juro
 Pasmoso desaggravo !

— E eu, cavalleiro,

Despiedada serci na guerra crua,
 Que á duqueza declaro e seus acolytos !
 — Silencio . . . temos hoje serenata !
 Escutemos do cysne o canto harmonico.

XXI

Era certo : no extremo opposto, as cordas
Vibravam do alaude ; uma voz tremula
Por estranha emoção, disputa à brisa
A nocturna harmonia : os seus trinados
Suspende na espessura a philomela ;
Os ramos, que se agitam buliçosos,
Tranquillos emmudecem : fulgurante
Suspende n'amplidão seu giro a lua.
Tudo vem escutar singelas trovas,
Tributo, que do peito angustiado
Rende á sua beldade, um cavalleiro,
Que suspira, ensinando á noite, ao zephiro
Arcanos, que ciosa recolhia,
Que os dedos sobre as cordas percorrendo,
Lhes presta da ternura o mago estylo,
Que assim, com terno accento enamorado
À saudade ergue agora um casto hymno.

Já desce a lua no ocaso,
Sinto a brisa refrescar.
Breve, ai ! breve a madrugada
Virá os cerros doirar :

E tu dormes ; dorme, ó virgem,
Não vejas o meu penar ;
Dorme o somno da innocencia,
Que os anjos te hão-de velar.



Os meus sentidos queixumes
Tu não deves escutar :
Só eu velo, só eu sonho,
Como é triste o meu sonhar !

Mas dorme, dorme tranquilla,
Seja só meu o penar ;
Que seja o teu, ó meu anjo,
Da pureza o despertar.

Se eu rei fôra, tu no solio
Te virias assentar :
Mas só posso n'este peito
P'ra ti um throno elevar.

Ai ! dorme, dorme bonina,
Que eu vi nos prados brilhar.
Dorme ai ! sim em quanto eu peno.
Não oiças meu suspirar.

Eu quizera a fama, a gloria,
Dos heroes o trilho achar ;
Do vencedor o triumpho,
Para a teus pés o humilhar !

Mas dorme, dorme, repousa,
Estrella do meu sonhar :
Que talvez eu so na morte
Possa um dia repousar !



XXII

Qual suspiro exhalou o extremo canto,
Que se esvaiu no espaço ! a terna lyra
Gemera angustiada um som tão debil,
Que em longinquas espheras harpa eolia,
Pelos anjos tangida parecera !
Por fim do trovador ás mãos inertes
Escapa e cae soltando um som plangente.
Do ephemero lethargo accorda : Ai ! antes
P'ra sempre adormecera a imagem q'rida
Invocando, que á vida, á prosa, ao lodo,
Ao mundo inda tornar de vís miserias ! . . .

.....
.....
Ao longe ouvir julgou um rir d'escarneo,
Satanica expressão d'atroz designio.
As aves que o ouviram sobre as arvores
Pairando estremeceram ! Sobre a relva
As sombras distinguui de dois phantasmas,
Que se escoam fugindo ! D'uma porta
Que nos quicios girou, que se fechava,
O rumor distinguui ! . . . Este mysterio
Não soube decifrar ; mas nas arterias
Sentiu gelar-se o sangue ; do sepulchro
O halito sentiu beijar-lhe a fronte.





CANTO QUINTO

Aurora ephemera

I

A sorte é só constante nas chimeras ;
Se ás vezes caprichosa, alguns instantes
Permite bonancosos, da tortura
O cortejo lhes dá dos vis satellites :
A's vezes uma luz, que se esvaira,
D'entre as trevas resurge ; a pobre esperança
Inda as vezes sorri do escuro cahos ;
Mas é fugaz lampejo, a noite eterna
O archanjo dos sepulchros decretára !
Imagem d'esta vida a natureza
Soe tambem deslumbrar-nos com mentiras,
Com enormes caprichos. Tal succede,
No furor do tufão negra borrasca
Qual fumo dispersar-se ; no horisonte
Refulgente brilhar o sol, á terra,
Qual osculo de paz, de luz, de vida,
Revertendo saudoso. Mas, ó magua,



Veloz como o corisco, uivando em furia
Ingente o furacão resurge, envolve
No tormentoso manto a esphera, o mundo,
Deixando apoz de si negras ruinas.
Os risos d'um momento dissiparam-se,
E o augusto phanal em noite asperrima
Involvido se occulta ; pelos ares
Travou-se a immensa lucta ; temerosa
No abysmo a confusão avulta, impera.
Aos bastardos da sorte a existencia
No olvido reproduz tão negro quadro :
A ventura é mentira, é nada, é sonho,
Nos desertos da dôr turva miragem !

II

E' coberto d'abrolhos o caminho
Em que então se vê só o triste reprobó ;
Como a dôr é mortal, e como a vida
E' pezo insupportavel ! Nunca, ai ! nunca
O prazer volverá, nunca o aroma
Das florinhas mimosas, que murcharam.
Nem jámais um sorriso os labios seccos
Pela febre abrirá ; nem de meiguice
Nem d'amor um olhar sereno e puro.
Nunca mais as loucuras, os folguedos,
D'esse tempo feliz, da juventude.
E se a victima insonte é um ser fragil ?
Se é mulher, pelas vagas descuidosa
No culto surprehendida da innocencia ? . . .
E se a mulher é mãe, se á cara prole

Ha-de afflicta sorrir, quando só lagrimas
Dos olhos o fulgor escureceram ? . . .
Que instantes dolorosos, que amargura
N'um beijo se traduz, ou n'um suspiro
Agreste se transmite á meiga infancia !
Que prantos no silencio, que pezares
Dos homens indiscretos, do bulicio,
Ignotos as vigílias sepultaram !
Que torturas sem nome a frouxa essencia
A retalhar accorrem !

Mundo, ó mundo,
Comprender não podes, tu, egoista,
Quanto soffre na terra sem queixumes
Essa imagem dos anjos : não conheces
A missão, que á mulher a natureza
Na infancia confiou, de Deus bemdita.

III

A côrte lusitana era em Setubal,
Onde, cedendo aos rogos, tendo ouvido
Do principe os conselhos, se passára
O duque de Bragança. Já não era
Aquelle esbelto joven, que nós vimos
Transpondo a lusa raia ; já d'outr'ora
Se lhe apagou do olhar o vivo lume,
A fulgida expressão. Inquieto, vago,
Taciturno, das orbitas despedem
Fulgor sinistro os olhos, onde nuvens
Dissereis ver surgir. Elle, que impressa
Na fronte a gloria tinha ao par do genio,

Hoje apresenta o rosto macerado,
D'um tímido provector a estatura.
Ninguem ao vel-o attento julgaria
Um guerreiro encarar da raça illustre,
Que então regia os mares : mas bem longe
Junto a si ter pensara um cenobita,
Um penitente austero ! E' que passara
Da calumnia o bafejo n'essa frente,
Dos tartufos á voz já recurvada ;
E' que a maldade abriua o negro sulco,
Que assignalára a mão do vil hypocrita.

IV

Aos paços do monarcha venturoso
Chegára pois Dom Jayme : do seu sequito,
Que ciumes desperta á còrte altiva,
Contrasta o esplendor, o luxo, as galas,
Co' a sua prostração, que da desdita
Trazia impresso o cunho. As suas terras
Nem sequer visitára ; logo á còrte,
A clausura deixando, eaminhára.
Nem sequer os filhinhos, a consorte,
A oscular volvera ! E ella, a mesquinha,
O amor, que lhe fugira, memorando,
Carpia no silencio a desventura,
Do sonho, que passara, extincta aureola.
O sob'rao estranhou, que inda illudido
O duque, proseguindo com cegueira,
N'um erro monstruoso se abysmasse.
Resolveu interpòr-se ; e ás blandicias,

A' ventura avocal-os. Este esforço
Do monarcha a duqueza bemdiria,
Que de novo ia dar-lhe do seu Jayme
O adormecido amor: regenerado,
Maldiria nos braços da consorte
O duque da calumnia a obra iniqua.

V

Um dia convenceu-se ; (longo tempo
Hesitando passou, amargas duvidas
Oppondo aos argumentos :) lamentava
De vergonha corrido a vil tortura,
Que barbaro á consorte elle inflingira.
Soluçava ao sentir, que á innocencia
D'amargura esgotar fizera o calix.
Agora aos pés da mãe da sua estirpe
So deseja humilhado o crime insolito
Com ternura expiar, da bocca angelica
O seu perdão ouvir ; quer sem demora
Volver a seus dominios, aos encantos
Da vida conjugal, à dôr funesta
Roubando a triste esposa. Mas á còrte,
Que do successo extranho murmurava,
Q'ria o rei demonstrar, que era um embuste
O fallado divorcio ; que a harmonia
Nunca do joven duque esquiva o thalamo
Um dia só deixára ; e diligente
O persuadiu, que á còrte mais um astro
Na pleiade brilhante reunisse
No sarau dos seus annos. Convieram,

Que um expresso á duqueza a feliz nova
Se fosse a transmitir, e que ella ás margens
Do Sado sem demora enfim viesse.

VI

Poucos dias passaram : penitente
O duque só espera a feliz hora
D'ao sacrario do amor volver constricto
A tributar seu culto ; só anhela
Nos braços comprimir a que adorada,
Mesmo atravez do abysmo do ciume,
Ai ! sempre, sempre foi ! de felicidade
Que instantes se avisinham ; que ventura
Vai de novo fruir ; da sorte amena
Que sorrisos prevê ; negro infortunio
Não mais do seu porvir o ceu clarissimo
Virá escurecer ! Com que transporte
Beijar ia os filhinhos, dôce fructo
Do seu immenso amor. Enxuga o pranto,
Que vertes, Leonor ; á escura insomnia
Succede venturoso e fausto dia.

VII

De Setubal o povo, os velhos nautas,
D'essa filha do mar os bravos filhos,
Nas praias se agglomeram, pelas ruas
Do Sado a extensa riba demandando :
Por entre a multidão um longo sulco

Se rasga muitas vezes ; são os pagens
Que afanosos do paço ao velho caes
Caminham sem cessar ; ao caes, ao vertice
D'aquella immensa mole, onde se agitam
Em grupos deslumbrantes, n'um só grupo,
Da còrte manuelina os nobres pares :
Onde o estranho esplendor, a opulencia,
Reunida a nobreza alardeava.
Era um quadro formoso ; os cavalleiros,
De mui longinquas plagas recémvidos,
As damas, os donzeis, á beira d'agua
Buliçosos volteiam, tudo folga ;
De galas revestida a natureza
Prazenteira sorria ; era de maio
O dia mais formoso, era d'aquelles
Que saudosos só frue a Lusitania ;
As aguas da bahia o brando zephиро
Levemente encrespava ; alli risonha
A esbelta, a nobre villa reclinada
No leito de verdura, tem por solo
O mar, e por docel as cem montanhas,
A bruta serrania, em que repousa
O genio das batalhas, caro symbolo
Da fé, da lusa gloria. Porfiavam
O momento, o lugar, a natureza,
Em realçar da còrte a festa illustre.

VIII

Mas que festa? — Qual era a estranha causa
De tão grande bulicio? . . . Era a duqueza,

Que as ondinas do Sado conduziam
 Do esposo arrependido aos ternos braços.
 Era sim: lá bem longe a superfície
 Enganosa do rio vem cortando
 Os regios bergantins; lá se avistaram;
 Como airosos deslisam, como voam,
 Pelo genio do amor encaminhados!
 Ao vel-os despontar no dorso liquido
 Dissereis ser um bando de narsejas,
 Ou de garbosos cisnes.

Então subito,
 Juncto á praia, dos botes surge infindo,
 Bulçoso cardume, e asinha a corte
 Se embarca em confusão, por entre o riso
 Dos travessos donzeis, que commentavam
 Galantes episodios... Os remeiros
 Os remos empunharam; fuge á terra
 A ligeira flotilha, e sobre as aguas
 Com delirio se afasta, segue, vòa.

IX

Como soe de vistosas borboletas
 Um bando doidejante ser no espaço,
 Sobre a limpha argentina o vòo erguendo,
 Galeotas, bateis, justam, porfiam
 N'esse mmenso torneio, á flux das vagas
 Velozes deslisando. Ao ver os remos
 Scintillantes erguer-se, ver julgáreis
 Esvoaçando alli do mudo austro

Os gigantes condores! Era esplendido,
Deslumbrante, o conjuncto nos barquinhos,
Quando em seus movimentos dardejava
Nas tunicas vistosas, nas jornéas,
Nas couraças, nos elmos, nas espadas,
Nas cotas de brocado, o sol hispanico!
Os solaus dos remeiros confundiam-se
Co' as xacaras, que em còro as bellas damas
Com rythmo entoavam: dos psalterios,
Das lyras, se escutava o meigo accorde:
Depois das charamelas e anafiles
O estridente clangor. Enamorados
Golphinsos, escutando as ayabebas,
Completam o festim, que partilhavam.

X

A' frota que descia estão já proximos,
Sobre a esteira d'anil enfim se junctam.
Do par que separado a sorte unia
Do amor os paroxismos quem ouzára
Mesquinho relatar; do rei o jubilo,
Da còrte e da companhia? A' terra aproam
Cobrimdo a vastidão do mar, que investem.
Jamais o mundo viu tão bello quadro,
Jamais sobre os abysmos a ternura
Com tão grande esplendor foi celebrada!
Eram nada ao pé d'isto as festas lubricas
Do infeliz Antonio e da sob'raua,

Que a praia alexandrina encheu d'assombro!
Nada ao pé d'esta scena o mudo pacto
Do doge de Veneza com as aguas,
De que o altivo se julga amo despótico!
De vergonha corrido o bucentauro
Fugira a esconder-se nas lagunas,
Nos seus lodosos charcos, se hoje as praias
Onde se ergue Setubal avistasse.

XI

São á riba chegados: aos clamores,
Da turba á expansão, as colubrinas
Com estrondo junctando a voz festiva,
Do mar, da serra os echos despertaram.
Em terra ao mesmo tempo os velhos proceres,
Vetustos campeões dos privilegios,
E os novos cortezãos da monarchia
Saltaram, offerecendo a mão robusta
A's beldades da corte, ás nobres filhas
Dos valentes heroes lá sepultados
Nas ardentes campinas africanas,
Onde o nome da patria engrandeceram;
Onde á patria outras terras, outros climas,
Com bravura inaudita accrescentaram.
O duque de Bragança, a linda esposa,
Com o rei desembarcam, e ante o prestito
Para o paço caminham, acolhendo
As saudações freneticas da turba.

XII

Passaram poucos dias ; novamente
Juncto ao paço de galas revestido
Se agitam em tropel avidos, loucos,
O sarau aguardando, com que a cõrte,
Dos seus annos o rei no fausto dia
Com pompa nunca vista regalava.
Era noite : do paço illuminado,
D'aquelle immenso foco o mar ao longe
Apresenta a miragem, das janellas,
Dos vidros multicõres, sobre a terra
Se reproduz o prisma. Alli julgáreis
Ver das fadas de Lysia a mansão fulgida
O mar, a terra, os montes, transformando
Na sua ignota essencia ; com seu brilho
Á noite dando a luz, o dia ás trevas !

XIII

Mas o povo coitado entrar não pode
Nas salas do festim. Como elle inveja
A sorte dos felizes, que dos porticos
Vê a linha transpor ! É-lhe vedado
Vêr do levante as sedas preciosas,
Pelo genio do homem transportadas,

Agglomerar-se alli ; ou ver do Nilo
Do Ganges, do Euphrates, os tributos
Por um novo roteiro encaminhados
Aos pés do luso throno. Vêr d'um mundo,
Que das ondas se erguera, as homenagens,
Dos pagens, dos donzeis, a galhardia,
Das damas contemplar a formosura ;
As harpas, alaudes e psalterios,
Os bobos, os jograes, ouvir de perto.
É da còrte o sarau ; a oligarchia
O concurso do povo hoje dispensa.

XIV

Emquanto pelas salas o tumulto,
A confusão propicia, occulta as scenas,
Que nos grupos se dão de prazer intimo,
Ou d'extremoso affecto ; quando azado
Dissipava o bulicio os mil protestos,
Que o amor invocava ; o joven duque
Em recondita estancia á terna esposa,
Que nos braços cingia, assim falava :
— Perdão, Leonor, perdão, eu fui um barbaro,
Um feroz insensato ; do meu erro,
Do meu crime nefando, hoje t'imploro
Eterno esquecimento. . . Quem pensára
D'outr'ora ao ver os dias, que o ciume
Viria accumular os soffrimentos
No teu candido peito ; que a tortura

Brotar faria ainda acerbos lagrimas,
Da dor o amargo pranto! Ao teu verdugo
Perdôa, pobre victima, não podes
O que soffri julgar: eu meditava
Nas horas da ventura e quasi louco
Apoz noites d'angustia, de vigilia
A vida quiz roubar-me! . . . Fui incredulo,
Mas terias horror, se o que hei soffrido,
Meiga pomba d'amor, imagináras.
— Querido Jayme, extincto jaz o vórtice,
Onde a ventura morta imaginavamos;
A vida, a mocidade, o amor, a prole,
Nos sorri, proclamando da concordia
O augusto, eterno enlace. . . —

Um longo beijo,

No aposento se ouviu. . . depois as salas
Com inveja os esposos contemplaram.

XV

A segura ampulheta que alta a noite
Vai seguindo indicava: entre as choréas
Na vertigem ninguem, ninguem sentira,
Que o meio ultrapassára; que no giro
Immutavel dos tempos mais um dia
No abysmo do passado achára o tumulo.
Ninguem notado havia, que era extincto
O prazo da verdura, o mez das flores.
Fugiu saudoso Maio; adeus perfumes,

Adeus doces encantos, louçanias,
E' finda a primavera : arida epocha
Já de longe ameaça as pobres flores,
Que as petalas recolhem ; da verdura
O sereno triumpho em breves horas
Será de todo extincto ! ha de seguir-se
Ao zephiro, á frescura, á casta brisa,
A estação ardente . . .

E' alta a noite :

O sussurro das vagas distinguia-se
Ao longe sobre a praia ; depois, logo,
Do sarau o bulicio, da orchestra
As ternas melodias. Começára
O delirio da noite, o ultimo periodo
D'esse regio festim. Reapparecera,
De suprema ventura radiante,
O duque de Bragança, conduzindo
A seu lado a duqueza, que o perfume
Aspirava d'um lindo ramilhete,
Que o esposo constricto lhe offertára.
Depois do turbilhão na immensa mole
Do seu gosto a despeito se apartáram.

XVI

O sarau fenecia : co' a duqueza
Estava a joven Bertha no cirado ;
Com extasi aspirando a doce brisa,
As bellezas da noite contemplavam.
Da ventura, que agora lhes sorria,

Sem fallarem, seus intimos segredos
 Felizes transmittiam, elevando-se
 A' profunda abstracção, ao abandono,
 Que é das commoções, que é da ventura
 Benefico repouso. D'improviso
 A duqueza se ergueu sobresaltada,
 Um suspiro soltando : o ramilhete
 Da mão se lhe escapou, rolou n'areia,
 Que atapetava o chão. Feliz esposa
 Porque anceias dorida ? O peito humano
 Da desdita é profeta ! o teu suspiro
 Encerra, ó Leonor, algum presagio ? . . .

XVII

— Affligir-vos, porque ? — Porque, não sabes ?
 — Oh ! sei, mas isso é nada : eis vem Dom Jorge,
 De prompto a vossas mãos voltar veremos
 Essas flores ingratas. —

E a ladina,

Qual veloz andorinha, foi o amante
 Na turba a encontrar : — Dom cavalleiro,
 Perdeu-se um ramilhete, eu vos rogava
 Quizesseis procural-o. — Onde está elle ?
 — Na praia : do eirado ha pouco, agora,
 Travesso se escapou á sua dama.
 — E qual é ella ? — Sois mui indiscreto !
 Correi, voai por Deus, trazei-m'o azinha,
 — A meu pezar eu vou, sinto o ciume . . .
 — De quem, das pobres flores ? — Eu sei ; corro

Comtudo a procural-as! — E ligeiro
Saiu, d'immenso amor co' a bella dama
Trocando inda um olhar: ella a seu turno
A' duqueza volveu a reunir-se.

XVIII

Inquieta esta na sala divagava;
E o duque ao vel-a só, logo a seu lado
Parou com o monarcha. Reunidos
Os encontrou a dama: commentavam
Do baile as derradeiras peripecias.
Da formosa duqueza era visivel
A estranha excitação: chega dom Jorge,
Radiante se aproxima, o ramilhete
Conduzindo em triumpho. — Á fê (dom Jayme
Lhe diz) que similhaça!... E quando alegre
Indicar ia o ramo, que off'recera
A' esposa, emmudeceu: uma vertigem
De repente sentiu cerrar-lhe as palpebras.
Ella já o não tinha... era esse mesmo,
Que o donzel ostentava! e ella convulsa
Denunciar parece um novo ultraje:
Desvairado julgou ver n'este instante
Do passado surgir livido espectro.
Sem um som proferir, e qual relampago
Veloze desapareceu! O rei attonito
A duqueza então viu banhada em pranto
Nos braços desmaiar d'afflicta Bertha.

XIX

Um instante depois era deserta
Aquella grande sala : uma apoz outra
As damas, os donzeis, os cavalleiros,
Sairam murmurando : o incidente
A inveja, a malicia commentava.
E' desfeito o sarau, de chofre extincta
Da cõrte lusitana a festa esplendida.

XX

Dos primeiros monarchas os costumes,
Os habitos austeros, são d'ha muito
Esquecidos no paço ; o gladio ao sceptro
Esmaltado cedeu do solio o vertice.
Comtudo as tradições qual fumo, embora,
Da monarchia o berço memoravam.
Lavrava é certo ha muito das conquistas,
Do ouro, a corrupção, mas aos reis lusos
Não assistia ainda a turba hypocrita,
De costumes perversos, que hão de a patria
Inde feza entregar a estranho jugo.
Por isso, quando apenas despontava
Lá no levante o sol, na regia camara
Dom Jayme de Bragança ao rei afflicto
Com voz cava dizia :

— A minhas terras

Senhor, devo partir. — Mas duque, estranho

E' vosso proceder! inda ha bem pouco
Da duqueza a chegada encheu de jubilo
A côrte, e q'reis agora... — Senhor, breve
Prometto regressar; eu vos imploro
Não queiraes impedir os meus intentos,
Minha firme tenção. — Que voltais breve
Dissestes, senhor duque? — Eu não ousára
Enganar vossa alteza: — (e dizendo isto
Os olhos abaixava.) — Ide pois, duque. —
Sem mais dizer confusos se apartaram;
E apoz breves instantes Sado arriba
Uma galé vogava, a bordo um homem,
Ao dobrar o primeiro promontorio,
Pela ultima vez olhando a villa,
Com desespero exclama: — Adeus, ventura,
Adeus, ó Leonor, adeus, ó perfida!... —
Era o duque dom Jayme... Agil sumiu-se
Na sinuosa esteira a leve barca.

XXI

Era ao cahir da noite: os brandos euros
No espaço emmudeceram: no occaso
Do dia extremo lume se offuscára.
A brisa não desperta, o manto escuro
De pezados bulhões vestira a esfera,
Onde ha pouco fulgira o sol de Junho.
Nem um astro nas trevas reluzia,
Rompendo a escuridão, o mudo cabos:
Ao largo não se escuta um som ephemero;
Da natureza as forças convergiam

Para tremenda luta! Sobre os mares
Echoou surdo rugido; a paz dos tumulos
De novo inda se ergueu. Mas d'improviso
Nas serras do trovão o rijo estrondo
Ribomba tremebundo, e do relanpago
O funebre clarão, facho de morte,
As trevas illumina; sobre as aguas
Um gemido distante ao duro appello
Parece responder. Então do abysmo
O mar crescendo avança, em furia á terra
Indomito arremette; entre rugidos,
O furacão raivoso, irado, tumido
Discorre pelos ares. E' do Altissimo
A sempiterna voz! o mundo abala-se,
O granizo em torrentes vem o quadro
Completar do furor e do exterminio.

XXII

A virente bacia, em que Setubal
Garbosa se levanta, rivalisa
Com o proprio oceano: lago immenso
Com as do mar confunde as proprias aguas!
E o tufão proseguindo impelle a jorros
Das ethereas cascatas o granizo,
O gelado elemento, que alteroso
Nos algares se abysma das montanhas
Com estrondo infernal; e unido aos echos
Da funebre procella a extrema hora
Parece annunciar! Mão grado a furia,
A despeito do horror, um cavalleiro

A inundação transpondo, entra na villa
N'um corcel arquejante, exausto, morto.
O termo da fadiga demandava,
Correndo a toda a brida. Estacou subito,
Quando á porta investiu do regio páço.
Quem será, a deshoras impellido
Nas azas da tormenta ? Pressuroso
Saltando em terra, os porticos galgando,
Os reaes aposentos procurava.
Entrou enfim : — falar nem pode ao menos
Sem alento, exaurido ! O rei pasmado
O recémvindo olhou ; com turvo aspecto
Lhe disse : — Cavalleiro, aqui de volta,
Quando jurado havieis, que D. Jaime,
Que o duque de Bragança, seguirieis
Qual sombra ao austro, aos polos ? um fronteiro,
Um nobre, um cavalleiro, a santidade,
A fé do juramento olvida, ignora ?
— Senhor, um cavalleiro nunca olvida
Os dictames da honra ; bem conhece
Do juramento os laços . . . — Sem delonga
Esta vinda explicai, este regresso,
Affrontando a procella . . . — O' invencível,
Venturoso monarcha ouvi ; culpai-me
Depois, se o merecer : tristes successos
Oví : depois julgai-me e sède justo.

XXIII

Mal isto proferira á porta exanime
A duqueza surgiu : quem lhe dissera,

Que o tufão arrostara um mensageiro,
Que más novas conduz talvez do esposo?
E' mysterio... da sorte a casta victima
Ostenta a pallidez ; confusa, tremula,
Ao fidalgo pergunta: — O esposo diz-me
Onde está, cavalheiro?... ai! vós, sosinho
Na furia conduzido da tormenta,
A' corte regressais!... que negro augurio,
Que funesto presagio, dilacera
O attribulado peito? (O rei litando
Com angustia prosegue:) Aonde o duque,
Onde existe, senhor?... guardam silencio!
Não me torturem mais; ah! morto ou vivo,
D. Jayme aonde está? digam, imploro...
Pois que! nunca jamais, ai pobre, ai! misera,
Verei o caro esposo?... — Extincto o animo
Vergava como a flor, que o Noto altivo
Desfolhando quebrou; depois as lagrimas
Vieram mitigar d'aquella angustia
A funebre explosão, que em vão quizera
O rei attenuar á voz da esp'rança.

XXIV

— Senhora, (disse então) este fidalgo
Só nos pôde explicar a causa occulta
Da sua estranha vinda: ainda ignoro
O que longe, ai! bem longe, ha succedido.
Mas supponho serão vossos receios
Infundados; por certo que a ternura

N'essa alma exaggerou tristes presagios.
E' isto, cavalheiro? o duque incolume
Ficou em suas terras? diga, esp'ramos,
Que a sua narração nos tranquillise. —
Um tremor convulsivo o cavalleiro
Em vão quiz esconder, mas serenando
A' duqueza, ao monarcha, assim responde:

XXV

— Senhor, seguindo o duque, executando
De vossa alteza as ordens, vi depressa,
Que fugia de mim, que me evitava.
A suspeita surgiu, preocupado
Em vigilia passava as breves noites.
Uma porém chegou em que á fadiga,
Ou d'um philtro ao poder, extenuado
Cedi ao somno, em vão oppondo a lucta
De firme perseverança. Adormecera:
Devia ser funesto, ser amargo,
Depois o acordar! . . . Ia alto o dia;
Com violencia desperto, estremunhado,
Escuto estas palavras: — Indiffrente,
Tranquillo repousais, quando no paço
Só reina a confusão, que um infortunio
Pelo ceu enviado nos persegue? —
Quem assim me falava era do duque
O sabio capellão. — Que ha succedido?
(Afflicto perguntei.) — Durante a noite
Se ausentou aforrado o senhor duque.

Deixando a sua cõrte, peregrino,
Piedoso demanda a Palestina,
Do Salvador o tumulo! Esta carta,
Que ao partir nos deixou, tudo revela. —
Desvairado empolguei o pergaminho,
Ah! tudo era verdade! n'um momento
Do abysmo calculei a immensidade,
Antevendo, senhor, a vossa colera.
Corri desorientado, cavalgando,
D'alguns servos seguido, a todo o escape
O paço abandonei, à sorte entregue.
Mas de balde pesquisas se fizeram,
Ai! de balde vaguei por longos dias!
P'ra mim tudo findára, volvo á cõrte,
E aos pés de vossa alteza affirmo, juro,
A' fé de cavalleiro, que o meu crime
Foi um somno rebelde ao proprio esforço.
E os successos da noite demonstraram
Com fatal evidencia, que um narcotico
Prepinado me foi, e assim frustrada
A minha vigilancia: bem sabiam,
Que eu a troco da vida embaraçara,
Que o duque ao fim levasse um louco intento. —

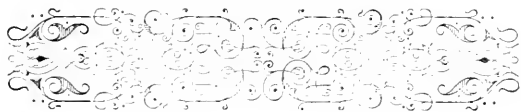
XXVI

Da triste narração o triste effeito
Quem póde imaginar, dizer quem póde? . . .
Infeliz Leonor, a desventura

Na variedade prodiga te off'rece
Em cada novo dia novas phases,
De dôr e d'amargura novos periodos !
Então, quando um gemido longo, intenso
A' mudez succedeu, quando a voz d'alma
Em pranto ia irromper, nos aposentos
Restrugiu estrondosa gargalhada,
Mais outra, e inda mais ! . . . Todos attonitos
Olharam com surpresa : juncto á porta
Surgira um vulto informe, repellente,
Era o momo d'el-rei, o truão Abbas !
Depois fitando o grupo, balouçando-se,
Aos saltinhos entrou, retribuindo
A muda accusação com mil visagens,
Com risadas grotescas ; depois disse,
Com sarcasmo encarando o taciturno,
O severo semblante do monarcha :
— Fez-se o duque beato, ainda ha pouco
Foi dos monges da serra o santo asylo
Devoto partilhar ; hoje romeiro,
Com sacola e bordão, á Palestina
Peregrino se vae por longes terras !
E q'rias, ó Manuel, tu vigial-o ! . . .
Seraphico fervor o duque investe,
E como a serra d'Ossa é taralhona,
Ao Libano ostentar os dons piedosos
Do peito cenobita vai com ancia.
E q'rias vigial-o ! . . . grande asneira !
Nem Argos, nem Proteo de sentinella,
Nem mesmo o Minotauro o guardariam !
Não te zangues, mas oiçam, tem o duque
De frades capucinhos voto austero ! . . . —

Depois choramingou, e à gargalhada
Fugiu do gabinete, dando escandalo
A' côrte apavorada . . . Que a procella
Pelo ar, pelas serras, com mais furia
Os mares revolvendo, rebramia.





CANTO SEXTO

Prelúdios da catastrophe

I

Fatigado transpondo erma planura,
Com prazer longe avista o caminhante
Uma sombra isolada, um refrigerio ;
Saída a apparição com alvoroço ;
A marcha precipita, corre, chega,
Sobre a relva se arroja onde a frescura
Pelos ramos frondentes protegida
Se abriga no deserto. Descuidado,
Feliz, adormeceu ; sonha chimeras,
D'um porvir almejado sonha encantos,
Delicias antevê . . . Frescura e sombra
Ao calor, á fadiga succedendo,
E á negra apprehensão a paz do espirito,
Eis o doce contraste, eis a ventura
D'um modesto mortal, d'aquel'e symbolo
Do que devia ser no mundo o homem.



Mas como é mentirosa a dita ephemera,
Que funesta illusão a flicidade
D'um instante sómente ! Peregrino,
Desperta, ergue-te, foge, o negro aspide
Occulto jaz na relva ; em vão, tu dormes,
Não sentes, que á traição a epiderme
Te perfurou a vibora. E' tarde !
Dos sonhos despertando, a dôr sentindo,
As veias, infeliz, a baba infecta,
Mortifero veneno, te percorre.
E' tarde, é muito tarde, atroz angustia
As' illusões succede, a ancía agora,
A tortura depois, depois horrivel,
Espantosa agonia ! expira, morre
Furioso imprecando o immundo averno.

II

O emblema da calunnia é o vil aspide !
Da calunnia, que esparge o virus fetido
Nas arterias communs da sociedade . . .
A candura, o pudor, a innocencia,
A honra, a castidade, a sã virtude,
Entíbiam-se, fogem, são chimeras,
Ao sopro da calunnia bafejadas !
A virgem, a mulher, as frageis victimas,
Que busca predilectas ! Além morbida
Caminha uma donzella de tres lustros,
Que era vida e ventura ao pai decrepito ;
Para o mundo morreu, que a vil calunnia
Asq'rosa a bafejou . . . Essa mãe terna,



Da tenra prole arrimo e do consorte,
Da bonança do lar penhor dulcissimo,
Das paginas da vida desaparece ;
Roubára-lhe a calunnia esposo e filhos,
Esperança, ventura, amor e vida.
Olhae, vêde esse joven triste e pallido,
O tumulo só vê, almeja a morte ;
Amára uma donzella, e no futuro
Só esp'rava do amor o doce premio,
Mas roubou-lhe a calunnia a crença, a dita
Da que amava roubou-lhe o puro affecto.
Olhae aquelle ancião, tem do trabalho
As nob'lissimas cãs, no magro rosto,
Na enrugada tez da honra o typo,
Os sulcos do suor, das privações ;
Era pobre, infeliz, enfermo, invalido,
Mas gosava, tranquilla a consciencia,
Da honra, da virtude o zelo rispido :
Mas chegou-lhe tambem o sopro esqualido.
E agora aquellas cãs avilta o mundo !
O mundo, corretor do infame aleive,
Que a calunnia propaga e sanctifica ;
Que alimenta o reptil, a serpe hedionda,
Que se roja nas trevas, que se occulta
Nos tapetes das salas, nas campinas,
Dos principes nos paços ou nas choças
Do pobre camponez : a vil calunnia
Sempre maldita e sempre venerada !
Esse inferno da vida, açoute perfido
Do ingenho, da mulher, da sociedade.
A calunnia, o veneno da familia,
A peste das nações, do lar, do mundo.

III

Era um dia calmoso, ardente, fêrvido,
Quaes soem nas Hespanhas ser d'Agosto
Os dias abrazados : pelas veigas
Segãra o camponez o caro fructo
D'insolitas fadigas : da cigarra
Pelos plainos se escuta o som monotono :
Nem sombras de verdura, a natureza
Prostrada, adormecida jaz na inercia.
O repouso da sesta o operario
Alimpendo o suor busca um momento.
E além no immenso paço bragantino
A solidão se nota ; cousa estranha.
Nas soberbas escadas, pelos porticos,
Nem um pagem surgiu, nem um bêsteiro
Isolado apparece : o peristylo,
As erguidas janellas encerradas
Ai! sempre permanecem! Quem diria
Ser este o rico alcaçar do mais nobre
Entre os nobres senhores da côrte lusa !

IV

Mas lá dentro tambem mudo e sereno
Será o altivo paço? . . . curioso,
Indiscreto é o homem! cia, astucia,

Entremos cautelosos . . . vá, subamos
A extensa escadaria retirada,
Que dos hortos conduz aos aposentos
Afastados além, á vedoria.
Não se encontra ninguem ; ávante, ao alto ;
Escutemos agora : não ha duvida.
Lá dentro ha borborinho ; em calorosa,
Em viva discussão tornou-se ; ouçamos.

V

— Escutai, meu amigo, não podemos
Hesitar no caminho, é tarde agora :
Tem sido insana a lucta, mas a estrella
Do nosso dominio ergueu-se fulgida.
Vos rogo mediteis, do nosso intento,
Da nossa extrema audacia os q'ridos fructos
A colher começámos ; as primicias
Vieram coroar da perseverança,
Da vontade a mais firme o duro arrojo.
E agora hesitareis ? Falais de treguas
Agora, que a vingança, que o triumpho
Sorri á nossa causa ? que entre o duque
E a castelhana altiva outra barreira
Surgiu insuperavel, que discordes,
Que afastados estão ? Ah Fernão Velko
Timido agora sois, sois pusillanime !
Ou talvez . . . porque não ! um dô serodio
De vós se apoderou ! não q'reis, é justo,
D'uma dama formosa os soffrimentos

Por mais tempo aggravar! . . . sè generoso,
Sensível cavalheiro: e inda aos encantos,
A' ternura aspirar deveis, amigo,
D'aquella augusta joia! . . .

VI

— Oh! exaspera-me
A ironia pungente, o atroz sarcasmo
Com que me trucidais, Anna Camella!
Porque mereço tanto? que motivo
Allegar podereis para a tortura,
Que m'inflixis severa? Uma alliança
Em tempo celebrámos, fui assiduo
Das suas prescripções no cumprimento:
Jurei oh! sim vingar-vos; houve acaso
Fraqueza desde então? acaso um dia,
Um só dia passou sem que eu pensasse
Em a affronta vingar? não é patente
Do meu secreto afán o fructo amargo?
Incitado por mim não foi que o duque
Sua mulher deixou, p'ra ir no claustro
C'os monges psalmejar da serra d'Ossa?
Quem logrou convencel-o, que era o pagem
Pela nobre duqueza requestado,
Porque um dia a seus pés, tolo ou poeta,
Com fervor protecção elle implorava
P'ra o seu amor com Bertha? . . . Ao duque irado,
Que esta scena espreitava, quem, dizei-me,
A supposta traição fez manifesta?

VII

Depois tambem soffri crueis angustias
Ao saber, que na cõrte o duque ouvira
Conselhos, que o ciume dissipáram.
Julguei que sobre mim cruenta sanha
A culpa vingaria : vãos receios,
O destino, o acaso, o inferno, a sorte
Sorriu-nos diligente ; umas florinhas
Por nós finalisaram tal pendencia !
Ao garboso donzel sina aziaga
Com afferro persegue ; agora, ainda
O repudio causou ! Aqui volvendo
O duque viu-se immerso em novos laços ;
O impeto, o furor, que o abrazára,
Sem tregoa instigui ; mas sempre astuto
Da cõrte o emissario o menor gesto,
Um passo, um so aceno aqui do duque
Cauteloso expiava : era impossivel
Algun projecto ousado, um novo golpe
Intentar decisivo : eu conhecera
Que Dom Jayme allastar era preciso.
Do Argus vigilante o meu narcotico
Sopitou os desvellos . . . quando inutil
Dormia a tudo albeio, um bom cavallo
A galope transpunha da fronteira
Os ulimos confins, o excelso duque
Para longe da patria conduzindo.
O seu zelo fanatico explorando,

Lembrei-lhe que á Galliza o sanctuario
 Devia ir visitar do santo apóstolo !
 Mas Dom Jayme quiz mais ; fez-me sciente,
 Que do mundo descrido á terra santa
 Iria penitente, e sobre o Libauo
 Orando findaria a existencia.
 Sabeis que elle é teimoso, cabeçudo.
 Fingi despersuadil-o ; e de bom grado
 Do intento desisti: e eil-o agora
 Por alheios paizes demandando
 Do Grão Senhor o imperio ! . . .

Pusillanime

Direis inda que sou, inda a injuria,
 O sarcasmo feroz a recompensa
 Que me deveis será? Dizei, senhora,
 Que mais posso fazer para agradar-vos?
 Acaso não terei vossos caprichos
 Submisso satisfeito, saciado?

VIII

— Querido da minha alma, d'este peito
 Ao appello vieste prompto á lucta
 A' voz do amor correste, e dedicado
 D'uma dama offendida ai sim juraste
 Ser fero vingador ! e realmente,
 O vosso juramento memorando,
 Da minha gratidão e amor eterno
 Vos tornastes credor ; e nunca, ai ! nunca
 Vacillastes na senda, que animoso

Encetáreis então : mas hoje, ó lastima,
Jaz tudo demudado ; e sou sincera,
(Embora para o ser eu despedace
O attribulado peito :) Conjecturo,
A certeza alimento, que Dom Jayme
Aqui ha-de volver, mas vosso esforço.
Já agora enervado, então extinto
Ai ! de todo será ; e não m'illudo,
Não é porque julgueis que sou vingada,
Que a nobre castelhana tem n'angustia
O seu crime expiado ; é porque é morto
O amor que eu inspirára, o lume santo
Apagou-se afinal : eu mais não tinha
Que podesse offertar-vos . . . Sois coerente,
Vem apoz a ternura a saciedade . . .
Sêde franco, deixae-me no abandono.
Ai ! bem tarde conheço, que um amigo,
Um só, eu tinha aqui . . . — Fúrias ! dizei-me
Senhora, esse quem é ? . . . — Repudiado
Ai ! sempre m'estimou, gemeu tranquillo,
Quem é ? . . . é Pedro Vaz . . . quem o ignora ?

IX

— Que ! Pedro Vaz ! . . . ai ! sim : por Deus eu juro,
Se o duque inda voltar, de cegamente
A vontade, os desejos, os caprichos,
Que tiverdes seguir ! as vossas ordens
Serão sem reflectir executadas ! . . .
Julgais que só assim minha ternura

Comprovada vos fica? seja, embora:
 Vereis quanto é profundo, inextinguível
 O amor, que vos jurei; que illimitada
 Será a fé devida...

A vossa colera
 Julgava satisfeita, era um engano!
 Julgo nimio o rancor; seja, o destino
 O quer... Já não hesito, irei ávante.
 Do horror a embriaguez sinto, que surge,
 Gemidos já escuto, vejo sangue.
 Que a hydra do terror espargue, proximo
 O luto, a morte, o pranto; sinto erguer-se
 Do crime a negra estatua, e ao longe funebre
 O espectro do remorso; e não vacillo...
 Mulher, dispõe de mim, sou teu escravo!...

X

- Escutai, Fernão Velho, ouvi, silencio...
 De ginetes lá fóra longo estrepito
 Eu ouço, e se approxima; não ha duvida:
 No terreiro galopam; bem distincto
 O tinir das espadas se percebe.
 Dir-se-hia que pararam, sem demora
 O que é deveis saber. — Senhora, eu saio,
 E prestes voltarei: — Depois sosinha
 Ficou a altiva dama: então sardonica
 Sorrindo com desprezo, com voz cava:
 — Afinal é completo o meu triumpho!
 Venci triste vedor, pobre instrumento

Não só meu, de quem mais?.. — Da providencia...
A dama estremeceu, quem respondia?
Da camara no ponto mais escuro
No estofo, que as paredes adornava,
Surgira ao fundo um homem, revestido
Com as vestes monasticas da ordem
Dos filhos de Domingos, afamada
Ao nascer, pela fera intolerancia;
Sem ruido avançou, a vestidura
Da parede ficou impenetravel!
Por onde entrára pois?... D'alta estatura,
De chammejante olhar, ser do remorso
O livido fantasma parecia!

XI

— Da providencia : — disse approximando-se
A' dama, que o pavor mal encobria,
De novo o espectro... Immoval cruza os braços —
Junto d'ella parou, com insistencia
Buscando o seu olhar, o olhar que foge,
Que se fita no chão!

Oh! quem podera
Na timida mulher, que ante um frade
Humilhada se curva, a orgulhosa
D'ha pouco adivinhar? — Da providencia,
Que ás Hespanhas do mundo o sceptro amphiissimo
Offerece omnipotente : um justo orgulho
Deveis alimentar, que a santa causa
Com denodo, ajudais. Da providencia

Cujos grandes intentos ninguem pode,
Atrevido sondar : nem olha aos meios
Quem as ordens supremas executa ;
D'um supremo poder fraco instrumento,
Mas d'um poder, que grande, justo, prodigo
Na vida a recompensa aos escolhidos
Não ha de retardar : sois benemerita,
Cumprí vossa missão — . . . Sereno afasta-se,
As telas desviou, imperceptivel
Desappar'ceu ! . . . de novo assume a dama
A soberba postura e diz com raiva :
— Não secundo sómente intentos lugubres
D'uma seita odiosa ; o desaggravo,
A vingança oh ! tambem meus passos guia.

XII

E porque não, porque? . . . um dia a honra
O ultraje anniquilou . . . Eia instrumentos
D'um funesto rancor surgi, vingai-me !
Eu tambem o vou ser, isso q'importa,
D'um poder temeroso, que as entranhas
Procura revolver da sociedade ! . . .
Ah ! vinde, Pedro Vaz, lindo escudeiro,
Com ternura incitar-te a louca esp'rança
Ao auge buscarei . . . Mas inda ignoro
O que ao paço conduz os recémvidos :
Talvez novos successos, que ao meu odio
Alimento conduzam . . . Se souberas
Estolido védor o que n'esta alma

A sanha despertou ! . . . no engano cego
Ai ! sempre viverás, que a honra . . . fuge,
Irrisoria lembrança, a honra é mytho,
E' mentira, loucura, é sonho, é nada !
Adorei-te D. Jaime, e tu, hypocrita
Um momento fingiste ; o teu triumpho
Bem facil foi, é certo : tu juraste,
E malvado mentias . . . a demencia,
A vaidade puniste, mas ficou-me
Da vingança o direito, e hei-de usal-o !
Oh ! treme, duque altivo, falso, hypocrita.

XIII

— Nobre amigo, quem são ? o que pretendem ?
Ao védor, que chegava, assim pergunta
A vingativa dama. — Dai-me alviçaras
Senhora, pelo rei são enviados
A buscar o *romeiro*, que sustido
Está no Aragão ! — Eis que o destino
Soccorre os meus intentos. — Partir proximo,
Unido aos cavalleiros, vou ; são parte
Da regia comitiva : que o monarcha
Percorre o Alemtejo, e n'esta villa
Virá com a duqueza e toda a còrte
O duque a encontrar no seu regresso,
Depois que sós nos deixe . . . a hora adianta-se,
Eu corro a procural-o . . . Estai segura,
Que cego hei-de cumprir lethal protesto.

XIV

A indole do homem quando é fraca
Produce anomalias, que o rebaixam,
Que o expõem do mundo aos cruís motejos.
O duque de Bragança, que tão longa
Zeloso projectára a romaria,
Agora parabens dava á fortuna
Ao ver da patria q'rida os emissarios
Pelo rei expedidos ; das montanhas
Do indomito Aragão reconduzido,
Abraçou com ternura a Fernão Velho,
O dilecto valido, e da consorte
Noticias procurou. Então solícito
Poupar esse não quiz sabios conselhos :
— Que da esposa a conducta duvidosa
Com prudencia espiasse, e que os impulsos
Da indignação justissima escondesse,
Se motivada fôr : se a desventura
Assim o exigir, um duro exemplo
Dè sem dó ao perjurio, não poupando
D'esse horrendo attentado os réos convictos.
Mas que a pena a si proprio não imponha,
A seus pares fugindo, á patria, á terra,
Que a raça viu surgir de seus maiores. —
D'outro modo fallára l'a pouco tempo,
Mas o duque esquecera da verdade
E da razão ha muito os sãos principios.

XV

Chegou a suas terras poucas horas
Depois, que alli faustosa entrára a cõrte :
Repetiram-se as festas, mas passara
Do jubilo sincero o tempo esquivo.
Com empenho o monarcha, da concordia,
Da ternura, do amor, da paz domestica,
Quiz inda remoçar o doce culto :
Ao duque allucinado a voz severa
Fez ouvir da verdade : da calumnia,
Da maldade indicou-lhe a obra iniqua.
Mas ella esconde as garras, vil, matreira
Soccorreu-se do ardil, valeu-lhe astucia.
Por ella encaminhado o duque evita
Seguir a controversia ; o rei illude,
Mentiu, dissimulou ! . . Exultem perfidos
Involta em suas redes jaz a victima.

XVI

Illudido bem foste rei magnanimo ;
Do teu predecessor na inteireza,
Na franca immunidadade instituido
Conhecer não podias os effeitos,
O venenoso fructo das doutrinas,
Que uma cõrte fanatica, hypocrita,



No duque, quando infante, inoculára
Mas tu, que ao fanatismo, pusillanime,
Tambem cedes agora, que as cadeias
Prepáras da nação, da c'roa o luto
Illudido bem foste ! imprevidente,
Monarcha do acaso, de teus subditos
Os briosos trophéos allucinaram-te.

XVII

No parque auri-frondoso uma caçada
Ao duque os *conjurados* suggeriram ;
No parque, na floresta, onde a penumbra
Das encostas se estende aos fundos valles ;
No parque onde as sonoras catadupas
Nos vergeis a frescura ao longe espargem :
Na mansão de fagueiras harmonias,
Que enlevo o mais jocundo excitam n'alma ;
Onde a fé rediviva do poeta
S'inspira, procurando ignotos carmes,
Sorrindo á inspiração, que lê no espaço :
No parque aonde surgem mil feitiços,
Onde brotam frementes na espessura
As fontes, que nos ermos sussurrando,
Desdobram os seus mantos d'alva espuma,
Osculando da relva as frescas orlas.
Ahi quem não sentira melancolico
Das lagrimas o encanto, quem fugira
Aos ternos, aos suaves pensamentos,
Que os hymnos da saudade murmurando,



Abrir a solidão mandam nossa alma ?
Quem, galgando a encosta, erguido ao vertice,
Avistando um amplissimo horisonte,
A seus pés escutando os sons confusos,
O murmurio discorde da floresta,
Que simula do mar longo gemido,
Não sentira seu peito dilatar-se,
Elevar-se, antever o infinito
O espirito, embebido na grandeza
Dos orbes, do fulgor na immensidade ?

XVIII

Calmoso estava o dia : as charamelas
Convidam ao descanso os caçadores.
A arte venatoria o seu prestigio
Levára ao apogeu ; nobres façanhas
A côrte destemida practicára.
As damas, cavalgando, ao fundo bosque
A turba acompanharam : algum tempo
Foi com ellas o rei, depois sumira-se ;
Com fêvido ardor fôra ingolfar-se
Dos monteiros na lida . . .

Agora ao duque

Na clareira d'um valle reun ra-se
A turba fatigada, ao sol ardente
Fugindo pressurosa : ao lado, proxima,
Das sylphides mimosas rodeada,
Com amargo sorriso contemplava
A duqueza os estranhos episodios,

As varias peripecias . . . Eis de subito
 D'angustia um grande brado, um grito unanime,
 No ar repercutiu . . . raivoso, irado,
 Medonho javali saltando indomito,
 Da brenha atassalhando as rijas urzes,
 Na pequena clareira se arrojára.
 Com chammejante olhar, deixando à terra,
 D'estilhaços, d'espuma e sangue um rastro :
 Avança, investe em furia ao fragil grupo !
 Da timida Leonor o corcel pavido
 Co' as patas fende o ar, erguido a prumo,
 Co' as ventas fumegantes, qual projectil
 A distancia despede espavorida
 A gentil amazona ! . . .

XIX

A providencia
 Um salvador conduz ! foi doce a queda . . .
 Nos braços a recebe semimorta
 Um joven cavalleiro, que chegára
 A fera a todo o escape perseguindo,
 Que ao ver o p'rigo instante inda podéra
 Perservar do desastre a illustre dama.
 A' mudez do terror um brado unisono
 Succede d'alegria, e mil louvores
 Do momento ao heroe abençoaram,
 E todos a cercar do duque a esposa
 Solicitos correram : só D. Jaime
 No possante ginete fica immovel,

Taciturno, turbado aquella scena
De longe olhando livido ! . . . A seu lado
Em silencio tambem permanecia
Fernão o favorito, contemplando
Com sorriso do inferno este episodio

XX

— Quem era o cavalleiro ? . . . — Oh ! ceus a duvida
Ainda alimentais ! ser quem podia ?
— Quem era, fala, diz ? — Era D. Jorge.
— D. Jorge ! oh raiva ! . . . — Ousou, bem vimos,
Perante vós senhor, perante a còrte,
Do successo lembrar inda estremeço,
Recusa acreditar-o a mente esquivã.
Ante vós abraçar ousou impune
A duqueza, pensando o bemdiriam
Qual nume salvador, quando impudente
Oppor-se quiz por certo a que voassemos
Velozes a salvã-a . . . — Impune dizes ?
Oh ! não, sua estulticia, sua audacia
Premiada será . . . — O amor, o erime
A còrte lá depois irá sem tregoa,
Sem pejo commentar ! . . . — Hei-de seguir-a,
P'ra sempre fugirei d'estes logares.
— O que dirão senhor ? dirá o mundo,
Que a vergonha, em silencio consumindo,
A vossa egregia estirpe deshonrando,
Deixais o adulterio em vosso thalamo
Saciã no prazer o ardor impuro ! . . .



— Oh ! tu mentes . . . por Deus . . . assegural-o
Acaso poderás ? dize, responde . . .
— Dedicado senhor, perdeu-me o zelo . . .
— Tem acaso a suspeita novo pasto ?
— Meditai no que viste vos imploro.
— Oh sim ! ficarei pois ; tremam culpados
Se por ventura os ha . . . no nobre escudo
O sangue lavará profunda nodoa.

XXI

E a côrte se abalára ; ás frescas aguas
Recolhera do Tejo. Em seus dominios
Longos dias passando, atroz ciúme
O duque exp'rimentava : alheia furia
Inocular-se n'alma emfim presente.
Em cahos tenebroso o seu futuro
Julga ver envolvido, a densa noite
Da descreença surgiu, galgou mortifera :
Da ventura o crepusculo no pelago
Das paixões mais ferinas mergulhára.
Na frente incendiada sente inscripta
D'opprobrio uma palavra ; cre dos reprobos
Escancarado aos pés o fundo abysmo.
Mas um facho illumina a noite asperrima,
Com lugubre fulgor enchendo o vacuo
Da negra solidão ; julga de novo
A languida consorte ver nos braços
Do garbozo donzel ; escutar julga
Do valido as palavras, e do crime



Um lampejo sinistro vem tisonar-lhe
No cerebro em fogo da ventura,
Dos sorrisos d'outr'ora, o ultimo laço.

XXII

Ha pouco concluire c'o privado
O duque extensa pratica ; raivoso,
Frenetico ficara . . . O primogenito,
Do seu unico amor o caro filho,
Entrou no aposento, e olhando-o meigo,
Os bracinhos ergueu, saltou-lhe ao collo.
Da infamia, da calunnia o triste interprete
Sentiu no coração toda a ternura,
Serena despertar : o lindo infante
Nos braços comprimiu, chorou beijando-o :
Renascer parecia, quando prodigo
As caricias risonho dispensava.
— A rogar-vos, lhe diz tímido, rubro,
A pedir-vos senhor venho uma graça . . .
— Que pedirás meu filho diz, que pedes ?
Pela face ao menino então as lagrimas,
Quaes perolas, correram. — Porque choras ?
— Este pranto, senhor, é fraco indicio
Das lagrimas maternas, que os meus labios
Em vão tentam seccar ; oh vinde, imploro-vos :
Senhor é esta a graça, ó meu pai vinde
Com a vossa presença e vosso affecto
Estaneal-as agora ; da innocencia
Vinde a voz escutar . . . —



XXIII

Callou convulso...

Qual o mar se revolve, se rugindo
Resurge o furacão rompendo o espaço,
E depois furibundo o dorso liquido
Arroja até ás nuvens, os rochedos
Nas bases de granito espedaçando :
Tal o duque ao ouvir do filho a supplica
Conter não poudo a furia, enraivecido
A creança despede, e além da entrada
Com impeto arrastando-a, possesso,
Espumando bramou : — Diz-lhe que evite.
Que fuja d'encontrar-me ! — com voz cava
Depois accrescentou : — Ver mais não quero
A que ousa deshonnar perfida, ingrata,
Da casa de Bragança o nome illustre.

XXIV

Offegante, anciosa, a triste martyr,
Aspirando da noite a fresca brisa,
Encarando as estrellas, soluçava
O meigo filho esperando : a dura colera
Do illudido consorte voz prophetica
Lhe diz, que o tenro infante não consegue
Ai ! triste serenar, que o fado indomito
Os risos para sempre afagentára.



O innocente chegou . . . ai! não se illude ;
Perante o golpe extremo as suas lagrimas,
Ao peito comprimindo-o, longas horas
Com as d'elle confunde . . .

O véu rasgára-se :

Era a ultima esp'rança que morria,
A ultima illusão se dissipára!

XXV

Vai alta a noite, erguido, solitario
De marmore o colosso d'entre as trevas
Avulta sobranceiro : mas no amago
Desmente a paz externa, ahí a lucta
Perpetua se assentou! D'estranhas terras
Um expresso chegára ; conduzira
Ao paço tristes novas, da duqueza
Ao martyrio juntando das desditas
Um lugubre cortejo. Á favorita,
Á joven, meiga Bertha, que a seu lado,
O successo ignorando, distrahil-a
Em vão quizera, disse entre soluços :
— Meu pae já não existe, inexoravel
A sorte me persegue : vejo o tumulo
Por meta aos desenganos, sobre a lousa,
Que longe ao chão desceu, nem posso as lagrimas
Da saudade depôr . . . ai! Bertha, oremos
Por elle e por meus filhos, do passado,
Das illusões perdidas, caro fructo.

XXVI

N'outro extremo afastado outro episodio
Fremente se passava ; um pergaminho
Fallando agita o duque : — Fernão Velho
Eil-a aqui esta carta, participa
Que o duque de Medina se finára !
E ao dar-me esta noticia o seu herdeiro
Vilãmente m'accusa ; diz que ao lodo
Arrojei meus brazões, que ultrajo frivolo
Uma fragil mulher : *d'ella* a virtude
Celebra e m'injuria ! . . . — Não m'espanta,
E' orgulho de raça ! quereria
Que indiff'rente tragasseis vil affronta ? . . .
Lavai do escudo a nod a, arbitro austero
Mostrai-lhe que sereis d'atroz perjurio ;
Que o duque de Bragança ri, despreza
Estrangeiras jactancias ! a perfidia,
Se deveras existe, inexoravel
Com rigor castigae . . . — Oh ! sim, com furia
A vingança conjuro : ao mundo absorto,
A' historia um exemplo dar protesto.





CANTO SETIMO

Fatalidade

I

Senhor o que é a vida? . . . a doce infancia
E' da flor o botão ; mysterio augusto,
É nada sendo tudo, é sobre a terra
Santissima miragem da ventura.
Descerra-se da flor o casto involuço,
Ostenta com vaidade as rubras pétalas,
Mas logo vem sugar-lhe a essencia virgem
O insecto zumbidor. A adolescencia
É a flor, que fulgente desabrocha,
Mas qual vespa atrevida a sociedade
A troco da candura, de que a despe,
No calice lhe poisa das miserias
O fraudulento osculo : aproxima-se,
Chegou a juventude ; á flor esplendida
A brisa do levante afogueada
Vem a còr demudar, emmurcheida

A corolla revela prematuros
Da ruina os signaes ; vem a procella,
O outono, a velhice antecipada,
O vendaval eterno, o luto, a morte.
Perdeu uma apoz uma a flor as pétalas,
Perdeu uma apoz outra no infortunio
As q'ridas illusões a mocidade.

II

Decresce como a vida o dia, às trevas
Cedendo o longo espaço. Era no outono,
De galas já desertas as campinas
À mercè do tufão as murchas folhas
Com dó veem dispersas : das montanhas,
Das florestas o garbo, o viço, extinto
Do inverno prenunciam os rigores.
As aves já fugiram, novas praias
Demandam pressurosas : mutilados
Os ramos para o ceu erguem as arvores.
Alfrontando do austro a furia, o impeto.
Nos ares se adivinha da procella
O turbilhão revoltó ; n'alguns dias
Com timidez o sol tenta adornar-se
Do passado fulgor, mas densas nuvens
Ai depressa o envolvem. Sol do outono
Tu és, como é na vida a flicidade,
Oasis, que expirando julga proximo
No deserto o romeiro ! As folhas myrram-se,
E' triste a natureza. Em nossas almas
O nada d'este mundo o outono acorda.

III

Ninguem ouse negal-o, partilhámos
A saudade em que chora a natureza,
O luto, que reveste o patrio solo.
Das folhas o cahir, do austro agreste
O teimoso varejo, é do destino
Symbolica expressão. Climas diversos
As aves procurando nos ensinam
A pensar, que tambem a sociedade
De nós ha-de fugir, quando nos prostre
A dôr, a desventura: solitarios
Então no abandono esgotaremos
O calix d'amargura, então dos reprobos
No outono da vida ao negro vortice
Iremos arrojados, sem que ao menos
Por nós se verta aqui uma só lagrima.

IV

A *nobre* Anna Camella idolatrava
A ladina Minerva, cadellinha,
Que em tempo lhe off'recera um requestado,
Um velho cenobita, de que os classicos
Ingratos ao olvido o nome deram.
As más linguas diziam, (sempre, ó lastima,
As houve e haverá) que dispensava

Ao travesso animal a dona altiva
Um carinho melhor, que a Fernão Velho.
Mas a pobre Minerva á grande turba
Se unira dos ingratos ; pelo excesso
Das caricias talvez ou por instincto
De medo estremecia ao pé da dama :
Dedicava ao contrario (da natura
Insondaveis mysterios) grande estima
Á meiga e joven Bertha ; ao vel-a ao longe
Latindo carinhosa ia saltando
As mãosinhas lamber, que a acarinhavam ;
Embirrava com isto a *exceisa* dona,
Descortinando ahi mais fundamento
Para o negro rancor, que alimentava.

V

Ha muito anoitecera ; a favorita
Da triste Leonor os aposentos
A occultas sósinha demandava,
Com muda precaução : mas indiscreta
A presentiu Minerva, e junto á porta
Festiva farejando, á crua sanha,
Á furia vingadora, a denuncia.
Innocente motora da catastrophe
Já dera a voz d'alarme ; na penumbra
Da extensa galeria, qual fantasma.
Um vulto appareceu que, deslizando
Os passos da primeira segue a furto.
E' funda a escuridão, mas negro instincto

A quem segue lhe diz : poucos instantes
Decorridos passaram, lentamente
Dos quartos da duqueza a porta abriu-se
E a dama, que na frente caminhava,
O ingresso facultou ; depois fechando-se
A' segunda permite, que nas trevas
O colloquio secreto escute a salvo.

VI

O vento sibillava humido e frio
No immenso corredor ; ao sombo entregue
Do paço jaz a turba. Horas havia
Que a porta se encostara o mudo espectro ;
Por vezes se agitava ; refulgiam-lhe
Na escuridão os olhos ! ver pensareis
O voraz vagabundo das charnecas
Surgindo d'entre as trevas : arquejante
O halito comprime ; fundo int'resse
Por certo experimenta, ouvindo a practica,
Que de todos ignota ter julgava
A duqueza com Bertha.

Esta dizia : —

Ai ! triste, se eu pudesse as vossas maguas
Dissipar, desfazer no eterno olvido ! . . .
— Illusão minha, Bertha ; hoje no mundo
D'outra idade as memorias redivivas
P'ra mim só tu encerras, dos meus prantos
E's o q'rido sacrario, o prazer unico
De todos, que desfeitos vi no cahos
Da minha desventura. Aqui no peito



Se ergueu sinistro augurio; quantas vezes,
Ai! quantas sim, desejo o horror profundo,
Da morte o frio nada, mas dos filhos
Me avulta a doce imagem; não conheces
Da materna afeição o nó sagrado,
Não podes, não, ó Bertha o meu martyrio
No seu horror julgar. Um dia proximo
De mim terás apenas a lembrança,
Concede então á campa algumas lagrimas,
Que no ceu me serão saudoso allivio.
Com fervor une ao peito q'rida Bertha
A modesta memoria d'este affecto,
Que nos uniu no berço. . . —

Inda mais pallida

Se tornou a duqueza; emmudecera
Com tristeza encarando a favorita,
Que trémula baixára os olhos humidos
Das perolas, que o rosto lhe inundavam.
E depois proseguiu: — Disseste amiga
Um dia estas palavras: «nunca, ai, nunca
Sacrosanto penhor d'eterna estima
De mim te has-de apartar»; mas hoje vejo
O protesto esquecido! esvae-se, ai, misera,
Tambem em ti o affecto! — Oh! d'ôr ouvi-me;
Espero merecer de ti ó martyr
Perdão, que vos imploro. — Eu ouço; fala. —

VII

— A noite reabria o negro manto
Lá no extremo oriente; inebriada,



Eu fitava a meus pés, d'amor rendido,
O garboso donzel ; ouvia extatica
D'aquelle amor jurado os mil protestos
Repetidos mil vezes, sempre gratos.
Confusa, que findasse, lhe pedia ;
Mas elle redarguiu apaixonado :
«Ai ! Bertha, amo-te muito» e sobre um osculo
Na mão, que descuidosa abandonára,
Me deixou este anel . . . Foi um delirio,
Um crime, eu o confesso, allucinada
Do regaço arranquei a prenda q'rida,
Que me destes, senhora, e sobre o peito
Fugindo lh'a deixei. . . » —

«Ai ! Bertha, escuta-me :

Se D. Jayme lh'a vê estou perdida,
Da mentira o triumpho inevitavel !
Infeliz, essa joia deu-m'a o duque
Do consorcio ao primeiro anniversario.
O despeito, os ciumes, resurgiram
Ha muito no seu peito ; a vil calunnia,
A insidia, a maldade, em crua guerra
Do consorte os carinhos transformaram.
— Meu Deus, que atroz angustia ! — Não sabias,
Foi leve a culpa tua ; hoje a verdade
Tu dirás a D. Jorge ; que ante o duque
Ao menos nunca ostente da ternura
O leviano penhor. Adeus, o dia
Em breve surgirá. . — Fundindo as lagrimas,
Os seus peitos uniram : em silencio,
Corrido longo tempo, se apartaram.

VIII

É dia, o ceu pezado ; nos desvios
Do magestoso parque caminhando
Dois frades gesticulam : procuremos
Achegar-nos um pouco : ambos da ordem
São do sabio Domingos, ornamentos
Da sagrada tribuna, de D. Jayme
O santo capellão, e o reverendo,
Austero confessor : afadigados
P'la disputa, caminho, e pelo pezo
Do venerando abdomen, a miudo,
O suor alimpando, estacionavam.
Escutemos agora :

— São os tempos

Já proximos, (diz um) n'estas provincias
Será omnipotente a ordem nossa,
A santa inquisição n'estas paragens
Da fé vai entranhar fundas raizes :
São nossas as Hespanhas. Meditemos
As ordens do geral ; o povo é nosso,
A nobreza, coitados, exaltando-a
Dos infieis á furia, ás tempestades,
Do revolvido mar arrojaremos.
Este ninho de glorias, d'ignorancia,
Que chamam Portugal, este tropeço,
E' forcoso extirpar ; são de Castella
Mais doces os fanaticos sob'ranos.
Aniquilar de prompto é bem preciso

Do feroz D. João negras memorias.
A regia prole extingue-se ; o exterminio
Da casa de Bragança é decretado.
Temos no paço agentes, que, freneticos,
Secundam nosso intento. Investigámos ;
Ao alvo, que miramos, bem certeiras
Dispomos as occultas pontarias
Do ciume e despeito d'uma vibora :
Em proveito só nosso o ascendente,
Que devassa ganhou sobre o valido,
E do védor maricas o amor fragil,
Teimosos exploramos : seus conselhos
Com os nossos, o duque á serra d'Ossa,
Ao gremio dos eremitas, arrastaram.
Depois a digressão á Palestina,
Por nós favorecida, imaginada,
Facilitou seu prestimo ; o narcotico
Por elle ministrado ao regio espia
Os estorvos desfez . . . —

— O riso a custo

Contive, quando o homem despertando,
Estremunhado o vi erguer e á toa
Fazer mil despropositos ! — E' certo
Que nos protege o aca-o, é hoje cumpre
Do regresso do duque a favor nosso
Dispôr os resultados : olho vivo,
Eterna perseverança : affectos, odios,
Faremos convergir para o triumpho
Dos designios da ordem, senão breve
Alguma se erguerá, que á nossa custa
Do povo e da nobreza a ignorancia
Explore, o seu poder edificando.

Não conta esta cruzada armas defezas ;
Condemnada uma raça, á ira publica,
Ao odio da gentalha, expol-a é licito ;
Das ruinas se erguerá o nosso imperio.

IX

— Silencio (diz o outro) ; d'entre as arvores
Eu passos distingui . . . — Não tenhaes susto,
E' um agente nosso, é Fernão Velho.
Olhae, traz boas novas ; no semblante
Traussuda-lhe o prazer. Oçamos : eia,
Que noticias, Fernão ? . . . — De bom agouro
Repletas, reverendo ! — E foi beijando
Aos frates nedia mão. — Dizei-nos tudo,
Anciosos com razão aqui nos vèdes,
Que nada progredimos ! — A victoria
Agora nos sorri . . . Valiosa prenda,
Que em grão dia á esposa dera o duque,
Pertence hoje a D. Jorge : o lindo Adonis
Vaidoso ha-de ostental-a ; que mais quereis ? . . .
— Benemerito amigo, bem calculo
Da sorte o fino lance . . . Ao duque urgente,
A noticia a dizer corramos todos.
Da egreja bem mer'ceis, piedoso amigo ;
As benções recebei do patriarcha,
Do nosso veneravel S. Domingos.
Agora ao paço prestes, sus, meus bravos,
Da fortuna a colher vamos os louros.

X

O ensejo na verdade era propicio !
N'essas almas ferinas, da vaidade,
Do orgulho, do poder, a sede, o crime
Mais nefando abrigava ! inda o ciume,
O espirito fanatico, desperto
Contra a triste innocencia ia guiado.
Os laços sacrosantos da familia,
Os ministros de Deus, quebrar ousando.
D'um conjuge a fraqueza a armar corriam
Com o ferro homicida ! Era certo
O abominavel golpe, a terna esposa,
O marido, a nobreza, a patria, tudo,
Talvez de morte frio abi ficava.
Malvados conheceram, que podiam
Converter grande amor em odio extremo
E a cegueira do espirito exploraram.

XI

O destino é mysterio inextricavel,
Sempre ao homem vedado ! Impios intentos
Na mansão do amor do inferno as furias
Em tropel arrojavam : erua sorte
A maldade secunda, qual se houvera
Pouco aonde cevar-se, manejaudo
Terrivel cimitarra, um pobre arcano ;

Mas acaso maldito ao trama perfido
Vinha os elos fundir ! Da creatura
E' o triste condão ; o peito opprime-se
Ao ver gemendo em vão no seu calvario
A virtude infeliz, meiga innocencia,
Que ainda além da campa é perseguida,
Que no pó dos sepulchros inda ultraja
No seu triumpho infame a corja putrida
Dos vis calumniadores ; quando infrene,
Impune, exulta o crime, quando humilde
Se curva a sociedade ante o cynismo,
Que impera omnipotente ! Estado anomalo,
Santificas do sceptico o desanimo
Do deserente sombrio o fundo vacuo !
Olhae-os, testemunhos ruidosos,
Das edades zombando, rindo aos seculos,
Soberbos monumentos, que abrigaram
Do assassino malvado immundos restos.
O premio da virtude o olvido, o nada,
O castigo do crime honras e gloria !

XII

O dia era de gala, um dia celebre
Nos annaes Bragantinos : da cilada,
Que outro nome não tinha o vil colloquio,
Que no parque se ouviu, perante o duque
A' recepção voaram. Fernão Velho
A joia conhecia : entra D. Jorge,
Ante o duque se curva ; o miseravel
Exulta vencedor ; enamorado,

O donzel trovador e'o a prenda q'rida
O chapéo adornára . . . A cerimonia
Findára ; no recinto immenso os grupos
Dispersos se agitavam, lá no extremo
A sós com seu védor o duque altivo
Furioso exclamava : — Isso é calunnia,
Execravel embuste ! Respondia
O servo lacrimoso : — Ainda embora
O meu zelo me perca, hei-de a verdade
Sempre dizer senhor ; podeis a morte
Infligir-me se quereis ; juncto ao carrasco
Hei-de ainda zelar a honra vossa.
Não posso (perdoai-me) ficar mudo .
Ao ver, que sois trahido, ao ver que ufano
Ostenta em vossa còrte um donzel intimo
Com filaucia o tropheu d'atroz desdouro,
Que o fado vos outorga . . . Castigae-me,
Sou rude, isso mereço ; mas ao menos
Por vós mesmo julgae : com indifferença
Procurae o donzel. Direis se minto.
Da casa de Bragança a honra, o lustre,
Eu mais que a vida prezo. —

Sem resposta

Deixa o duque ao védor, por entre os grupos
Dos servis cortezãos s'engolfa, a colera,
A furia, que o devora disfarçando.

XIII

Que se passou então ? a turba esplendida
Raivosa viu D. Jayme á espada ociosa

A mão levar com impeto, em delirio
Depois fugir da sala. . . Do incidente,
Apoz a confusão, os commentarios
Em borborinho seguem : — quasi occultos
Atraz d'um reposteiro segredavam
Do parque os *nebios* monges, um dizia :
— Nada arriscando, ao transe extremo o duque
E' preciso levar ; certa a victoria
Será da nossa egreja apoz o cahos.

XIV

N'ontra sala contigua outro dialogo,
Joco-serio, se ouvia : ao caro objecto
Do seu pensar constante dirigia
O védor esta phrase : — Olhai senhora,
Que avancamos demais, que n'um abysmo
Podemos despenhar-nos. — Cavalheiro,
Outra vez hesitaeis ! resurge o medo ?
Inda ha pouco dizieis denodado
«Ides ver correr sangue», mas agora
D'um fantasma temeis a garra funebre.
Deveis abandonar-me ; a cobardia
Soberana escravisa alívios peites, —
— Mais escravisa ainda amor funesto,
E vós d'elle abusaes ! Embora extinga-se
Nos pareceis d'ambição, da inveja e odio,
Virtude, gratidão e consciencia.

XV

Do paço no terreiro que alarido
S'escuta dos devotos, que se aprestam
A ir p'ra Montes Claros : Era o dia
Da festa popular, em que os romeiros
Seu culto iam votar á santa imagem,
Que nas terras do sul prodigiosos
Milagres espargiu : pios festeiros,
Arvorada a bandeira, vão em burros
Dos parentes seguidos e compadres,
Em asnos pacientes, que orelhudos,
Ao 'strepito devoto a voz vibrante
Reunem, choteando : ao longe os echos
O estampido acorda do zabumba.
Marchou tudo, lá vão, o ar atroam,
Solidario toruando o deus dos pampanos
No bachico fragor da romaria.

XVI

No centro então d'um grupo numeroso,
Sizudos em colloquio cavalgavam
Dois conhecidos nossos ; quando todos
Da vozeria roucos, em silencio,
Fustigando por vezes os solipedes,
Nas ancas zagunchando-os, caminhavam ;
— Começa, — disse um d'elles : — Tu primeiro. —
— Historias ! vá, começa : — Sus agora ; —

— Debalde assim se bebe ao frade o vinho ? —
Aqui cedeu o outro, e erguendo a fala :
— Então sempre é verdade, ó João Feio,
Que um pagem a duqueza (psiu) ! namora ? —
Ouvindo os que iam perto se achegaram ;
A razão não sabendo os que mais longe,
A'vante proseguiram, suspenderam,
Dispondo-se a ouvir o novo escandalo.
O interpellado então, piscando um olho,
Com voz turva responde : — E bem verdade
Amigo mestre Gil ; ai custa o credito
Dar um homem honrado a tal despejo :
Quem diria ! a duqueza o esposo, o duque
Com um pagem trahir, fatal cegueira !
E a que ponto, Jesus ! do paço os servos
No jardim já tem visto em negras noites
A duqueza, o donzel, a sitio escuso
Precautos dirigir-se ! O que da colera
Do duque os tem livrado é a clemencia
Da nobre Anna Camella, que em vigalias
Nefandas scenas viu ! porém catholica
E' bòa e fervorosa, um só dia
Não deixa d'ouvir missa e penitente
Aos domingos s'expurga do peccado
Aos pès do confessor devoto, austero,
Do duque o capellão.

— E' isso exacto —
Mestre Gil interrompe : E' uma santa,
Que as maximas recebe e bem pratica
Do santo, sabio mentor. Mas que ha visto ? —
— O que ? chiton, segredo, muitas noites,
Com suas devoções estando em extasi,

A' janella a rezar, por entre o escuro
O pagem lobrigou : depois da camara
Da senhora duqueza, (Jesus, credo !)
Repetir um signal, e logo abrir-se
Uma porta isolada e . . . abrenuncio !
Na camara já dita um vulto d'homem,
Qual sombra fugitiva . . .

XVII

— Eu tal não creio ;
O' mestre João Feio, isso é calunnia ! —
Diz um da companhia ; estas palavras
Por todos apoiadas são em breve.
Ao mestre reuendão a luz dos olhos
Por instantes fugiu ; desesperado,
Raivoso respondeu : — Tambem calunnia
Será, que offereceu ao seu amante
A duqueza uma joia, que do duque
Recebera no dia do noivado ?
E que attinge a tal ponto a incontinencia,
Que o pagem a ostenta dissoluto,
Altivo no chapéo ; e que á bondade
Do nobre Fernão Velho elles só devem
Não ter já visto o duque a grave affronta ? —
— E' calunnia tambem ! — longo sussurro
Da turba respondeu já irritada.
Fez-se fulo de raiva o sapateiro ;
Porém um pontapé de Gil manhoso,
A's tibias applicado a musa irada

Estancou d'improviso, no momento,
Que um mais velho dizia : rapaziada
Vamos lá a cantar, deixem-se d'isso.

XVIII

Sempre nobre do povo é o instincto,
Quando não se escravisa á ralé putrida,
A' peste dos arautos d'anarchia.
Mas um destino atroz deixa á cordura
Ephemero dominio : o povo um latego
Se torna, porque sempre encontra discolos,
De quem acceita as ordens, de que é 'scravo,
Quando livre se julga e se apregòa.
Então engeita a ordeni, leis expulsa,
Inspirações escuta do mais fero :
Do cutello promulga a lei iniqua
Quem na gorja o merece ! . . .

D'esses homens

O sentimento é nobre, é firme a crença,
Profunda a persuasão, para o discurso
Do insidio-o mestre repellirem ;
Do astuto reverendo ao emissario
Ouvirem com desdem narrar embustes,
Que já do proprio povo o jugo encerram.
Porém elle estranhou : era o oraculo
Por influencia antiga : o lucro incita-o.
Não pôde perdoar á sua gente
O destemido arrojo, a infrene audacia.

XIX

A festa se acabou em Montes Claros.
Alegres regressavam os devotos
Da grande romaria : João Feio,
Esse apenas, caminha taciturno,
Em postura, que o socio confrangia.
Então, quando p'ra si se lastimava,
No hombro espadando um grande socco
De subito apanhou ; foi Gil barbeiro,
Que vendo o cogitar do bota-tombas,
Com *razão persuasiva* o grosso fio
Das ideas lhe corta no bestunto.
— O' Joãozinho, então, que diabo é isso ? —
— Ai ! cada vez que lembro, os meus esforços
Perdidos totalmente ! esta canalha
Não quiz acreditar-me, respeitosa
Meu discurso não soube ouvir sem réplica.
Um discurso famoso, que em vigílias
Ha muito matutei, que me approvára
Do duque o confessor, que estes palermas
Apreciar não sabem, corja estúpida !
E hei-de eu inda lidar com esta gente,
Hei-de ainda ufanar-me em ser do povo ? . . . —
— Coitado, tens razão, não te apoquentes,
Constrictos os verás, dá tempo ao tempo. —
— D'esta arraia miuda eu tencionava
Em côrtes defender altos interesses,
Quando a minha influencia aos tres estados

Mui cedo me levasse ; ouvir não quero
P'ra tal aos reverendos novas supplicas.
Commigo o povo é quite, desligado
Eu sou do meu dever. Hão-de com lagrimas
Carpir a ingratidão depois, ao ver-me
Nas filas alistado da nobreza,
O respeito ganhando aos gentis homens !
Majores coisas se hão visto : o valimento
Do duque hei-de occupar . . . — E proseguindo
Da villa até á porta ao mestre astuto
A orelha aturdiu sem dó, sem treguas.

XX

O sino a recolher chamou os cautos,
E nas desertas ruas da Viçosa
Os ruidos morreram : sons longiquos
Do gado que apascenta o pegureiro
Nas quebradas da serra se esvairam.
Imp'rava ainda então costume austero
D'essa rigida epoca, do seculo,
Que a transição dispunha a nova indole,
A eras, a principios tambem novos.
A' esquina do mosteiro, em frente ao paço,
Discutem com vigor dois embuçados :
Ouvindo o companheiro estremecia
Um d'elles sob a capa.

— Olhae, D. Jorge,
E' tal qual eu vos digo ; um trama horrivel
Se urdiu em torno a vós ; acautellae-vos,

Colhido não sejaes na teia perfida.
Já sou velho, escutae ; os meus temores
Da pratica do mundo dimanaram.
Oh ! não os desprezeis, da juventude
O ceu toldou-se ahi : acautellae-vos :
Até por entre o povo atroz calumnia
Quizeram diffundir ! — Causaes-me susto :
Mas senhor Gaspar Lopes, tudo ignoro,
O que dizem então ? — Que ha muito existem
Entre vós e a duqueza de Bragança
Secretas ligações, um trato illicito,
Mysterios que revoltam. — Da maldade
A esqualida furia me persegue.
Diffamar-me pretendem ; creio juraram
Perder-me sem remedio ; é um embuste,
Uma negra mentira : por Deus santo
Juro a minha innocencia. Mas exanime,
Sinto o peito esmagar-me um pezo enorme,
Qual se visse do ceu baixar de subito
A maior das estrellas . . . —

Na garganta
A voz lhe morre então, que tal dizendo,
Um sinistro fulgor os horisontes,
E a villa illuminou : apavorados
A custo erguem os olhos ; lá no empyreo
Um meteóro immenso, affogueado,
Como o raio descendo, corre em furia,
Deixando apoz de si cruento rastro ;
Já proximo da terra em estilhaços
Se desfaz de repente, com o estrondo,
E sinistro fragor d'uma descarga,
Que em redor espalhasse o exterminio !

XXI

Nem mais uma palavra ; quaes automatos
Com estranho pavor se separaram
Os dois vultos da esquina. Conhecemos
Ha muito o trovador, de Bertha linda
O garboso donzel ; era o segundo
Mui conspicuo na cõrte, Gaspar Lopes,
Da casa de Bragança o erudito,
O celebre ouvidor : a quem o acaso
Um quinhão reservava bem penoso
Na sombria, funerea catastrophe.





CANTO OITAVO

Marido e Algoz

I

Luctuoso bulção os ternos hymnos
De trevas vem cobrir ; o som plangente,
Gemebundo, s'extingue, o echo ao longe
Resôa desolado ; no ambiente
Congelados vagueiam condensando-se
D'agonisante os ultimos suspiros.
A lyra emmudeceu, em breves horas
Nos abysmos da morte irão quebrar-se
As vibrações finaes : Inda escutemos
Os gemidos que solta, e logo, triste,
No silencio s'esconda dos sepulchros,
Dos tumulos no pó desabe inerte .





II

Onde vimos amor, meigas blandicias,
Ternura, flicidade, hoje que vemos ?
Que veremos em breve ? O que é o homem,
O que é o coração, o que e a vida ?
E tu ó mundo que és ? falsa chimera,
Nas seducções encerras a mentira ;
Do jubilo mansão, sempre illusorio !
Nas traições, nos enganos positivo,
No prazer, nos encantos mentiroso,
No crime, nas torturas só constante,
E's sempre n'alegria um puro esearneo.
Do extremecido amante, que o consorcio
Nós vimos cubiçar, do cavalleiro,
Do marido extremo, do alto procre,
Que nos resta, afinal que encontraremos ?
Um sanguinario algoz, cruel verdugo,
Que execrando arvorou negro patibulo
No leito conjugal !

Mimosos cantos

Findae ; vozes jucundas, frescas brisas
Da poesia, do amor, correi bem longe.
Aqui vos esqueceram, aqui sangue
Eu já vejo manar, ferro maldito
Da candura os thesouros retalhando,
N'um peito de mulher, de mãe, d'esposa.
Prestae-me a voz de bronze musa tragica,
Aberta vejo a urna funeraria





Avara recolher da formosura
Os ultimos despojos ; nos meus carnes
Que se erga a voz robusta do anathema,
Da tristeza as canções, as melodias.

III

Em profunda alameda, em que os rigores
Do tufão desabrido emmurhecera
A virente folhagem, dois *amigos*,
Que se odeiam de morte, passeiavam.
Dava conta o védor, pois era um d'elles,
Ao outro, a Pedro Vaz, dos frades socio
E seu competidor ao *casto affecto*
De conhecida dama, como a furto
Zeloso insinuára a João Feio,
Que a mascara depondo, em toda a parte
A honra deprimisse da duqueza,
Do confessor do duque os sabios planos
Executando assim : e como aquelle
Esta missão cumprira, utilizando
O arraial immenso em Montes Claros.
— Com magna vos direi, juntava ainda,
A turba repelliu do sapateiro
A decorada arenga, que raivosa
Em motim atalhou : porém deixal-os,
Da turba, da vil plebe, não precisa
A poderosa liga, em que alistados
Militamos ha muito ; era somente
Por evitar na villa algum disturbio,
Que venham a causar successos proximos...





Mas como o senhor duque ha-de o primeiro
Figurar na tragedia, o povo a colera
Ha-de olvidar em breve, o caso ao fundo
Abysmo ha de entregar do esquecimento.
Agora amigo Vaz, por Deus, lembrae-vos
Que é precisa prudencia, manha, astucia,
Energia, valor, presteza, audacia ;
Sem treguas vigiar a linda Bertha,
E fazer convergir bem combinados
Ao nosso fim os passos. um só gesto,
Do lêdo trovador, da favorita
E da propria duqueza. Então seguro
Não pôde assim falhar fundo projecto.
Com arte concebido. Da andaluza
Na camara juntal-os forcejemos ;
Não sahirão d'alli, que o cerco a ponto
Fecharemos de chofre : então o duque
Pela nossa heroina encaminhado
Ha-de appar'cer, oh ! sim ! é seu o resto . . .
Raivoso, furibundo, ha-de com ancia
A' obra começada o negro epilogo
Traçar com rijo ferro . . . A lusa historia
O nome de Leonor d'Iguez ao nome
Um dia juntará de sangue em letras !
A vossa discrição, sabido esforço,
Nos são indispensaveis ; um descuido
Nos perderia agora . . .

Adeus, eu parto. —

— Adeus meu *nobre* amigo — ; e quando longe
Já caminhava aquelle : — A obra minha
Tambem hei-de acabar ; védor das duzias
Eu tenho dó de ti e te desprezo.





IV

Como o tempo vai triste ! o sol do outono
Occulto ha longos dias se escondera
Entre sombrias nuvens ; implacavel
O vento furioso, irado, turbido,
Açoutando as jaueilas, penetrava
Nos desertos salões, gemidos lugubres
Ao longe semelhando, mudo assombro
Deixando em fragil peito feminino.
Era ao cair da noite : c'ò a duqueza
Estava a favorita ; as suas lagrimas
Em silencio confundem, qual nos bosques
A tímida gazella em cova estreita
Procura as companheiras, presentindo
Do monteiro os lebreus, em cova pertida
Onde preza será d'astucia e força.
— Vigiado (lhe diz) D. Jorge em balde
Tentou approximar-se, em vão procuro
Um gesto transmittir-lhe, occultos olhos
Te' nas trevas distinguo ; ai ! Deus, horrivel
Mysterio aqui se envolve : malfadada
Do amor o fatal mi'ro bayer não posso.
Esta vida senhora em holocausto
Eu com gosto daria para ao menos
Poupar-vos uma lagrima, e mesquinha
Vou talvez remecar vossas angustias.
Uma esperança me resta : por piedade
Permitti que ao donzel eu falar possa





Aqui — . . . — Ai! Bertha esqueces : outros p'rigos
Mais certos surgirão, tão só ao duque
Esse limiar transpôr é permitido. —
— Perdoae-me senhora, urge o momento,
E se ao duque se antolha a prenda infausta
Poderá minha vida outras torturas
Evitar-vos senhora? — E' certo, ai! triste,
Que situação atroz! illuminae-me
O' anjo que velaes a desditosa,
A misera Leonor. . .

Ao teu amante
Falar podes aqui : a Deus m'entrego.

V

Vae alta a noite, ainda entre os presagios
Sósinhas praticavam, breves horas
Se tinham separado : aos aposentos
Volvera a favorita, no semblante
De jubilo surgira um tenue atomo.
Apoz muita fadiga, apoz a astucia,
O donzel avisára, que a deshoras
A' camara viesse da duqueza
Com precaução severa e artificio.
Vae alta a noite, erguida suspirara
Junto á porta escutando, mil temores
Abrigando anciosa. . .

— Ai! Bertha julgo
(A duqueza exclamou) que descuidoso
Esquecido não vem. — Talvez, quem sabe? . . . —





Vae alta a noite, além nas altas grimpas
Duas horas soaram. — E' pois certo,
Em vão hemos esp'rado, mais um dia
Para sempre perdido! a desventura
Nos segue sem piedade, atroz destino
Nos arroja ao abysmo! Adeus esp'rança,
Adeus clarão infido, ultimo sonho.
Vae a alta noite, e ellas taciturnas
Com espanto presentem a alvorada.
— A'manhã? . . . perguntou uma voz timida:
— A'manhã? — . . . suspirou um som mais flebil,
Que dos antros dirieis do sepulchro.
O dia que se erguera a fronte livida
Bafejou da duqueza, então conhece
Que sósinha ficára . . . d'entre a bruma
De crueis pensamentos quasi attonita
Sentiu secreto gosto, estranho jubilo,
Por não vir o donzel! ouvira acaso
Do anjo q'invocára a voz fatidica?

VI

— A fortuna protege as nossas traças,
E' por nós o acaso! — assim dizia
Dos bonzos, da perfidia um negro acolito,
Pedro Vaz, ao chegar dos lagos proximo
Onde a lympha contempla com enfado
Uma formosa dama. No outro extremo
Lê um *santo* varão o breviario.
E em quanto este se apressa e chega a custo
Movendo o bruto bojo, a dama grita:





— Jesus que medo tive! . . . olha quem era! . . .
Estaes mui satisfeito! o que ha amigo? . . . —
— Deveis-me dar alicarças, famoso
Achei um testemuho . . . — O que é dizei-nos —
Com ancia irrompe o frade. — Estas missivas . . . —
— De quem, para quem são? — Com sutileza
Seguindo a favorita, que voltava
Do sabido colloquio, vi nas trevas
Estas cartas cahir: parei de subito,
E quando longe a vi, veloz qual aguia
No chão as empolguei: depois attonito
Estes dois documentos singulares,
Preciosos ler pude — . . .

— Vel'os quero: —

Exclama o confessor, (era este o frade.)
— P'ra vós os destinava. — Avido, soffrego,
As cartas aferron, e suffocando-se
Num jacto as devora! Era a primeira
Do meigo trovador: reproduzia
A estro, he apaixonada, em que se arrouham
Mil vezes do amor os bem-fadados,
E que sempre desperta suavissimas,
Secretas commoções. Era a segunda
Da inconsolavel Bertha: fôra escripta
Naquelle proprio dia, com dogura
Exprobrava a mesquinha: «entre mil duvidas
Largas horas esp'erei, e tu remisso
Nunca vieste alli! aos ceus apraza,
Que o funesto penhor do duque às iras
Ignoto se conserve: o que julgára,
De pensar estremeço, atroz ciuime
Aos extremos da furia o levaria!





Nos temos inimigos, invejosos,
Que s'occultam na sombra, q'implacaveis
Seguem nossas pizadas ; nossa perda
Sem remorsos juraram! . . . Pela noite
Sois espiado amanhã, tende cautella,
Se outra noite perdeis perdidos somos
Não falteis vos supplico, a honra o manda.»

VII

— Famoso documento ! — acrescentava
A leitura findando, o reverendo.
— Que bellissimo acaso — (a joven dama
A seu turno responde) o que deu causa
A que faltasse o Adonis ! — Não por certo,
Acaso é que não foi ; boa vigilia
Custou a Fernão Velho, que incangavel
Toda a noite em redor dos aposentos
Da duqueza vagou, que eu vigilante
D'atalaia soubera que alta noite
O pudico Orpheu seria espiado
Pela exanime Eurydice — . . . — Mereceste
Pela vossa finura Pedro Vasques
Subido galardão, á santa egreja
Fizeste um bom serviço ! Profanada
Por um homem seria da duqueza
A camara vedada, em vão polluto
Do duque o brazão fôra, não podia
Com sangue ir apagar a escura nodoa.
A meus pés, de Deus vivo humilde servo.





Do dia ao meigo alvor se confessára,
Em austero jejum, em penitencia,
Em quanto se viu sol orou prostrado,
Resolvendo por fim commigo a noite
Passar no oratorio, celebrando
Do dia que a egreja commemora
Com santo afan a vespera. Preciso,
Urgente era por tanto o temerario
N'esse dia afastar; á vossa astucia,
Do védor aos desvelos, confiámos
O delicado empenho. . . — Mas cumprimos! =
— Nunca outra coisa esp'rei: a minha benção
Eu te lanço meu filho, benemerito
De novo te saúdo e te proclamo.

VIII

Nã camara do duque n'este instante
O védor intrigando, o fraco espirito
Do procere dispunha; elle exclamava:
— Senhor não hesiteis, vistes algures
Da traição o penhor, já decorreram
Largos dias depois, vossa grandeza
Succumbe para sempre, s'esquecido
Mostraes ter vil affronta! Excelso duque,
Ide a vossa consorte, perguntae-lhe
Da prenda festival, que em dia prospero
Lhe off'recestes d'amor embriagado,
Quando ella vos jurava em doce amplexo
Futuro abençoado, mil caricias.





Extremos de ternura ; perguntae-lhe,
Que é feito, e d'esse amor, que vos dizia,
Que além da propria vida se elevára.
Como tudo esqueceu ante o perjurio !
Dizei-lhe se no peito não abriga
Um remorso sombrio, ao menos quando
Bem junto a si encara a tenra prole,
Os vossos caros filhos . . . — Tu confundes-me !
Por Deus, maldito, calla-te . . . os meus filhos,
Os meus filhos disseste ? . . . ó raiva eu corro . . .
Os meus filhos . . . horror ! ai ! nunca, nunca,
Verão na minha frente o vil ferrete
D'esta atroz ignominia . . . Hei d'ensinal-os
Com brio a sustentar illeza a honra
Da regia, illustre estirpe de Bragança . . . —
Como louco correu, em atro jubilo
Immerso alli deixando das cubiças,
Do fanatismo torpe o torpe agente.

IX

Sosinha se encontrava a triste esposa,
Nas cruezas da vida meditando,
Nutrindo pensamentos dolorosos . . .
Ao sondar no porvir ; o reposteiro
Com impeto se ergueu : sobresaltou-se,
Mas logo um grito d'alma expelle em jubilo
Desfallecer sentindo-se, encantada
D'amor ergue-se e corre para o duque,
Que a seus olhos surgira, os ternos braços





Abrindo á voz pujante da ternura.
Mas viu-se repelli-la ! então na mente
Resurge a pavorosa realidade ;
Os braços descaíram, recurvou-se
O seu flexivel collo, não podendo
Os olhos mais erguer para o seu Jayme.
Que alli permanecera mudo, hirto,
Com olhar turvo, horrendo, cavernoso.
A' misera duqueza duas lagrimas
Assomaram no rosto, onde o martyrio
Roubar inda não poude a formosura :
Depois do altivo esposo o nome caro
Flebilmente exhalando, a voz a custo
Erguendo, estes queixumes lhe dirige :
— Senhor ha muito tempo me negaste
A alegria de ver-vos, esta camara
Vossos passos não sente ha longos dias,
O ar que aqui aspiro do consorte
Não m'acusa a presença, e hoje que ao cabo
Da negra proscrição surgis, q'insoute
Vos posso contemplar, cruel repulsa
Se me depara em vós ! . . . Por Deus dizei-me
Por que delicto soffio, qual o crime
De que sou accusada ; pelo affecto
Que me tinheis outrora, que juraste
Mil vezes nos meus braços, pelos fructos
D'esse amor tão subido e tão ephemero,
Por nossos tenros filhos, min'as culpas
Que declareis vos rogo aqui prostrada.
Ei-los aqui senhor, caras vergontas,
Progenie d'esse amor, que extincto ha muito
P'ra sempre em vosso peito eu julgo ai ! misera. . . ---





O duque ia curvar-se, em doce amplexo
Cingindo os caros filhos e a consorte,
Já de tudo esquecido, mas de novo,
As ultimas palavras irritando-o,
Com semblante feroz, medonho aspecto,
A duqueza interrompe : — Aonde e findo
O amor que foi jurado? . . . ainda senhora
Invocaes esse amor, e não vos tinge
As faces o rubor? da innocencia
Não coraes invocando o testemuho?
Ainda ousaes pedir-me por meus filhos? . . .
Duqueza aonde existe, onde se esconde
Uma prenda d'amor. que o duque Jayme
A' esposa que adorava um dia credulo,
Incauto, pobre nescio, ha off'recido? . . . —
Era pallida já mas ficou livida
A desditosa victima, em vão tremula
Uma escusa buscou. . . — Aonde existe
Duqueza esse penhor? em que sacrario,
Ao *puro* amor votado, enternecida
O conservaes agora? . . . — Era humilhante,
Atroz este sarcasmo! — Minha culpa
Vos confesso senhor, perdão vos rogo.
Um dia leviana fiz offerta
Do augusto talisman. . . — Tanto descaro!
O' Deus isto e incrivel, com que arrojo
Perdão ind'imploraes! . . . — E como o tigre
Se atira sobre a preza, allucinado
Investe para a esposa, mas de subito
Desvairado suspende, e furioso
Da triste que os joelhos lhe abraçara
Afastando-se foge espavorido.





X

O termo se aproxima d'esse drama
Que a perfidia, o ciúme, a intolerancia,
Creou, desenvolveu e conduzira
Ao proximo, sinistro desenlace.
Na calumnia escorada a vil inveja,
A mais torpe cobiça, aos pés esmaga
A innocencia, a piedade, a sã virtude:
Ainda mais um passo e nós veremos
Dos justos na mansão ir abrigar-se
Um 'spirito celeste, um anjo puro,
Que um astro mais será de Deus em volta:
No vortice veremos do sepulchro
Tombar da iniquidade inda uma victima.

XI

E não hesitam, não, o passo é proximo,
E' a audacia do crime. são os fructos
Do egoismo e d'ambição! aqui na terra
Entronizam-se sempre da maldade
Os campeões infrenes; bem no alto
Campeia ufano o crime, em cova escura
Vae gemendo a virtude! horriveis dramas
A indignação despertam, mas olvidam-se
Do vicio no rumor; a sociedade





Seus autores venera, ao capitolio
Das honras os conduz, e so das victimas
O indicio ha do solo nas entranhas ;
O sangue confundiu-se em po immundo,
Que a sociedade aspira, mas sumiu-se ;
Ao olvido levon negras memorias !
Resigne-se a virtude e seja martyr ;
Maldigamos o crime, as leis que o punam,
Mas triumphe senhor, exulte intrepido !

XII

O duque se escondera desvairado,
De commoçõ s exhausto, louco, inerte.
Debalde o seu valido o ingresso ousára,
Ouvira uma blasphemia ! . . . A longa noite
Em trevas passa e soffre. O novo dia
Surgira e-rregado, frio, lugubre :
Era em dois de novembro, o ar feriant
Nas elevadas grimpas sons funereos :
N'este dia venera o christianismo
Os manes d'infinitas sociedades,
Que atravez tem passado de mil epocas.
Era o dia em que ao templo a christandade
Vae com fervor orar pelos que o mundo
Talvez ha muitos annos viu ditosos,
Ou talvez nos horrores despenhados
D'inaudita tortura ; em que sondando
As cinzas do passado o nada vemos ;
Olhamos por instincto no futuro
E ahi ao fundo, em roda, e sempre o nada !





XIII

E o dia estava triste, pavorosas
As rajadas de vento estremeciam
Os colossos do humano, altivo arrojo :
Da natureza os filhos arrogantes,
As alterosas arvores, jaziam
Pelas veigas cahidas, ostentando
Seus membros mutilados, seccos, hirtos.
E em torrentes chovia. Ao fundo cahos
Se juntavam os sons longiquos, funebres,
Que nos ares vibrando os echos mortos
Da morte á negra voz resuscitavam.
Eram sons do sepulchro, era o destino,
Que aos prantos reunia cá da terra
Do ceu, da natureza, infindas lagrimas !

XIV

Mais feliz que o privado a sua cumplice
Na camara do duque conseguira
Com supplicas entrar. Os paroxismos,
A exaltação febril era passada ;
O furor concentrado, ira latente,
Agora dominava o fraco espirito
Do procere illudido ; qual o incendio
Que da terra referve nas entranhas



Escondido, ignorado, mas que ás nuvens
A um ligeiro abalo as penedias,
A lava, as monstruosas labaredas,
A terra, em turbilhão com furia arroja,
As serras devorando, o exterminio
Nos ares diffundindo; ao mar, ao mundo,
Repartindo o terror, escancarada
Deixando apoz de si funda cratera!
D. Jayme é o vulcão dormindo occulto,
Mas da calúnia em breve ao agil sopro
Despenhará no orco os santos laços
Da honra, e da familia! N'essa noite
Da infeliz duqueza iria á camara
O imprudente pagem, que outro aviso
Da dama recebera, quando inquieta
A furto o procurava, e que das cartas
Afflicta perturbada se esquecerera.
De tudo sabedores os malvados
Que fosse Anna Camella decidiram
Da entrevista á hora ao duque a sanha
Ao cumulo elevar, apresentando-lhe
Da favorita as cartas, que seriam
O supremo incentivo á furia, á colera.

XV

Os seus passos guiou alli o inferno!
D. Jayme, que a ouvir se recusára
O estolido privado, livre accesso

A' dama franqueou, à vil megera,
Que em nome da mentira ia ser causa
De luctuosa mancha nos tropheus
Da casa Bragantina, que a vergonha
Da estirpe nos annaes gravar queria.
— Eu venho aqui senhor, exclama a perfida,
Com dôr, com sentimento, o pezar vosso
Ai! triste ind'aggravar, mas só me impelle
Um augusto dever, a lealdade
Que vos devo senhor; escrava humilde
Eu me prezo de ser, a vossa honra
Da vida em troca ai sim zelar quizera!
Se aos fados aprouver, que eu tão mesquinha
A gloria possa ter de ser-vos util,
Com os olhos no ceu, que infimos actos,
Que as miserias dos homens peza e julga
C'o a mão na consciencia, que me guia,
Eu vos digo senhor: Ha um perverso,
Um vassalo traidor, que ousou impure
Destruir da duqueza a fê jurada,
E sob os pés rojar o escudo eximio!
Que jurou atrevido o vosso thalamo
Macular, illudindo um fragil peito!
E a ella seduziu-a esse demonio
Da impia tentação, cahiu no dedalo,
Na perigosa luta foi vencida! . . .
Meu senhor perdoae-me, mas sincera
A verdade só digo, em que me custe.
Pois que é tempo velae por vós, por ella . . .
Supplicou-me a duqueza, que uma epistola
Dirigisse ao donzel! ousei negar-me. . .
Ella propria escreveu! . . . Depois pediu-me

Que a carta ao seu destino! . . . — Aqui a hypocrita
Nos olhos alimpou fingida lagrima.
— Tentei nova recusa, em tom solemne
Suas ordens impoz; serva submissa
Com dôr obedeci. . . ainda esp'rava
Que o tempo, a reflexão os mil abrollhos
Da espinhosa v' reda lhe mostrasse.
A esp'rança m' illudiu, eu o confesso! . . . —
(Aqui entrou de pranto em mil transportes)
— E vendo ante meus pés o precipicio,
Mais não pude hesitar; digam embora
Que urdi uma traição, a vosso credito,
Do brazão vosso á honra, ai! tudo exponho!
E se vil parecer ao mundo ingrato
Socegada me fica a consciencia. —
Até onde meu Deus pôde a perfidia
Levar a creatura? que repouso
N'aquelle coração haver podia,
N'aquelle coração, onde o remorso
Rugindo surgirá á voz do averno.
— Eis aqui meu senhor são estas cartas
A prova do que avanço, os ceus permitam,
Que em vossa mão augusta allivio sejam
A tanto dissabôr, aos ceus apraza,
Que volver inda possa d'outros dias
A celeste ventura, a f'lecidade. . . —
— E' preciso, é por certo um cru exemplo. . .
O ceu que vos doou de reis o sangue,
Opulencia e valor, que em vós o amparo
Destina á fê catholica, maldito
Vos ha-de proclamar perante os seculos,
Se ao desprezo votaes vossos maiores,



Da nobreza os brazões . . . —

O duque tremulo

Ouvia estas palavras proferidas
Das suas penitencias pelo oraculo.
Que involto em negros habitos, erguido
Par'cia esconjural-o ! . . . A immunda socia
Aterrada tambem ao duque as cartas
Em silencio entregou. Sorrindo o monge
Do aposento sahio qual muda estatua.

XVI

Adeus sonhos dourados, dias limpidos,
Adeus crenças da vida, adeus ventura :
A esperanza afundou-se, eis o abysmo,
Desabar é forçoso ! . . . ávante cego
O reprobó chegou á extrema riba,
E' fatal o impulso, atraz não volta,
E' já o extremo passo, o proprio pezo
O corpo arrasta ao pégo ; elle se inclina,
Crê ver clarão sinisiro, a luz lhe foge,
Tombado se despenha, róla ao fundo :
A escura torrente sorve os restos
Do corpo, que ficou dilacerado
Per agudos rochedos ! Tal o homem,
Que aos delictos guiou funereo astro,
Caminha, segue ávante, corre turbido
Desvairado, feroz, e nos abysmos
Da maldicção se arroja e da miseria.



XVII

— Acaso é isto um sonho ? as suas lagrimas
Ao perdão attingiam ? . . . como crédulo
Me deixei iludir ! . . . bem me avisava
O meu sagaz vedor . . . ai ! como o mundo
M'olharia com do ! . . . Mas de Bragança
Os duques poderosos não accéitam
O do, a compaixão ! oh ! nunca o riso
Dos vassallos verá fraqueza estulta.
Não é, ai ! não, um sonho ! . . . E' este o dia
Da justiça implacavel : duro exemplo
A meus pares darei, darei aos evos !
O castigo chegou . . . — Estas palavras,
Depois das cartas ler tranquillo o duque,
Horrendo proferiu : depois fechando-as,
Sem os olhos voltar á mensageira,
Sahiu sereno e placido . . . Medonha,
Feroz era essa calma ! a mesma furia
O desalmado genio da discordia,
Sentiu no coração medonho fremito.

XVIII

— Nobre donzel, erguei-vos ; n'esta estancia
E' vedado o ingresso, mas a honra
A' honra impõe dictames, só por ella,

Por essa joia angusta, fugitivos
 Instantes concedi. — Era a duqueza,
 Que ao trovador fallava, presentindo
 Terror desconhecido, ao cavalheiro,
 Que a seus pés de joelhos commovido
 O perdão lhe pedia, a dôr expondo,
 O pezar que sentia pelos males,
 Que por amor causára, e do seu peito
 A eterna gratidão. — O tempo corre,
 Erguei-vos, eu vos rogo, retiraе-vos,
 Se a honra vos é cara, o lustre, a vida,
 De todos nos... ai! triste hoje da morte
 E' o dia solemne! são fatidicos
 Esses funereos dobres! sinto n'alma
 O mais estranho horror!... oh! mas erguei-vos,
 Levantai-vos donzel, o tempo vò! —
 — Permitti que vos beije as mãos angustas,
 Que as lave com meu pranto... — Enternecida
 A duqueza lhe estende as mãos diaphanas,
 Como para o erguer; d'ellas se apossa,
 Com lagrimas lh'as beija...

— O senhor duque!... —

Este grito d'angustia, este lamento
 De suprema agonia, a pobre Bertha
 O soltára, encarando espavorida
 No liminar da porta o vulto horrifico,
 Furihundo, raivoso de D. Jayme!
 O pavor que assaltára aquellas victimas
 Indescriptivel foi, ai! foi ephemero.
 Corre o duque: — Traidor, da infame injuria,
 Da insolita ousadia é este o premio!... —
 Fino punhal scintilla á luz das tochas

E no peito se crava do garrido,
Desditoso donzel... inanimada
A infeliz amante sobre o solo
Desabon, embebendo os virgens labios
Do amador no sangue, do que á vida
Inda ha pouco sorria entre os adornos
Da fresca juventude, e que expirando
As faces lhe beijou! Só, a duqueza,
A esposa envilecida, a insonte martyr,
Para o thalamo corre, os tenros filhos
Em delirio abraçando... eis o verdugo!
— Oh! contempla este sangue... é *d'elle*... morre...
Com *elle* vae gozar lá nos infernos...
Era injusta a demora! — Dizendo isto
No peito da consorte o ferro agudo
Assassino mergulha, n'esse peito
Em que um altar havia erguido ha muito
A' sua propria imagem... N'agonia
Abraça os innocentes, ao carrasco
Balbucia o perdão... e para sempre
Os olhos cerra á luz, expira, morre,
No seu sangue envolvendo os filhos caros.

XIX

Extincto é tudo já!... mansão d'amores
Arrazada ostentou negro patibulo
Do seu gremio surgindo! sobre o thalamo,
Da ventura, do amor tacito interprete,
Com lampejo maldito inda refulge

Da cobardia o ferro ! a iniquidade,
O luto, o sacrilegio, o crime, a morte,
Para sempre o amor, os santos laços,
Da familia quebraram ! crepe funebre
O passado envolveu ! . . . Extincto é tudo,
Rolou no ataude a pobre victima.
Extincto é tudo, ai ! tudo esconde a campa !
Só existe no povo sempre eterna,
Da tragedia a memoria, d'esse dia
A tradição funesta. Ainda agora,
Em dia de finados, quando os sinos
A's preces nos invocam, lamentaveis
Nessa parte do paço inda s'escutam
Da duqueza infeliz longos gemidos !
Ainda á meia noite o mudo espectro
Pelas salas procura em vão o esposo !
Ainda se descobre sobre o marmore
Do seu sangue innocente nodoa eterna !

FIM

NOTAS



NOTAS

Não sei qual será o futuro do meu obscuro trabalho, d'este desconhecido poema ; as vicissitudes da vida são tantas e tão variadas, que ao homem o mais perspicaz não é dado prevel-as, nem prevenil-as. A todos é absolutamente vedado o mysterioso ádito do porvir : desconhecemos portanto o que o destino nos reserva.

Verá a publicidade um dia a *Duqueza de Bragança* ? . . .

Ignoro : mas se a vir, se não fôr recebida com a gargalhada dos criticos, com o desprezo dos eruditos sizudos, uns e outros não deverão estranhar o addicionamento das notas, que deverão aos menos doutos rememorar circumstancias, que presidiram á

estructura d'algumas estancias, que parecendo talvez ao observador superficial recheadas de defeitos e de vulgaridades, só foram escriptas pelo contrario com a intenção de moldar a linguagem a epochas, classes ou individuos precisamente determinados.

Tem-se propagado o gosto da leitura mais que o da instrução! isto não é um paradoxo: muitos lêem só e exclusivamente por distração. Estes conhecem e têm familiaridade com os ultra ou antes pseudo-romanticos, mas desconhecem as escolas, e seriam incapazes de discriminar este ou aquelle periodo, esta ou aquella phase da litteratura.

Quantos admiradores de Paulo de Kock saberão que houve uma esposa d'um duque de Bragança, que foi assassinada por seu marido?

Além d'isto não se pôde negar, que os nossos antigos chronistas, sobre determinados successos são deficientissimos; a historia propriamente dita mais deficiente ainda tem sido entre nós, os documentos escriptos são raros, pouco vulgares e soterrados no pó d'esta ou d'aquella bibliotheca. As ordens monasticas raspam quasi todas essas antigualhas, que substituiram por antiphonas e elegias seraphicas!

Por tantas razões pois ha grande numero de individuos para quem as notas são sempre bem vindas, sobretudo quando podem esclarecer pontos obscurecidos pela pouca diffusão de conhecimentos, que a elles se referem.

Eu bem sei, que este genero de litteratura é pouco propenso a popularisar-se: o gigante da poesia, Garrett é menos conhecido do vulgo que Soares de Passos ou Palmeirim! mas enfim a illustração tem

feito grandes progressos, e devemos esperar que o poema chegará um dia, aonde tem chegado a xacarra ou a canção.

Quanto à escola ultra-realista, essa está ainda no seu periodo aureo; mas, mercè de Deus e do bom gosto, confiamos que esse periodo será ephemero.

CANTO PRIMEIRO

Do rispido João largando a senda.

D. João II, antecessor de D. Manuel, foi sem contradicção o maior rei da dynastia d'Aviz, e a sua maior gloria, o prodigio do seu reinado, foi o golpe audaz e certo com que elle soube prostrar a altivez, o orgulho, o poder dos senhores feudaes, arruinando ao mesmo tempo a sua colligação com a theocracia. A cabeça do orgulhoso duque D. Fernando de Bragança rolou no cadafalso, como a de qualquer simples mortal, o punhal atalhou no peito do duque de Vizeu os seus projectos de regicidio, e no alto clero houve quem, como aquelles que elle roubava á luz, á familia, á vida, nos seus carcerees privados, morresse nas cisternas, enquanto outros eram perpetuamente expatriados, e iam aos pés do supremo solio pontifical renovar o juramento d'uma obediencia passsiva e exclusiva.

D. Manuel inaugurou outro systema e com elle predispoz a ruina de Portugal, que, materialmente

extenuado em Alcacer Kibir, só foi realmente morto nos conciliabulos d'uma nobreza corrupta, (da qual a parte sã succumbira,) e nos conventiculos d'um clero, elevado ao apogeu da preponderancia e predominio pelo fanatico filho de D. Manuel, que nada mais fez, que proseguir na senda, que traçada lhe fôra por seu pae, a quem a fortuna tanto sorriu, e que tão pouco tacto governativo possuiu como rei.

—

Na esphera da cartaz-diplomacia.

Isto é portuguez de lei, creio eu. Ha-de haver muito quem embirre com a phrase, mas ella, á força de ser obscura, não póde deixar de ser inoffensiva.

N'este seculo ou sempre a diplomacia tem sido o cartaz mais impostor de quantos apregoam pelos angulos da terra as miserias das sociedades.

—

Do feliz vencedor da bella Alhambra

Fernando, rei de Castella e Aragão, o feliz competidor do nosso D. Afonso v, o rival de D. João n, o que teve a gloria d'expulsar os sarracenos do ultimo canto de terra, que occupavam na península, do reino de Granada, aonde ainda hoje existe a formosa e poetica Alhambra, paço e harem dos reis ou emires musulmanos.

—

Solemne juramento proferira

D'amor o mais leal... etc., etc.

Nunca D. Jayme amou, nem foi amado por D.

Leonor de Mendonça, filha de D. João de Gusmão, duque de Medina Sidonia. Bem pelo contrario o seu casamento foi premeditado e ajustado pelo rei D. Manuel e a velha duquesa de Bragança : foi filho de calculos ambiciosos, de falsas talvez e erradas conveniencias politicas. Nada mais.

E á c'rôa portugueza novo brilho
Vossos filhos darão.

Estas predicções posthumas são já sedicças, mas emfim relevem-me esta puerilidade, porque apresento o bom do monarcha tão enthusiasmado e expansivo, que não admira, mesmo para lisongear o exforagido, que ostentasse por um momento o dom profetico !

O que ao ver ante si a vez primeira
O solio, pensou ver o cadafalso

Quando D. Manuel, então duque de Beja, foi chamado á côrte, apoz a execução de seu irmão o duque de Vizeu, so foi por fraqueza e irresolução e não por bem fundamentada esperanza ou audacia propria ; porque elle ia convencido de que ao menos uma escura prisão d'estado era o solar que o aguardava.

O duque de Coimbra, atroz perfidia
Lançou na sua gloria nodoa escura.

D. Pedro, filho de D. João I, era um dos mais illustrados d'essa gloriosa pleiade de principes, filhos d'aquelle monarcha e de sua virtuosa esposa D. Fi-

lippa de Lencastre. Regente, a sua iniciativa fecunda, as sympathias geraes, que grangeára, acarretaram sobre elle os odios da nobreza, cujos obsoletos privilegios começara a cercear. Essa orgulhosa classe jurou vingar-se, e logo que o inexperiente D. Alfonso v, chegado á maioridade, empunhou as redéas do governo, principiou uma intriga infame, que terminou na sanguinolenta tragedia d'Alfarrobeira: combate, onde, com os melhores de seus amigos, o desditoso principe perdeu a vida, essa vida que votára ao engrandecimento, e prosperidade do seu paiz. O chefe, o mais violento, o mais encarnicado dos seus inimigos era o duque de Bragança.

Do principe perfeito, etc., etc., etc.

Foi como a posteridade reconhecida alcunhou o rei D. João II.

CANTO SEGUNDO

Ó terra transtagana, és despresada!

E é verdade: como se não fôra bastante o desprezo com que nas regiões officiaes olham esta provincia; como se não foram bastantes as asserções inexactas e ate calumniosas, que se tem avançado sobre esta risonha parte do nosso bello paiz; como se não fôra bastante o nosso reprehensivel e habitual desleixo; até por uma sina fatal e infeliz Alem-



tejo inda não teve uma voz energica, que advogasse a sua causa, que o elevasse ao logar que de direito lhe pertence entre as outras provincias de Portugal.

Sei que aqui não ha um complexo de tantas bellezas naturaes como em Cintra, no Lima, no Minho, no Mondego, logares poetisados por tantos escriptores illustres: mas sentimos uma indizivel magoa quando vemos, que ate o Algarve, inferior em quasi tudo ao Alentejo, menos no seu extenso littoral, já foi divinizado pelo Camões do nosso seculo, o sr. visconde d'Almeida Garrett, ao passo que o Alentejo inda a ninguem mereceu uma estrophe de sympathia, uma pagina de cordeal affecto. Levanto eu agora a voz obscura a pro da minha terra natal, e oxalá que outra mais ancorisada se erga depois, que mereça ser respeitada na arena das lides litterarias, como a de um seu condigno campeão e defensor. Oxalá que ao menos eu pudesse servir de estímulo...



No sumptuoso paço ha pouco erguido

Foi effectivamente D. Jayme, que mandou edificar o palacio de Villa Viçosa, assim como a bella casa de campo e o parque: antes d'isso viviam ou habitavam os primeiros duques de Bragança e o proprio D. Jayme até á epocha do seu casamento no Castello Velho. Data de 1501 a edificação do palacio.



Ao boi diario

Mais um ligado iria ao sacrificio!

As ordens monasticas pertencem á historia, e e uma





cobardia, dir-nos-hão, escarnecer d'um cadaver. Mas ha a certeza de que os frades estão realmente bem mortos?...

Isto foi escripto ha trinta annos: agora 1898, podemos asseverar que os frades estão vivos e bem vivos

—
Mas estou a dizer auctorisado etc.

Seja-me relevada esta falta: bem sei que isto e genuino seculo dezenove transplantado para 1500! Mas relevem-me o approximar tanto de nós *civilisados* aquelle seculo *barbaro*, ou antes o fazer recuar o seculo dos folhetins e das *jangadas couraçadas* até aquella epocha *feroz* d'heroicidade.

—
Nos largos as fogueiras, as borrachas...

Isto e a verdade: nas alegrias populares ha sempre muito de reprehensivel. O meu intento não e ridicularisar o povo; o ridiculo recairia todo sobre mim.

—
Na capella do paço aos nobres conjuges

Um pequeno quadro do seculo dezeseis. Eis o que diz Sousa na sua Historia Genealogica: Celebron-se o contracto em Lisboa em 11 de setembro de 1500; sendo procuradores D. Pedro d'Estopinhão e D. Lopo de Sousa. Deu o duque de Medina Sidoia em dote a sua filha vinte e seis contos, sendo um em prata e dois no enxoval, incluindo no total oito contos, que legára a D. Leonor sua avo, D. Leonor de Mendonça.





Foram as arilhas cinco contos. O contracto foi confirmado pelo rei aos 11 de setembro de 1500. Em 1502 veio a duqueza para Portugal.

CANTO TERCEIRO

O valor invocai do fragil peito

N'este extenso preambulo d'Anna Camella, desejo figurar o gozo nefando da perversidade quando tortura a innocencia.

CANTO QUARTO

D'um homem como eu sou, d'um cavalleiro

N'esta insistencia em fazer lembrar que o era, quero eu lembrar, que o não era; e mesmo em certas phrases quasi rasteiras pretendo desenhar o typo do homem de baixa esphera elevado pelos caprichos d'um poderoso á condição de seu favorito; uma entidade parecida com muitos titulares do seculo dezenove! Todavia, para descargo de consciencia devo dizer que, se effectivamente existiu este Fernão Velho no palacio de D. Jayme, se effectivamente elle andou envolvido no trama, que é o assumpto d'este





poema, eu não tenho ainda assim documentos para asseverar, que elle fosse tão mau como o pinto. O que me é indispensavel e attenuar o mais possivel o odio que deve no final inspirar o assassino d'uma mulher — mas fazendo com que outros vão antecipadamente partilhando tão tremenda responsabilidade.

CANTO QUINTO

Quanto soffre na terra sem queixumes
Essa imagem dos anjos.....

Fallei da mulher, fallo agora da mulher-mãe. Sou homem, dirão, não posso conhecer a intensidade, a extensão do amor maternal: talvez, mas parece-me que o idealizo, que o adivinho! E' que eu tive a melhor das mães, que perdi no fatal dia 11 de janeiro de 1864, depois de me ter guiado atravez das primeiras borrascas da vida com os conselhos da sua experiencia, da sua prudencia, do seu aerisolado amor. Uma prolongada e cruel enfermidade me assaltou, mas como foi suavizada quando ella me apertava nos seus braços, quando eu sentia cairem sobre mim as suas lagrimas, as mais puras, as mais desinteressadas, as mais verdadeiras, as lagrimas de mãe! Exalte embora a historia o heroismo das espartanas, a historia quasi nunca tem coração. Esse heroismo e o requinte da barbaridade, incompativel com a nossa indole, com os nossos principios reli-





giosos. Sim, o culto catholico commemorando a todo o passo os soffrimentos da Mãe do Christo, nos ensina o que e o verdadeiro, o Augusto, o immaculado amor de mãe.

A bruta serraania em que repousa
O genio das batalhas.....

O castello de Palmella. Quem ao contemplar essas venerandas reliquias dispersas por todos os angulos do paiz, não sente rejuvenecer-lhe n'alma o enthusiasmo pelo heroismo dos nossos antepassados, d'esses valentes que d'um cantinho da terra fizeram o modelo do mundo christão n'essas epochas de continuas luctas? quem não sente remorso das nossas discordias modernas, e vergonha do nosso definhamento actual?

Entre esses especimens do nosso antigo poder, um dos mais magestosos, senão o mais magestoso de todos, e o castello de Palmella. Vigiando cioso as bahias do Tejo e Sado, essas duas espaçosas entradas das invasões maritimas, inexpugnavel ante a sciencia militar d'aquelles tempos, elle attesta o poder, a influencia, a preponderancia da ordem militar de S. Thiago da Espada, a quem o doou, para o defender e augmentar, o filho do fundador da monarchia.

Quando, na estancia que origina esta nota, alludo ao mencionado castello, traço um rapido bosquejo das bellezas de Setubal; e não sou lisongeiro. E' uma coisa lindissima passeiar em tarde amena n'um barquinho ao meio do rio, e admirar d'alli a coròe de montanhas sobranceiras á cidade, tendo como





sentinellas perdidas o castello de S. Filippe e a antiga torre do pharol. Lá fora, solitaria e erma, está a poetica Arrabida sem os faustos monumentos de Cintra, mas solemne na sua rudeza, magnifica na sua simplicidade e, como aquella, tendo por eternos vizinhos o ceu e o oceano.

Nas tunicas vistosas, nas jorneás...

A quem não fôr desconhecido o vocabulario dos escriptores contemporaneos da dynastia d'Aviz devem ser familiares este e outros vocabulos, que ha muito desastadamente se tem deixado cair em desuso. Debalde o sr. Alexandre Herculano, o nosso inimitavel prosador, tem querido popularisar os mais lindos termos dos nossos primeiros classicos, em geral os nossos escriptores sem consciencia os desprezam para abastardar a lingua com as desenxabidas e pobrissimas phrases do idioma francez.

Assim iremos dizendo jorneas, como já preferimos outros vocabulos, e como ainda dizemos solaos e outras lindas palavras genuinamente portuguezas, mas que, apezar de adoptadas por Herculano e Garrett, não tem merecido as boas graças dos importadores de gallicismos.

Era o momo d'Elrei, o truão Abbas...

Não se revolvam sob a terra as ossadas dos dignos truões d'Elrei D. Mameel! Não fui vasculhar a nenhum manuscrito rarissimo o nome d'Abbas, foi o primeiro, que me lembrou. Pela minha parte fico tranquillo, porque tenho a certeza de que este obscuro





trabalho nunca irá esbarrar ás mãos d'algum poderoso Abbas-Pachá, ou d'algum Vizir-Abbas. E vejam o que é o mundo! o que a mim me pareceu um nome truanesco e um nome de grandes figurões. Mas se ha tanta grandeza truanesca por esse mundo! . . .

CANTO SEXTO

Que do mundo deserido á terra santa
Iria penitente.

Assim como a fuga e recolhimento de D. Jayme no mosteiro da serra d'Ossa é historica, e historica tambem a enegada sua peregrinação á Terra Santa. O duque fôra educado n'uma cõrte sombria e fanática, n'uma cõrte q'expellia dos seus dominios todos os filhos d'Israel, sem attenção ás immensas e innumeraveis riquezas, com que estes iam locupletar e engrandecer outras nações, e cuja falta tanto se devia sentir não so na vida normal, mas ainda mais nas grandes crises da monarchia hespanhola.

A educação fradesca operou desastrosamente em D. Jayme e tornou-o mentecapto. Veiu para Portugal e apesar da sua posição excepcional, apesar de marido e pai, tudo deixava, para de sotaina vestida ir passar longos dias em rezas com os monges da serra d'Ossa; não pôde, portanto, presumir-se que o levasse a Jerusalem outro motivo mais que o seu fa-





natismo e embrutecimento. Quando para lá se dirigia foi retido no Aragão; oxalá que tal não tivesse acontecido, a casa de Bragança não teria provavelmente nos seus annaes uma mancha indelevel, essa nodoa de sangue, que a historia regista n'uma pagina de luto.

surgiu ao fundo um homem, revestido
Com as vestes monasticas da ordem
Dos filhos de Domingos.....

Não me accussem d'armar ao effeito introduzindo os frades a cooperar efficazmente para o tragico final do poema. Attendi ao effeito, não ha duvida; mas deveria eu hesitar, deveria ter remorsos, faria eu uma injustiça em apresentar os frades como principaes motores n'uma obra de sangue, e fazendo mesmo transluzir n'elles um intento tão grande quanto ominoso, qual o do sacrificio da independencia de Portugal? Seria eu tambem injusto em preferir um dominicano? Não fui, não por certo. Tudo que em mal se diga dos frades d'essa epocha, e especialmente dos frades de S. Domingos, tudo e pouco para o que elles mereceram!

Seria facil provar-se que frades intervieram directamente no assassinio da duqueza D. Leonor? talvez que o fosse, mas prescindindo d'isso pergunto: Porque foi D. Jayme assassino? porque tinha um caracter abjecto: Porque tinha elle esse caracter? porque era fanatico: Porque era elle fanatico? pela educação que lhe deram: Quem o educou? os frades.

Ainda mais: Que predominio viu D. Jayme esta-





belecido na cõrte de Hespanha? o dos frades. Como se manifestava esse predominio? por mil scenas de horror e de sangue! Que veiu encontrar o duque em Portugal? Esse mesmo predominio desenvolvendo-se a passos agigantados: Como se manifestava esse desenvolvimento? pelo da intolerancia e o d'esta pelo roubo e pelo assassinio!

O duque era um espirito fraco, cercado por negras superstições desde o berço, tornou-se misanthropo, supersticioso, fanatico, desconfiado, cruel e assassino.

Contribuiram ou não os frades para a perda da nossa independencia? e certo que não so contribuíram mas que ate se não fossem elles, nunca o jugo estrangeiro nos teria sido imposto. Foram elles que nos empobreceram, enfudando a si proprios um terço das terras, fazendo expulsar para fora do paiz o numerario e com elle a unica gente de commercio d'aquelle tempo os judeus; foram elles que nos aviltaram, tomentando e dirigindo a intolerancia e o massacre, que á sombra da nossa bandeira infelizmente se implantou em todos os angulos do globo; foram elles que nos extenuaram, levando D. Sebastião á Africa; e finalmente foram elles que nos deram o golpe de misericordia, isolando o cardeal-rei, mettendo-lhe na cabeça a irresolução e os escrúpulos, que consummaram a ruina de Portugal.

Foram ou não os dominicanos os que mais se avantajaram n'esse execravel empenho?

Oh! se foram! apoderando-se das consciencias pelas suas predicas, pelas suas pseudo-missões, tendo pelo seu relativo desenvolvimento intellectual





adquirido espan'osa supremacia sobre a nobreza, a quem o ouro e poderio territorial intorpecera e corrompia : dominando bem ostensivamente o clero regular, reduzindo a mero e faminto agente o outro clero, acabaram por estabelecer e confirmar o seu completo dominio pela organisação do tremendo tribunal do santo officio, e pela sua introducção na Hespanha, onde todos os poderes se curvaram ante a sua espada de sangue, ante o seu irrisorio emblema de paz. Em Portugal era quiza latente a sua organisação, e só esperavam a ascensão ao throno de um rei pusillanime ou scelerado para accender as fogueiras da sua abominavel intolerancia, fogueiras, que já começavam a illuminar com labaredas sinistras todo o resto da peninsula.

Mas elles sabiam que a indole aqui era outra e conheceram logo que a unificação da peninsula redundaria em proveito de seus tenebrosos fins : era mais facil reduzir a zero o poder real, inda ha pouco tão cioso da sua omnipotencia, em Madrid do que em Madrid e Lisboa ; era mais facil corromper uma cõrte toda propensa ao fanatismo, do que duas cõrtes, n'uma das quaes dominavam ainda as ideas cavalheirescas e o espirito aventureiro ; era finalmente mais facil embrutecer um povo pequeno ainda pouco conscio do seu poder e da sua gloria, algemando-o e comprimindo-o entre as turbas numerosas d'outro povo já amadurecido no embrutecimento. Dominar todas as Hespanhas pelo terror soprado d'um unico foco era pois o sonho da inquisição, e por isso a independencia portugueza era um embaraço que convinha remover.



Quantos annos lidaram para o conseguir, ninguém o pôde dizer ao certo, mas lidaram muitos, e e muito possivel que já lidassem muito antes do estabelecimento definitivo da Inquisição em Portugal. Quando os gigantes animaes ou vegetaes ou mesmo os produzidos pelo trabalho e pela industria cahem prostrados pelo lidar incessante dos vermes, pôde alguém conhecer pelo effeito a duração da causa? Ninguém: mas foi por certo muito diuturna. Foi tambem o que nos aconteceu: gigantes como o que nasceu em Ourique não se fazem desabar senão com a constancia e infernal astucia que usaram desde longo tempo os vermes asquerosos da inquisição.

A arte venatoria o seu prestigio
Levára ao apogeu...

E' tradicional, e peculiar aos monarchas portuguezes a paixão pela caça. Já por causa d'essa paixão ouvira D. Affonso IV das côrtes nacionaes o memoravel e historico — senão, não. — E ainda o ultimo dos nossos reis, o chorado e desditoso D. Pedro V, parecia encontrar na caça um dos seus mais dilectos entretenimentos.

Como a grande maioria dos seus antecessores, D. Manuel foi muito apaixonado pela arte venatoria e pela altaneria, e segundo as chronicas do tempo, um dos seus mais intelligentes cultores.

Ora o que é certo é que, não so a côrte portugueza dedicou sempre a essa arte excessivos desvellos, considerando-a como em dos seus privilegios, mas ate mesmo não vae longe o tempo em que



a nobreza de quasi todas as nações da Europa fazia dos seus parques um monopolio tenacissimo; costume derivado de tempos muito anteriores, e que se prolongou atravez de toda a idade media. Os monarchas, que eram os primeiros nobres, coadjuvavam e mantinham com o seu exemplo o gosto pela altaneria, que hoje está quasi extincto. assim como dos seus antigos preconceitos e restricções está hoje a arte venatoria reduzida a um passatempo salutar e hygienico, ao alcance de todos.

Ver mais não quero

A que ousa deshonnar perfida, ingrata,
Da casa de Bragança o nome illustre!

Prevejo que serei arguido por fazer sahir estas palavras da bocca d'um pae deante de seu filho, referindo-se a sua esposa e mãe d'aquelle que as ouvia.

Mais uma vez repito que so quero fazer bem sobresahir a organisação moral do duque D. Jayme, o genio e caracter singular d'esse homem fanatico e caprichoso, que não foi por mim fantasiado, mas que e attestado por todos os auctores serios, que d'elle tratam, e ate por aquelles que gratuitamente lhe dispensam louvores. Pergunto: quem foi capaz d'assassinar a sangue frio sua mulher, não seria capaz de proferir aquellas palavras deante de seu filho? Vemos por ali todos os dias escriptas coizas bem mais inverosimeis.

—
Diz que ao lódo

Arrojei meus brazões...

Isto não e historico: o que e certo e ter o duque





recebido um cartel formal de desafio, a que deu uma resposta vilíssima, mas foi n'outra occasião, como n'outra nota mais adeante demonstraremos.

CANTO SETIMO

Era no outono
De galas ja desertas as campinas
A' mercè do tufão...

N'estes, nos antecedentes e nos seguintes versos descrevo e julgo o outono, como elle costuma ser vulgarmente descripto e julgado. Não escrevi o que sinto: tenho uma predilecção pronunciada por essa estação melancolica, que tanto se coaduna com o meu modo de pensar, com o meu sentir, e com o modo por que em these encaro este eterno e ephemero drama da vida.

O outono tem na verdade tristezas, que se nos communicam, mas são tristezas, que nos elevam muito além da materialidade do gyro commum, que nos approximam do futuro, que, seduzindo-nos por attracção desconhecida, nos induzem a crer, a esperar uma coisa boa, muito melhor que tudo quanto conhecemos, o impossivel talvez. As folhas cahidas são na verdade como que um symbolo mysterioso, que o Creador antepõe annualmente á imaginação do homem que tem não sabemos se a ventura se a desgraça de saber pensar: que bellezas, que





poesia, que inexplicavel encanto ellas encerram! São como essas outras Folhas Cabidas, que tendo por significação os ultimos devaneios do nosso maior poeta moderno, são talvez a mais virente coròã da sua musa lyrica, um dos maiores florões da sua gloria litteraria, o conjuncto das mais suaves concepções d'esse genio profundo, que, depois de tres seculos d'abatimento, veio por assim dizer resuscitar Camões, já no famoso monumento litterario que lhe dedicou, já com o seu estro e producções, que vieram rivalisar por essa Europa com as grandiosas concepções de Petrarcha, d'Ariosto, do Tasso, de Dante, de Milton, de Walter-Scott e de Shakespeare. Poeta, romancista, historiador, chronista, dramaturgo, publicista e homem d'estado, o Visconde d'Almeida Garrett é o rival de Camões, é em Portugal o primeiro vulto na republica das letras, e ainda depois de morto o espectro implacavel dos insignificantes, dos invejosos, dos medioeres e despreziveis plagiarios!

Divagamos insensivelmente, como sempre divagamos quando a nossa imaginação repousa sobre o tumulo do grande poeta, ou antes do restaurador da nossa poesia: tumulo que não carece d'epitaphio porque o tem escripto por todo o mundo culto nas obras d'aquelle, cujos restos abrigou.

Fallemos do outono: sou fanatico por elle, e elle é ingrato para commigo! e sem duvida durante o outono que tenho supportado as maiores decepções, que tenho atravessado as maiores e mais dolorosas crises da minha mocidade. Essas folhas cabidas, juncando o solo, em que vejo tanta poesia, em que encontro o



mais vasto assumpto para meditar, tem sido muitas vezes para mim precursoras d'algum accidente funesto, d'algum successo fatal ! As ultimas folhas cahem sobre tumulos de fresco cerrados, tumulos que encerram os entes, que me tem sido mais caros, e cuja memoria será sempre abençoada pela núnha eterna gratidão e saudade.

As horribeis torrentes de chuva que sempre tem acompanhado esses luctuosos trances, não são por certo as chuvas do outono ameno, gracioso e meigo, de que sou apaixonado ! Essas chuvas são como que acarretadas por um destino feroz para involver e recalcar mais a terra, que para sempre encobre essas estremeçadas reliquias ; são o coro magestosamente tetrico da natureza às tempestades do coração, às procellas tormentosas da vida ; da vida que se agita em redor d'um fêretro sem lhe poder incutir o movimento e o sentir ; da vida que se esvae como um sonho a um aceno do Omnipotente !

Tanto o outono é bello, que n'esses dias d'amargura foge, foge sempre, cedendo o campo ao assolador e prematuro inverno : depois reaparece, para com suas galas, com sua placida melancolia, suavisar os espinhos da saudade, as dôres causadas pela fouce desapiedada da morte.

Des designios da ordem, senão breve
Alguma se erguerá...

No estado em que effectivamente estava a sociedade n'aquella epocha, os frades não podiam deixar de prever, que se elles se não anticipassem, uma



outra instituição viria colher os fructos da extensissima messe d'embrutecimento e de miseria, que elles tinham semeado; e essa instituição não podia ser senão uma milicia religiosa. Por isso os mais intelligentes, (e entre elles havia-os e muito,) deviam já presentir no vacuo o embryão da companhia de Jesus.



Valiosa prenda,

Que em grão dia á esposa dera o duque,

Pertence hoje a D. Jorge...

E' historico: a causa maior do furibundo despeito de D. Jayme foi uma joia, que vira a Antonio Alcoronado, joia que elle dera á duqueza. Este nome é que é o legitimo da victima do duque, que eu crismei em D. Jorge.



Do cutello promulga a lei iniqua

Quem na gorja o merece...

— Mal com os homens por amor d'el-rei, mal com el-rei por amor dos homens — exclamou na sua desgraça um dos nossos heroes: assim sou eu mesmo sem ser heroe! Verberando por igual os crimes os defeitos do clero, nobreza, realeza e povo, hei de desagradar e incorrer nas iras de todos: paciencia. Fallo sem constrangimento, mas com consciencia, de qualquer classe, seja ella qual fôr, e os meus instinctos e principios democraticos não me levam até santificar as atrocidades d'anarchia popular. Nem precisamos ir buscar os sanguinarios exemplos da revolução franceza, ou d'invocar o nome odioso de Cromwel, temos bem tristes exemplos de casa. Quem



ignora ahí os episodios tragicos da nossa luta da successão?

—
 D'essa rigida epocha, do seculo,
 Que a transição dispunha á nova indole.

A transição da idade média á nova idade, do feudalismo ao despotismo real, e entre nós d'este ao ferreo jugo da theocracia. A transição das eras cavalheirescas á sordida materialidade, que sob differentes phases tem chegado aos nossos dias, e que Deus sabe até onde, como e com que consequencias se prolongará.

—
 CANTO OITAVO

—
 Com brio a sustentar illeza a honra
 Da regia, illustre estirpe de Bragança...—

Foi o primeiro duque de Bragança D. Alfonso, filho bastardo de D. João I e de D. Ignez Pires; nasceu no castello de Veiros em 1370. Foi o segundo duque D. Fernando, que casou em 1429 em 28 de dezembro com D. Joanna de Castro, filha de D. João de Castro, senhor de Cadaval.

Foi o terceiro duque D. Fernando II, que casou em 1447, sendo ainda apenas marquez de Villa Viçosa e conde d'Arraiolos, com D. Leonor de Menezes, filha de D. Pedro de Menezes, segundo conde de Vianna, não tendo filhos d'este matrimonio. Ca-

sou segunda vez em 19 de setembro de 1472 com D. Isabel, irmã d'el-rei D. Manuel e da rainha D. Leonor, filha do infante D. Fernando: nascera a duqueza em 1459 e morreu em abril de 1521. Os filhos que D. Fernando teve d'este consorcio foram, o primogenito D. Felippe, que morreu novo e com desconfianças de ter sido envenenado; D. Jayme, que lhe succedeu; D. Diniz, conde de Lemos, e D. Margarida, que morreu inda creança. Morreu o duque no cadafalso na praça d'Evora em 21 de junho de 1483, accusado d'intelligencias e conluio com Hespanha.

Foi o quarto duque de Bragança D. Jayme, o protagonista do nosso poema: nasceu em 1479 e, depois de muito novo, na idade de quasi cinco annos, se ter exilado na corte de Castella, depois da morte de D. João II, foi por D. Manuel chamado do seu desterro em 1496, entrando em Portugal no primeiro de maio, indo encontrar a corte a Setubal.

Oh! contempla este sangue... é d'elle...
morre...

Foi effectivamente no dia 2 de novembro que D. Jayme assassinou sua esposa. Diremos agora como os chronistas nos relatam o nefando successo, e a extravagante defeza, que o duque para si buscou.

Matou a duqueza em 2 de novembro de 1512, mandando depois inquirir e devassar pelo bacharel Gaspar Lopes, ouvidor da sua casa e por João Alves Mouro, juiz ordinario de Villa Viçosa; devassa em que as testemunhas não podiam ter legalidade

por serem familiares e creoulos do duque, não servindo estas informações de mais que uma affectada justiça, porque não podem destruir a fama e constante opinião da innocencia da duqueza.

Antonio Alcoforado, a quem o duque não quiz matar por suas proprias mãos, o mandou degolar por um negro com um machil da cozinha.

A duqueza, que ignorava o que se passava, ouvindo um grande ruído, assustada foi em busca de seus filhos, e sobre a cama em que elles estavam a encontrou o duque, e vendo-a, voltou e mandou entrar o capellão para a confessar, e tendo-o feito entrou o duque, a quem a duqueza animosamente perguntou porque a queria matar? E dizendo-lhe o duque, porque lhe fora traidora, ella lhe respondeu: nem eu sou traidora, nem meus avos o foram nunca. E com outras muitas razões lhe disputou a accusação com tanta constancia, que o duque se deu quasi por convencido, e das persuasões do capellão, que clamava pela sua innocencia. Sahindo da casa o persuadiu um creado, chamado Pedro Vaz, a que voltasse: o que com elle fez o duque; e sendo o executor da morte, com cinco feridas lhe tirou a vida.

Todas as memorias unânimeamente affirmam, que morrera innocente, sem que se leia uma, que diga o contrario.

O crime foi por causa d'uma joia, que o duque lhe dera, e ella deu a uma dama, que era namorada pelo sobredito moço fidalgo, a quem a deu, e o duque lh'a viu no chapéu. Perguntou á duqueza por ella, que julgando que elle levasse a mal o toldado, respondeu que a tinha com as mais; e dicen-



do-lhe elle que a apresentasse, e não o fazendo ella, a matou sem mais provas.

Diz-se tambem, que Fernão Velho lhe apresentára umas cartas, que se dizia eram mandadas escrever pela duqueza para o seu amante.

Com Antonio Alcoforado tambem o duque não foi impetuoso, revestiu-se da mesma frieza, da mesma *piiedade* feroz, da mesma execranda minuciosidade, de que usára para assassinar sua mulher:

Depois d'aquelle estar no guarda roupa da duqueza, os espias se collocaram debaixo da janella por onde elle subira, e que dizia para o jardim. Foram presentidos; e uma mulher chegou á janella, e disse: quem está ahí. Jesus, quem está ahí? Um homem respondeu debaixo. sou Pedro Vasques: um homem que está lá dentro, não saia, porque se sair mata-o-hei: aguarde o duque que vae lá, e ponha-se em suas mãos.

Um homem chegou então á janella, e disse: deixae-me sabir pelo amor de Deus, não me mate o duque. Conheceu-o Pedro Vasques, e replicou: pagareis com quatro ou cinco duzias de açoutes.

Antonio Alcoforado (este era o de cima) disse então aterrorisado: não me matará o duque? Não. açoutar-vos-ha. Depois lançou a espada pela janella, no momento, que o duque entrava, e mandava matar o moço fidalgo, depois de o ter tambem mandado confessar.

Nota-se em tudo isto o character reservado, fanatico, cobarde, ridiculo de D. Jayme; custa a conceber-se, que haja um homem, que perpetrasse dois assassinatos, sendo um em sua propria esposa, sem



que se possa justificar com a precipitação do furor, que n'uma conjunctura tal poderia accommetter qual-quer homem. Nota-se mais, que houve effectivamente pessoas, que instigaram o duque, e que o encaminharam a tão deploraveis e horrorosos excessos. D. Jayme era uma alma timida, a educação fradesca fez d'elle . . . um algoz! . . .

Diz-se que o duque mandára lançar o corpo da duqueza n'um esquife, e collocado este no dorso d'uma mula, que mandou abandonar fóra da villa, ella fóra parar á portaria do mosteiro de Montes Claros, dos ermitas de S. Paulo da serra d'Ossa.

O que porém é certo, é que alli foi sepultada a duqueza, até que seus ossos foram trasladados, por ordem do duque D. Theodosio II e da sr.^a D. Catharina, para o mosteiro de Nossa Senhora da Esperança de Villa Viçosa, onde foi collocada no côro debaixo em 30 de novembro de 1590.

Teve D. Jayme de D. Leonor, dois filhos, que foram D. Theodosio, depois primeiro duque d'este nome, e D. Izabel.





INDICE

	Pag.
CANTO I — O regresso do Duque.....	1
CANTO II — O consorcio.....	23
CANTO III — Despeito e ciuime	47
CANTO IV — Amor maldito.....	69
CANTO V — Aurora ephemera	89
CANTO VI — Preludios da catastrophe.....	115
CANTO VII — Fatalidade	139
CANTO VIII — Marido e Algoz	161

NOTAS	187
Canto I.....	189
Canto II.....	192
Canto III	195
Canto IV.....	195
Canto V.....	196
Canto VI.....	199
Canto VII.....	205
Canto VIII	209

